



# PUC RIO

MARIA ISABEL DE ANDRADE FORTES

O. QUE ELA TEM QUE EU NÃO TENHO?

Uma questão no estudo da sexualidade feminina  
em Freud e Lacan

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, janeiro de 1993

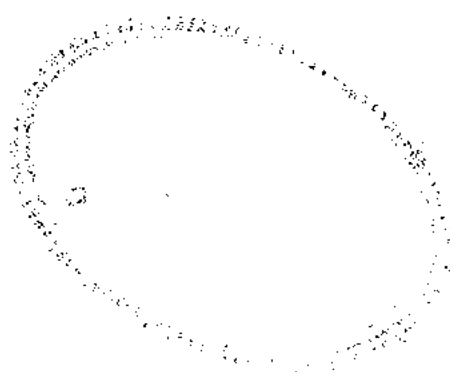
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Departamento de Psicologia



# *O que ela tem que eu não tenho?*

*uma questão no estudo da sexualidade feminina  
em Freud e Lacan*

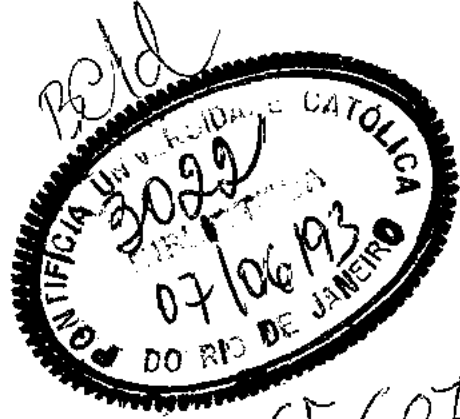
*Maria Isabel de Andrade Fortes*

Orientadora: Monique Rose Aimée Augras

Co-orientador: Octavio Souza

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como  
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica  
Rio de Janeiro, janeiro de 1993

H/C 43559-3



65607

150  
F4389  
RES EUC

Às mulheres da minha vida,  
inspiradoras dessa tese.

Ao Joel que, com carinho e firmeza,  
tem apontado o caminho do feminino.

## Agradecimentos

— A *Octavio Souza*, que me orientou com presteza e generosidade neste percurso, sou imensamente grata pela profundidade com que me leu.

— A *Anna Carolina Lo Bianco*, orientadora da primeira etapa desta dissertação, agradeço a interlocução precisa e a força que sempre me deu.

— Aos companheiros *Thais Ribeiro*, *Marisa Maia*, *Márcia Merquior*, *Daniel Kuperman* e *Pedro Mendes*, pela riqueza dos confrontos teóricos comprometidos unicamente com o prazer do exercício de pensar.

— A *Maria Augusta*, minha mãe, quem sempre instigou minha paixão pelos livros, agradeço a força e o alento permanentes.

— A *João*, meu pai, um exemplo de guerreiro, pelo amor.

— Às minhas irmãs *Vitória*, *Beatriz* e *Cristina*, « inspiradoras ».

— A *Mara Faget*, interlocutora amiga dessas e tantas outras questões teórico-clínicas.

— A *Elizabeth Tolipan*, cuja força incentivou-me a avançar *mais, ainda*.

— Aos amigos *Carminha Bérnago*, *Nathalie Nery* e *Antônio Guimarães*, cuja presença carinhosa está marcada nestas páginas.

— A *Alexandre Belfort*, um encontro frutífero com a lógica matemática.

— Ao CNPq e ao Departamento de Psicologia da PUC-RJ, que tornaram possível a realização deste trabalho.

## Resumo

A presente dissertação trata da questão da relação entre as mulheres, vista sob a ótica da psicanálise e de alguns livros de Marguerite Duras. Percorre-se, nos dois primeiros capítulos, a trajetória teórica sobre a questão do feminino nas obras de Freud e de Lacan, destacando-se, no primeiro, a compreensão da mulher através do complexo de castração e da inveja do pênis e, no segundo, a especificidade do feminino a partir de uma via lógica. No terceiro capítulo, é abordada a problemática mais específica das relações entre as mulheres, a partir de duas vertentes. A primeira a enfoca a partir da relação da menina com a mãe, tendo em vista a importância do período pré-edipiano para a compreensão da sexualidade feminina. A segunda analisa a questão pelo viés da identificação. Por último, a relação entre as mulheres é trabalhada em dois romances de Marguerite Duras : *O deslumbramento* e *Détruire-dit-elle*.

## Abstract

The present dissertation discusses relationships between women from the viewpoints of psychoanalysis and of two books by Marguerite Duras. In the first two chapters, the theoretical discussions of femininity in the works of Freud and Lacan are discussed, with emphasis on Freud's view of women in the light of the castration complex and penis envy, and on Lacan's specification of femininity in terms of logical grounds. In the third chapter, the specific question of relationships between women is treated from two perspectives. The first focuses on the daughter-mother relationship, on the basis of the importance of the pre-Oedipal period for an understanding of feminine sexuality. The second analyses the issue from the angle of identification. Last, relationships between women are analysed as presented in two novels by Marguerite Duras : *Le ravissement* and *Détruire-dit-elle*.

## Carta a uma amiga

*Amiga,*

*Eu tanto quis que você me ensinasse*

*Nasce-ser mulher na vida*

*Túnel negro...*

*Amiga,*

*Hoje sei que o feminino é um exercício*

*de poética.*

*Hoje sei que o feminino é ter a ousadia de não saber, de*

*adentrar por caminhos incertos, de aventurar-se em tecer*

*uma história pessoal única.*

*Errante, querer errar*

*Não ter medo de ter medo da morte*

*Túnel negro...*

*Amiga,*

*Eu queria (quis tanto !)*

*que você dissesse o caminho.*

*Hoje sei que você também não sabe.*



## Sumário

Introdução . . . . .	1
Capítulo 1 — O Percurso Teórico do Feminino em Freud . . .	7
« O que deseja a mulher ? » . . . . .	7
1.1. Da simetria à dissimetria . . . . .	10
1.2. Aceder à feminilidade : uma troca de sexo ? . . . . .	21
1.3. A menina e sua mãe . . . . .	30
Capítulo 2 — Percurso Teórico do Feminino em Lacan . . .	44
2.1. De Freud a Lacan . . . . .	44
2.2. « A mulher não existe » . . . . .	49
2.3. Do todo ao não-todo : fórmulas da sexuação . . . . .	55
Capítulo 3 — As Relações entre as Mulheres . . . . .	65
3.1. A mãe, a mulher e as outras mulheres . . . . .	65
3.2. O que ela tem que eu não tenho ? . . . . .	74
3.3. A identificação (entre as mulheres) . . . . .	87
3.4. As relações entre as mulheres em alguns casos clínicos e textos literários . . . . .	101
O caso da bela açougueira . . . . .	101
O caso Dora . . . . .	103
Lol V. Stein e Tatiana Karl . . . . .	111
Alissa e Elisa . . . . .	117
Conclusão . . . . .	122
Anexo . . . . .	135
Bibliografia . . . . .	136
I. Sigmund Freud . . . . .	136
II. Jacques Lacan . . . . .	137
III. Marguerite Duras . . . . .	138
IV. Outros autores . . . . .	139

## Introdução

*Você sempre disse que eu era demais  
Que te fazia bem e que te dava muita paz [...]  
Mas um belo dia tudo mudou  
Você arranjou outra e me deixou [...]  
O que que ela tem que eu não tenho  
Preciso saber, você vai ter que me dizer, o que  
Você me trocou por uma loura [...]  
Eu passo o tempo todo a perguntar...  
O que que ela tem...<sup>1</sup>*

A esta letra de música devo a inspiração do título da presente dissertação. Quando a ouvi pela primeira vez, já se encontrava em andamento meu projeto de tese de mestrado sobre a questão da relação entre as mulheres.

A música ecoava em meu ouvido, pois dizia respeito, de uma forma sintética e interessante, àquilo que eu estava pretendendo escrever. Refletia sobre a pergunta « *O que ela tem que eu não tenho ?* », e, sem saber muito bem porque, era óbvio para mim que o *eu* da frase era um *sujeito-mulher*, independente do fato de ser a letra cantada por uma voz feminina. A meu ver, essa seria uma pergunta que uma mulher faria sobre uma outra.

« *O que ela tem que eu não tenho ?* » aponta, antes de mais nada, para uma mulher que *não tem*, comparando-se com uma outra que *tem*. Chama a atenção não só a suposição de que a outra

---

1 Emilia Caldas. « *O que que ela tem que eu não tenho ?* », música do LP *Afrodite se quiser*. A letra inteira desta música encontra-se no anexo.

mulher tem, mas também a própria presença aí do verbo *ter*. De fato, este verbo é divisor de águas da diferenciação sexual : ser homem/ser mulher não é uma questão anatômica, mas *um efeito*, o de *ter/não ter* o falo. Por esse motivo, a segunda parte da nossa *pergunta-título* é igualmente importante : « [...] *que eu não tenho* » fala, justamente, do lugar que a mulher ocupa no momento da distinção entre os sexos. O *sujeito-mulher* se percebe como castrada, como aquela que *não tem* o falo.

Como veremos ao longo desta dissertação, o universo entre as mulheres é circunscrito a partir da crença da mulher de que uma outra, enquanto remetida à mãe fálica, teria o falo que ela não tem.

Desta maneira, a música remete à inveja feminina. Para Freud, a *inveja* é o elemento princeps da constituição da sexualidade feminina, demarcada, por ele, na conceitualização da « inveja do pênis ». Este conceito pode ser desdobrado, segundo Piera Aulagnier-Spairini, para a *inveja da feminilidade*, que partilha, com o pênis, o estatuto de ser, por excelência, objeto de inveja para a mulher. O que a mulher inveja é, com efeito, a feminilidade, pelo fato de não se saber muito bem o que é ser mulher. O feminino é circunscrito, nas teorias freudiana e lacaniana, sob o signo do enigma. Como mostra Freud, todos os seres humanos são, primeiramente, inscritos na ordem simbólica como meninos, cabendo à menina, portanto, percorrer um duplo caminho até *tornar-se mulher*. Por isso Freud dizer que não se nasce mulher, mas torna-se mulher.

Mas, se concluimos, de imediato, que o sujeito da pergunta é uma mulher, isso fala, então, de um certo imaginário social que faz uma circunscrição de algumas representações ao campo das relações entre as mulheres, o qual será o objeto de estudo da

presente dissertação. O que circula entre as mulheres ? O que quer uma mulher... face a outra mulher ?

O presente estudo debruça-se, assim, sobre a presença da outra mulher na constituição da vida sexual feminina, tendo como *parti-pris* que ela ocupa um lugar de destaque, ficando, muitas vezes, o desejo da mulher acoplado ao desejo de uma outra, no sentido de desejar o que a outra deseja.

O terceiro capítulo é o *carro-chefe* da dissertação, pois trata desta questão de uma forma mais específica, circunscrevendo-a sobre os seguintes eixos teóricos :

a) O eixo da *relação da menina com a mãe*, cuja intensidade e duração foi bastante enfatizada por Freud. No texto « Sexualidade feminina », de 1931, ele expõe a conclusão de que :

[...] a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase *pré-edipiana*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase.<sup>2</sup>

A viscosidade da relação com o seu primeiro objeto de amor pode perpetuar na vida sexual posterior da mulher, nos seus relacionamentos femininos. Nossa hipótese é que *o engolfamento pela mãe, característico do período pré-edipiano, terá repercussões no período pós-edipiano não só no relacionamento com o marido, como é apontado por Freud,<sup>3</sup> mas também através da relação com outras mulheres.*

---

2 Freud. « Sexualidade feminina », in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.265.

3 Cf. Freud. « Sexualidade feminina », in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.265.

b) O viés teórico da *identificação*. A questão da identificação é de suma importância para a mulher pois, por não haver um significante próprio do feminino, a mulher, como ser falante, da mesma forma que o homem, vai identificar-se com o significante fálico, o passaporte de entrada para a ordem simbólica. Por só lhe serem oferecidos atributos fálicos com que se identificar, o problema para a mulher é em como reconhecer insígnias da sua feminilidade. A aproximação da outra mulher pode, assim, significar a busca de um saber sobre a feminilidade : será a outra que uma mulher dirigirá a pergunta sobre o que é ser mulher ? Esta é a segunda das hipóteses desta tese : *a partir da noção da não existência de um significante que caracterize o ser da mulher, é numa outra mulher, através da identificação, que uma mulher buscará um signo de uma possível identidade feminina.*

Algumas frases do senso comum, como é assinalado no terceiro capítulo, apontam para essa ligação, como, por exemplo, *Mulher não é amiga de mulher*, ou, *A mulher se veste para outra mulher*, assim como, igualmente, algumas figuras que nos são familiares, como *a melhor amiga* ou *a confidente*. Em meninas adolescentes, observa-se muito, com algumas amigas, um certo « colamento » : fazem tudo juntas, telefonam-se todos os dias (e várias vezes ao dia !), trocam todos os segredos, combinam de sair com roupas parecidas, e aí por diante, numa manutenção simbiótica da amizade. Muitas vezes, essas relações são rompidas de forma dramática. O que isso tudo quer dizer ? Teria a psicanálise algo a dizer sobre essa questão ? Tendo Freud valorizado o vínculo da menina com a mãe como a característica mais importante e mais específica da sexualidade da mulher, estudar o relacionamento com as mulheres parece ser, a meu ver, uma questão fundamental para a compreensão da sexualidade feminina, cujos estudos estão em pleno vigor, a saber pela grande produção teórica em torno do tema, constatada nas últimas

circulações editoriais psicanalíticas. Não atentar para essa questão, com as pacientes que atendemos em nossos consultórios, pode levar-nos a incorrer no mesmo erro clínico que Freud, tão generosamente, fez chegar a nós : ao tratar de Dora, Freud interpretou sua paixão pelo Sr. K. sem perceber que a vida libidinal da moça estava, na verdade, voltada para a Sra. K. O caso Dora e o caso da paciente chamada por Lacan de « a bela açougueira » são também trabalhados no terceiro capítulo. Neste último caso, um sonho da açougueira mostra a importância da figura de uma amiga na constituição do seu desejo.

Para uma melhor apreciação da questão, no sentido de fazer articulações que sejam proveitosas e trazer outras reflexões dentre as já existentes nos estudos psicanalíticos, serão trabalhados dois romances da escritora Marguerite Duras : *O deslumbramento de Lol V. Stein* e *Détruire-dit-elle*, onde são analisadas as relações especulares das personagens femininas. As histórias durassianas têm como *leitmotiv* a presença de duas mulheres em relação.

O quadro de referências teórico utilizado para a elaboração da problemática do feminino e a sua contextualização nas relações entre as mulheres são as obras de Freud e Lacan, assim como de outros autores afins. Devido a isso, o primeiro e o segundo capítulos são uma « preparação do terreno », o que, vale dizer, não reduz em nada a sua importância. A questão do feminino, por si só, já é bastante complexa, trazendo inúmeras dificuldades no seio mesmo dessas duas teorias, sendo uma das propostas do presente estudo levantar e articular, teórica e criticamente, alguns pontos fundamentais para a compreensão do feminino a partir da referência teórica na qual pretendemos nos apoiar.

Assim, os dois primeiros capítulos abrangem as questões mais gerais sobre o feminino, fundamentais para a articulação propos-

ta no terceiro capítulo sobre o tema mais específico da dissertação : o lugar da figura da outra mulher na formação da vida sexual feminina.

O primeiro capítulo traça o percurso teórico do feminino na obra freudiana, a partir da análise dos textos que abordam essa questão. A mulher tem um lugar privilegiado na construção dessa teoria, pois foi a partir de suas primeiras pacientes histéricas que Freud se colocou as questões originárias da teoria psicanalítica. Por outro lado, o feminino é também o lugar de chegada da teoria : em 1937, no texto « Análise terminável e interminável », Freud chega à conclusão que o feminino é aquilo com que o paciente terá que se haver no término de sua análise, ou seja, aquilo que se mostra como o obstáculo intransponível, aparecendo, para a mulher, sob a forma da inveja do pênis e, para o homem, sob a forma de um temor de assumir uma posição passiva frente a outro homem.

No segundo capítulo, estuda-se a trajetória teórica de Lacan em torno da questão. O autor parte das premissas teóricas de Freud, mas propõe uma análise através de um outro ponto-de-vista : *a via lógica*. Com a construção das « fórmulas da sexuação », Lacan oferece um lugar mais específico para a mulher, deslindando, assim, o impasse freudiano da inveja do pênis, quando examina a questão do feminino na sua articulação com a noção de *gozo*. A problemática da mulher tem a sua dimensão teórica calçada em um aforisma lógico : « A mulher não existe », a partir do qual desdobram-se pontos fundamentais para o estudo da sexualidade feminina, assim como da sexualidade em geral.



## Capítulo 1

### O Percurso Teórico do Feminino em Freud

#### « O que deseja a mulher ? »

A questão do feminino perpassa toda a obra freudiana como um enigma, uma indagação teórica que acompanhou Freud durante três décadas, conforme ele mesmo confessou a Marie Bonaparte :

A grande questão, que nunca foi respondida e que ainda não sou capaz de responder, a despeito de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é « Que deseja a mulher », « was will das weib » ?.<sup>1</sup>

Não só nesta observação, mas em muitos outros momentos, podemos perceber o quanto o feminino era, para Freud, um lugar de terras incógnitas.

Esta curiosidade, ao que tudo indica, não era só teórica : explorar as searas do feminino, enveredar por suas obscuridades, era para Freud também uma questão pessoal. Numa carta a Fliess de 7 de maio de 1900, Freud aponta como o feminino tem para ele uma especialidade e uma exigência :

Mas ninguém pode substituir, para mim, o relacionamento com um amigo, que é exigido por um lado especial — talvez feminino

---

1 Ernest Jones. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1989, p.416. Nota : Infelizmente Jones não especifica em que data Freud faz esta observação a Marie Bonaparte.



—, e as vozes internas que estou acostumado a escutar sugerem uma avaliação muito mais modesta de meu trabalho do que a que você proclama.<sup>2</sup>

É interessante notar que 37 anos depois desta carta, no artigo « Análise terminável e interminável », o feminino no homem será apontado na sua relação frente ao outro homem, ou melhor, na posição passiva diante de outro homem.<sup>3</sup>

As mulheres sempre instigaram o saber de Freud na sua perene investigação da « alma humana ». O feminino foi ponto de partida e ponto de chegada de seu longo e trabalhoso percurso através da descoberta da clínica psicanalítica. Foi tratando das mulheres que chegavam ao seu consultório pedindo alívio para sofrimentos psíquicos que Freud pôde delinear a compreensão, pilar da psicanálise, de que o mal mental tem a sua causa na sexualidade. Foram as mulheres as primeiras a desafiar o saber médico-psicológico, desde os primórdios deste, mostrando que sofrimentos no corpo podem ter como causas problemas psíquicos. Ao serem tratadas por Freud, Anna O., Irma, Elizabeth, Emmy von N., Lucy R., Dora, Katarina e muitas outras colocavam-no em xeque, ao fazê-lo interrogar-se insistentemente sobre « o que quer uma mulher ? », e, no limite, pode-se dizer que a psicanálise surgiu dos enigmas postos pela perturbação histérica da sexualidade feminina.

E assim Freud investiga o feminino, desafiado pelas mulheres que adentravam seu consultório, desafiado provavelmente pelo feminino que nele próprio jazia, como salienta Wladimir Gra-

---

2 Freud. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro, Imago, 1986, p.413.

3 Cf. Freud. « Análise terminável e interminável » (1937), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

noff, que, em uma frase sucinta, aponta como a investigação teórica acerca da feminilidade teve um estatuto fundante para a psicanálise e como estava, ao mesmo tempo, articulada aos fantasmas da vida interior de Freud :

A psicanálise é filha, não do *Weibliche* (feminino), mas do império do *Weibliche* sobre a constituição da cena psíquica de Freud. Nada menos.<sup>4</sup>

O feminino não foi só o ponto de partida, mas foi também o ponto de chegada da clínica psicanalítica. No artigo « Análise terminável e interminável » (1937), Freud expõe sua conclusão de que a barreira intransponível com a qual o sujeito terá que se defrontar ao término de uma análise é o *repúdio do feminino*, metaforizado, para as mulheres, na inveja do pênis e, para os homens, na luta contra sua posição passiva frente a outro homem. É este « repúdio da feminilidade » que o sujeito, seja homem ou mulher, terá dificuldade de ultrapassar ao final de sua análise. A dimensão da sexualidade feminina está, portanto, presente desde o início até o final da teoria.

O feminino é, assim, uma compreensão axial na constituição do corpo teórico e clínico da psicanálise. Está articulado a conceitos fundamentais nesta teoria, tais como o complexo de Édipo, o complexo de castração, a noção de falo e a conceitualização da inveja do pênis.

Por força do emaranhado das questões que envolvem o tema, a preocupação com o feminino delineia-se nos textos freudianos com várias mudanças, opiniões cambiantes e acréscimos, que

---

4 Wladimir Granoff; *apud.* Renato Mezan. *Freud : pensador da cultura.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986, p.532.

mostram a complexidade da questão e a dificuldade de encontrar para ela uma compreensão bem marcada. Estudar o feminino na trajetória freudiana é um caminho com várias veredas, pistas que encontramos escondidas nas notas de pé de página, onde vamos podendo acompanhar através dos textos, que vão de 1905 a 1937, os obstáculos e as revelações que se iam apresentando a Freud. É assim que, nos artigos « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), « A organização genital infantil » (1923), « A dissolução do complexo de Édipo » (1924), « Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925), « Sexualidade feminina » (1931) e na conferência « Feminilidade » (1932), Freud confronta o enigma da feminilidade, indagando como o ser humano torna-se mulher a partir de sua constituição bissexual.

### 1.1. Da simetria à dissimetria

*« Cabeças com toucas de hieróglifos,  
cabeças com turbantes e com  
barretes negros, cabeças com  
perucas e milhares de outras.  
Pobres cabeças humanas suando... »<sup>5</sup>*

Buscaremos, nas páginas que seguem, acompanhar os percalços por que Freud passou até chegar à tematização de uma especificidade do feminino. No percurso das suas idéias, a sexualidade masculina apareceu com muito mais evidência, fazendo com que, de início, a compreensão da mulher fosse feita sempre

---

5 Freud cita o poeta alemão Heinrich na conferência « Feminilidade » (1932), para ilustrar como a humanidade, através dos tempos, tem « quebrado a cabeça » com o enigma da feminilidade.

a partir de uma comparação com o homem. O continente da feminilidade era um horizonte longínquo, cujo acesso lhe parecia inatingível.

Assim, num primeiro momento, Freud propõe uma simetria entre a sexualidade dos meninos e das meninas, sendo a vida sexual da menina considerada análoga à do menino. Ao começar a tentar compreender a sexualidade infantil, Freud só conseguia caracterizar a sexualidade do menino, o que fez com que a feminilidade fosse sempre concebida, no início, como um *decalque da masculinidade*. Uma simetria entre dois termos é uma correspondência de partes situadas em lados opostos de uma linha. Em espelho, estão situados o masculino e seu simétrico invertido, o feminino.

Segundo a visão da simetria, a zona erógena principal nas meninas é o clitóris, que fica equiparado ao pênis, zona genital masculina.

A zona erógena principal nas meninas está localizada no clitóris e é assim homóloga à zona genital masculina da glândula do pênis. Toda a minha experiência com relação à masturbação das meninas relacionou-se com o clitóris e não com as regiões dos órgãos genitais externos que são importantes no funcionamento sexual ulterior. Estou mesmo em dúvida sobre se uma menina pode ser levada pela influência da sedução a qualquer coisa que não seja a masturbação clitoridiana. Se tal ocorrer é bastante excepcional.<sup>6</sup>

O que apóia a lógica da simetria é a ficção infantil de que todos os seres humanos têm pênis, apresentada em 1908 no texto « Sobre as teorias sexuais das crianças ». Esta conclusão se baseia

---

6 Freud. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), *in* S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p.227.

na primeira teoria da infância : a partir de uma « percepção falsificada », a criança atribui a ambos os sexos a posse de um pênis. O pênis da menina ainda é pequeno, mas um dia irá crescer — o clitóris da menina é percebido como um « pênis pequenininho ». Como se pode ver na citação acima, desde 1905 Freud já se deixava guiar pela homologia fundamental pênis-clitóris.

Em uma seção sobre as pesquisas sexuais das crianças, só incluída em 1915 no artigo « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade », de 1905, é ratificada a idéia da não aceitação, por parte das crianças, de uma ausência de pênis nas meninas :

É óbvio para um menino que um órgão genital como o dele deve ser atribuído a todo mundo que ele conhece e não pode fazer a ausência dele harmonizar-se com o retrato que faz dessas outras pessoas.<sup>7</sup>

Se o que impera é uma *homologia pênis-clitóris*, a busca de uma especificidade da sexualidade da menina não ocorre nestes primeiros textos, e mesmo que, mais tarde, esta especificidade seja mais circunscrita, o mistério que, para Freud, sempre teve a sexualidade feminina persiste ao longo de toda sua trajetória da pesquisa sobre o feminino. Mas o fato de, no início, Freud haver considerado a vida da mulher como análoga à do homem é resultado de uma maior obscuridade em torno deste tema nos primórdios da psicanálise. Já mencionamos a célebre questão : « O que quer uma mulher ? ». Pontuaremos outros momentos nos quais percebe-se que o feminino encontrava-se numa região desconhecida.

---

7 Freud. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), *in* S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.200.

Nos « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), Freud anuncia que somente a vida sexual dos homens pode ser pesquisada, pois :

[...] a das mulheres — devido em parte ao efeito inibidor das condições civilizadas e, em parte, à sua discrição convencional e insinceridade — ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade.<sup>8</sup>

No texto « Sobre as teorias sexuais infantis », de 1908, ele diz que as observações feitas sobre a percepção que as crianças têm da sexualidade se aplicam somente ao desenvolvimento sexual dos meninos.

E, ainda, em 1923, temos :

Infelizmente podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes nas meninas não conhecemos.<sup>9</sup>

Mais tarde, em « A questão da análise leiga » (1926), Freud constata, igualmente, que sabe menos sobre a vida sexual das meninas do que sobre a dos meninos, concluindo que « a vida sexual das mulheres adultas é um *continente negro* para a psicologia »<sup>10</sup>. A mulher é, na obra de Freud, um *continente negro*, uma zona de indiscernibilidade e impenetrabilidade, ponto de enigma na teoria, ponto de enigma na linguagem, como observará

---

8 Freud. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.152.

9 Freud. « Organização genital infantil : uma interpolação na teoria da sexualidade » (1923), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.180.

10 Freud. « A questão da análise leiga » (1926), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.212.

mais tarde Jacques Lacan com a sua articulação sobre o gozo feminino situado para além da linguagem e do significante falo.

A mesma obscuridade leva a que, não só a zona erógena, mas também o Édipo da menina seja considerado simetricamente oposto ao do menino : o menino ama a mãe e odeia o pai; a menina ama o pai e odeia a mãe.

Em sua primeira descrição completa da situação edipiana, feita em « A interpretação dos sonhos », em 1900, Freud já estabelece um paralelo entre os dois sexos ao dizer que :

[...] a primeira afeição de uma menina é para com seu pai e os primeiros desejos infantis de um menino para com sua mãe. Desta forma, o pai torna-se um rival perturbador para o menino e a mãe, para a menina.<sup>11</sup>

A simetria invertida é também ressaltada quando Freud descreve o desenvolvimento sexual infantil nas « Conferências introdutórias à Psicanálise », de 1916-17, onde afirma que a relação da menina para com seus pais é igual a do menino, « com as devidas modificações : uma afetuosa ligação com o pai, uma necessidade de eliminar a mãe, por julgá-la supérflua, e de tomar-lhe o lugar ». <sup>12</sup>

Freud concebe também esta paridade em « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921), em que, ao analisar as primeiras identificações, diz que « a mesma coisa também se aplica, com as substituições necessárias, à menina ». <sup>13</sup> Mesmo em « O ego e o

---

11 Freud. « A interpretação dos sonhos » (1900), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.273.

12 Freud. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-17). Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.389.

13 Freud. *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.134.

id », de 1923, onde já traz as complexidades dos Édipos negativos e positivos e o difícil processo da sua dissolução, a similitude continua sendo a saída encontrada para a compreensão da sexualidade feminina :

De maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menininha pode ser uma identificação com a mãe (ou a instalação de tal identificação pela primeira vez) — resultado que fixará o caráter feminino da criança.<sup>14</sup>

Nos anos 1920, abre-se a possibilidade de se pensar o caminho sexual da mulher como não análogo ao do homem.

Se, anteriormente, uma zona erógena genital orientava o paralelismo inicial da pesquisa freudiana, é introduzida, em 1923, no texto « Organização genital infantil », a *primazia do falo*. Não é mais a dominância do pênis que está em jogo, como em 1908, mas a do falo :

Ao mesmo tempo, a característica principal dessa « organização genital infantil » é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma *primazia do falo*.<sup>15</sup>

A primazia não é mais conferida aos órgãos genitais, pois faz-se evidente a ausência de pênis nas mulheres. Uma primeira visão onde meninos e meninas tinham pênis é deslocada para uma

---

14 Freud. « O ego e o id » (1923), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.47.

15 Freud. « Organização genital infantil : uma interpolação na teoria da sexualidade » (1923), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.180 (o grifo é nosso).



outra compreensão, isto é, a questão passa a ficar centrada no eixo ter/não ter pênis, compreendido como ter/não ter falo.

É com a *primazia do falo*, então, que será pensada a diferença entre a vida sexual masculina e feminina, reafirmada depois em « Dissolução do complexo de Édipo » (1924),<sup>16</sup> mas só expressamente demarcada em « Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925). Há, nestes três textos, uma virada teórica do pensamento sobre a sexualidade de meninos e meninas : de um ponto de vista *simétrico*, passou-se a um ponto de vista *dissimétrico*.

O divisor de águas destas duas perspectivas é o *falo*. A transição que Freud efetua no texto « Organização genital infantil » (1923), que é uma interpolação aos « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), traz um elemento novo : a ênfase não será mais dada a uma oposição de órgãos genitais, mas ao falo. O que está em questão é a prevalência do falo no destino sexual do homem e da mulher.

Se na primeira teoria infantil, proposta no texto de 1908, admitia-se a crença na universalidade do pênis, a partir de 1923 a ênfase passa a ser dada à noção de que o pênis estivera lá, mas que fora retirado depois. As crianças vão gradativamente sendo obrigadas a perceber que o pênis não está lá, concluindo, então, que, antes, havia um pênis, mas que este foi retirado. O clitóris não é mais visto como um pênis pequeno que um dia vai crescer. Se a menina não tem o pênis, é porque ele foi cortado : *a menina é castrada*. É o que diz Freud em « Organização genital infantil » (1923) :

---

16 Cf. Freud. « Dissolução do complexo de Édipo » (1924), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas *realmente*, ainda assim, vêem um pênis. Encobrem a contradição e a preconcepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois.<sup>17</sup>

A ausência do pênis passa a ser concebida como resultado de uma castração, que só pode ser compreendida considerando-se a sua origem na fase da primazia fálica. É pela fase fálica que é introduzida a castração como uma função central na teoria psicanalítica.

No terreno da primazia do falo será apontada, ali onde antes havia uma homologia pênis-clitóris, uma oposição entre possuir o pênis e ser castrado. A antítese será colocada em termos de castrados e não-castrados :

No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre ativo e passivo é a dominante. No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital infantil e ser castrado.<sup>18</sup>

A relevância do complexo de castração nos dois sexos é concebida a partir deste ponto comum : o objeto da castração, o falo, confere aos dois sexos uma igual importância. Para ambos os sexos, será uma mesma questão : *ter ou não ter o falo*.

---

17 Freud. « Organização genital infantil : uma interpolação na teoria da sexualidade » (1923), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.182.

18 Freud. « Organização genital infantil : uma interpolação na teoria da sexualidade » (1923), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.184.

À mulher fica destinado o pólo dos castrados. Vemos assim a demarcação do feminino na psicanálise associada a uma falta, à idéia da mulher como um ser mutilado, de quem foi tirado um pedaço do corpo, à mulher como *handicapée*. A mulher aparece, então, sob o signo de uma subtração, dela derivando um *a-menos*: algo foi subtraído do seu corpo. Ao atentar para aquilo que indica a diferença do feminino frente ao masculino, o ser humano vai se deparar com uma falta.

Está, então, preparado o terreno para que se possa pensar a mulher inserida no campo da dissimetria e não da analogia. O complexo de castração e a noção de falo apontam para uma dissimetria entre a sexualidade de meninos e meninas. A castração assumirá valor distinto para cada um dos sexos a partir do complexo de Édipo. A referência fálica permite configurarem-se, para cada qual dos sexos, constituições edípicas diferentes. *O menino sai do Édipo pela castração; a menina entra no Édipo pela castração:*

A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. *Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.*<sup>19</sup>

Esta é uma diferença fundamental, que delineia dois percursos distintos e que faz com que os caminhos da sexualidade sejam regidos por ordens bastante desiguais. Do lado do menino, como dissemos, os elementos giram em torno de uma ameaça. « O

---

19 Freud. « Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.318.

rapaz teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, do que lhe advém uma intensa angústia de castração ».<sup>20</sup> A visão dos órgãos genitais femininos remete-o à possibilidade da perda de seu próprio pênis :

A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência do pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável, e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado.<sup>21</sup>

Pela ameaça de castração, o menino dá as costas ao complexo de Édipo e abandona o investimento do objeto edípico. Um outro motivo que o faz recuar de Édipo é o investimento narcísico no seu próprio corpo. A satisfação no complexo de Édipo deve custar ao menino o pênis e, no conflito entre o desejo do Édipo e o interesse pelo seu corpo, o ego da criança opta por este último e abandona o Édipo.<sup>22</sup> Com isso, a autoridade do pai é introjetada no ego, o que permite a formação do superego, que assume a severidade do pai e dá continuidade à proibição do incesto. Neste sentido, o superego é o herdeiro do complexo de Édipo, pois é a partir da dissolução do Édipo que ele se forma, para proteger o ego do possível retorno dos investimentos libidinais que marcaram o período edípico :

---

20 Laplanche/Pontalis. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1983, p.111.

21 Freud. « A dissolução do complexo de Édipo » (1924), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.220.

22 Cf. Freud. « A dissolução do complexo de Édipo » (1924), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.221.

A observação analítica capacita-nos a identificar ou adivinhar essas vinculações entre a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do superego e o período de latência. Essas vinculações justificam a afirmação de que a destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração.<sup>23</sup>

O complexo de Édipo está destinado à demolição pelos próprios efeitos de sua impossibilidade interna. É inevitável que o Édipo se dissolva, pois há uma recusa, por parte dos pais, de satisfazer os investimentos incestuosos da criança. A perda do « paraíso ingênuo » virá quando a criança perceber que não tem a exclusividade do amor dos pais : haverá sempre um outro. Este fato é vivido pela criança com muita dor, pois ela deseja não menos que tudo : a criança exige que os pais lhe dêem amor total. Como isto não acontece, ao desejo de amor absoluto é contraposta, para o menino, a punição que vem da interdição — o seu pênis pode vir a ser cortado como lhe parece ter sido o da menina. Diante da ameaça da punição sob a forma de uma castração, o menino, como dissemos anteriormente, optará pelo interesse narcísico em seu próprio corpo, abrindo mão do investimento edípico, já que, como vimos, a realização dos desejos edípicos lhe custará o seu pênis.

As coisas ocorrem de uma forma bem distinta com a menina. A ausência do pênis é percebida como um dano que lhe foi causado. Sobre a menina não paira a ameaça de castração. Quem já perdeu não tem o que perder, o que faz com que a menina não se veja sobressaltada pela ameaça da perda do pênis. « Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração

---

23 Freud. « A dissolução do complexo de Édipo » (1924), *in* S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.222.

como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência ».<sup>24</sup>

Por não ser atingida por uma interdição tão contundente dos sentimentos edípicos como o menino, a menina acaba por ficar mais presa ao Édipo, que é por ela vivido como um porto, um lugar de repouso do qual não sairá muito prontamente. Falta na menina um motivo para a dissolução do complexo edípico, já que sobre ela não atua a ameaça de castração. Pelo contrário, a castração efetivou a sua entrada no Édipo. No momento do complexo de castração, a menina se percebe como aquela que não tem o pênis. Vai então buscar obtê-lo naquele que o tem : o pai.

Vimos assim que, para elucidarmos a investigação freudiana da feminilidade, examinamos um percurso no qual Freud parte de um paralelismo inicial entre os sexos para, somente em um segundo momento, a partir da introdução do falo e da elaboração do complexo de castração, circunscrever um campo que marque uma especificidade da sexualidade feminina.

## 1.2. Aceder à feminilidade : uma troca de sexo ?

« Ó mãe, me explica, me ensina,  
me diz, o que é ser menina. »<sup>25</sup>

Uma vez que o complexo de castração serve para o menino como motivo para a demolição do complexo de Édipo, enquanto para a menina serve de *ticket* de entrada, podemos constatar que,

---

24 Freud. « A dissolução do complexo de Édipo » (1924), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.223.

25 Música da cantora Joyce.

para esta, o complexo de Édipo é uma formação secundária. O complexo de castração o precede e o prepara, introduzindo a menina no Édipo.

No artigo « Sexualidade feminina », de 1931, Freud se pergunta o que leva a menina, sendo a mãe o primeiro objeto de amor, a substituí-la pelo pai : « Com a menina, é diferente. Também seu primeiro objeto foi a mãe. Como encontra o caminho para o pai ? Como, quando e porque se desliga da mãe ? »<sup>26</sup>. Esta questão é importante para a construção do objeto de estudo desta dissertação — a relação da menina com a mãe tem como um de seus desdobramentos a relação da mulher com a outra mulher — e vamos abordá-la melhor mais adiante. Por ora, vale dizer que é por uma decepção que a menina abandona a mãe, por querer ter o que esta não lhe deu. Ela vai então em direção ao pai com a intenção de obter dele o pênis desejado.

Inicialmente, o clitóris da menina é assemelhado ao pênis : a menina pequena é como um menino. « Nisto somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho ».<sup>27</sup> Contudo, no momento da diferenciação entre os sexos, a menina vê-se em desvantagem face ao menino, considerando-se em posição inferior :

Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível : dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis.<sup>28</sup>

---

26 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, p.259.

27 Freud. « Feminilidade ». *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933[1932]). Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.146.

28 Freud. « Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica

A castração na mulher tem por corolário a « inveja do pênis », e, decorrente desta, o « complexo de masculinidade ». Segundo Freud, a inveja do pênis ocorre na menina de imediato. Para ele, a menina faz « seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu (o pênis), sabe que não o tem e quer tê-lo ».<sup>29</sup> Essa rapidez da percepção não é tão contundente no menino, que habitualmente custa a constatar e a aceitar a ausência do pênis na mulher. Primeiro tende a rejeitar o fato, e, depois, aturdido pela ameaça de castração, vê-se obrigado a conformar-se, mas não o faz totalmente. Ele pode reagir à castração (da mulher ou à possibilidade da sua) ficando com « horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante por ela ».<sup>30</sup>

A inveja do pênis tem como uma de suas ramificações o complexo de masculinidade, que opõe grandes obstáculos a que a feminilidade seja alcançada. A menina pode negar o fato de ser castrada, acreditar que realmente possui um pênis e passar a comportar-se como se fosse homem. A esperança de um dia obter um pênis pode permanecer por longo tempo na vida da mulher.

No texto « Sexualidade feminina » (1931), Freud delineia três possíveis caminhos a serem seguidos pela menina frente ao Édipo e à castração. São os seguintes :

(a) Renunciar à masculinidade e abandonar a sua atividade fálica na sexualidade e em outros campos. Esta via conduz à inibição sexual, pela influência da inveja do pênis. A menina perde o prazer que obtinha da atividade fálica e renuncia à

---

entre os sexos » (1925), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, 1925, p.313.

29 Freud. « Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.314.

30 Freud. « Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.314.



satisfação clitoridiana, embotando suas satisfações sexuais em geral. Sente-se diminuída frente ao menino e afasta-se com hostilidade da mãe por não a ter esta equipado tão bem como equipou o menino.

(b) Agarrar-se à masculinidade e viver na esperança de obter um pênis, do que pode resultar a escolha homossexual. A menina desenvolve desta forma um « complexo de masculinidade », recusando o fato da castração e apegando-se mais ainda à sua atividade clitoridiana. Seguindo esta linha, evita a passividade que poderia levá-la rumo à feminilidade. O « complexo de masculinidade » torna-se, assim, uma barreira à feminilidade.

(c) Renunciar à masculinidade e encontrar o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo : a menina adia a obtenção do pênis para quando tiver um filho, fazendo uma equação simbólica « pênis=bebê ». O que move a menina em direção ao seu pai é o desejo de possuir um pênis, que busca receber do pai, já que não o recebeu da mãe. Para que a feminilidade seja alcançada, é necessário que o desejo de ter um pênis seja substituído pelo desejo de ter um bebê, ou seja, que o filho assuma o lugar do pênis. Esta configuração é a mais específica da feminilidade.<sup>31</sup>

Se a inveja do pênis não for absorvida de maneira reativa pelo « complexo de masculinidade », poderá ter várias outras consequências, das quais Freud enumera quatro séries.

A primeira é *um profundo sentimento de inferioridade*. A mulher é atingida por uma ferida narcísica cuja cicatriz é sentir-se numa posição menor. Passa a compartilhar com os homens o desprezo pelas mulheres, insistindo em ser como homem. Muitas mulheres

---

31 Cf. Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*

incorporam de tal modo a visão masculina da mulher que, assim como alguns homens, têm também horror a esse ser mutilado.

A segunda consequência da inveja do pênis é o traço feminino do *ciúme*. O ciúme, como um deslocamento da inveja do pênis, é indicado por Freud como tendo uma presença maior no psiquismo das mulheres.

Um outro efeito da constatação da castração é o *arrefecimento da ligação afetiva com a mãe*. A mãe é freqüentemente considerada a responsável pela falta de pênis na menina : a mãe dotou-a mal, não lhe deu o que dera ao menino, e a menina a acusa por tê-la trazido ao mundo tão insuficientemente equipada. Além disso, a mãe é desvalorizada pela menina por ser, também ela, desprovida de pênis.

Enfim, um quarto efeito está em que a inveja do pênis provoca um *repúdio à masturbação clitoridiana*, por causa da desvalorização que passa a envolver o clitóris. A atividade de prazer no clitóris vem a significar uma humilhação narcísica insuportável. No livro *O que quer uma mulher ?*, Serge André mostra como a reação contra a masturbação clitoridiana tem um desenvolvimento complexo e paradoxal. O abandono da atividade masculina vai, em última instância, desembocar na feminilidade. Se a desvalorização do clitóris decorre do desejo da menina de possuir o órgão masculino, é também a precondição para o advento da feminilidade.<sup>32</sup>

Na conferência « Feminilidade », de 1932, Freud fala de uma outra decorrência da inveja no psiquismo feminino : salienta que

---

32 Para maior esclarecimento dos efeitos da inveja do pênis, conferir, além do texto « Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925), o livro de Serge André : *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.178.

a mulher tem *pouco senso de justiça* e relaciona este fato com a prevalência da inveja na sua vida psíquica. Diz Freud que a exigência de justiça é decorrência da inveja, mas indica que é também a condição pela qual pode-se desistir desta.<sup>33</sup> Isto significa que o desenvolvimento de um maior senso de justiça seria talvez uma forma de a mulher poder deixar sua inveja de lado ?

Deixemos, pois, a inveja de lado, e ocupemo-nos das vicissitudes enfrentadas pela mulher no caminho em direção à feminilidade.

À menina cabe realizar duas tarefas adicionais, de que não há qualquer correlato na vida do menino sortudo. Para a conquista da sua feminilidade, ela terá que efetuar duas mudanças : *a mudança de zona erógena e a mudança de objeto*. A excitação do clitóris será deslocada para a vagina, e o amor pela mãe será transferido para o pai.

A trilha da menina é bem mais tortuosa e complexa. De certa forma, terá que trocar de sexo, com a masculinidade dando lugar à feminilidade. Num primeiro momento, com o ingresso na fase fálica, as diferenças entre os sexos ficam eclipsadas, e, como vimos, a menina é um menininho. Todavia, no momento da distinção anatômica entre os sexos, a menina deverá cumprir as tarefas de ir do clitóris à vagina, da mãe ao pai, da masculinidade à feminilidade.

É curioso notar que, em textos bem mais antigos, Freud já falava da idéia de um recalque da masculinidade em prol de um investimento na zona vaginal. Na carta a Fliess de 14 de novembro de 1897, em que escreve sobre o recalçamento, Freud diz que a repugnância aparece mais cedo nas meninas do que nos meni-

---

33 Cf. Freud. « Feminilidade » (1932). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933[1932]), *op. cit.*, p.164.

nos, pois desfaz-se nas meninas o investimento erógeno que faziam, durante a infância, no clitóris, sua zona genital masculina, ao passo que, nos meninos, o investimento na zona sexual persiste. Por isso, a menina apresenta uma « onda de vergonha », que só desaparecerá quando surgir uma nova zona de investimento, ou seja, quando a zona vaginal for despertada.<sup>34</sup>

De forma semelhante, Freud diz nos « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » que :

O desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, repugnância, piedade, etc.) verifica-se nas meninas mais cedo e em virtude de menor resistência que nos meninos; a tendência à repressão sexual parece em geral ser maior e, quando os instintos parciais da sexualidade aparecem, eles preferem a forma passiva.<sup>35</sup>

E, logo adiante :

A puberdade, que provoca uma elevação tão grande da libido nos rapazes, é marcada nas moças por uma nova onda de repressão, em que é afetada precisamente a sexualidade clitoridiana. O que é assim suplantado pela repressão é uma parte da sexualidade masculina.<sup>36</sup>

Segue Freud dizendo que a excitação do clitóris será transferida para a vagina, e conclui que :

Quando a suscetibilidade erógena ao estímulo é transferida com êxito, por uma mulher, do clitóris para o orifício vaginal, isto

---

34 Cf. Freud. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

35 Freud. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.225.

36 Freud. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.227.

sugere que ela adotou uma nova zona principal para as finalidades de sua ulterior atividade sexual.<sup>37</sup>

Ser mulher é, assim, *tornar-se mulher*. A feminilidade assemelha-se, na obra freudiana, a um pote de ouro no fim do arco-íris, uma jóia rara cuja conquista requer atos de desbravamento dignos de uma guerreira.

Abandonar a masculinidade é tarefa árdua. Há muitos ganhos envolvendo a posição masculina, e abrir mão destes ganhos em busca de uma *outra coisa* é poder enfrentar *perder, perder, perder...* Se a guerreira quer conquistas, a única estratégia que poderá levá-la à vitória é o recuo, é abrir mão. Não há como aceder à feminilidade pela força e pela imposição, mas sim com suavidade e despojamento. Perder para ganhar... Mas, como vimos anteriormente, muitas mulheres não sabem disso, e continuam tentando ser, na vida adulta, o homenzinho que um dia foram, ficando masculinas, controladas, não deixando nunca cair a pose fálica, ficando *durinhas como um pau*.

Por não possuir o órgão erógeno masculino, a mulher é capaz de erogenizar o corpo inteiro, como se fosse ele todo um órgão de prazer. É por isso que ela pode fazer de seu corpo um falo, se dando de corpo inteiro ao encobrimento da sua falta. Ela, assim, *não tem o falo, mas é o falo*.

Esta possibilidade de passear tanto no campo do masculino como no do feminino decorre da *bissexualidade* que, como mostra Freud, faz parte da disposição constitucional de todos os seres humanos, mas aparece com mais nitidez nas mulheres. Pelo fato de possuir dois órgãos genitais, o clitóris e a vagina, a vida sexual

---

37 Freud. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.228.

da mulher pode comportar uma primeira fase masculina e, depois, uma segunda fase, especificamente feminina :

Antes de tudo, não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens. Um homem, afinal de contas, possui apenas uma zona principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas : a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino.<sup>38</sup>

A bissexualidade complexifica o Édipo, que tem duas direções : um Édipo positivo e um Édipo negativo. O Édipo completo inclui investimento libidinal e desejo de exclusão dirigidos para ambos os pais, sem polarizar uma destas tendências exclusivamente no pai ou na mãe. Cada sujeito viverá o amor pelo progenitor do sexo oposto e a rivalidade e identificação com o mesmo sexo, e vice-versa — a direção homossexual faz com que possamos também ter o sexo oposto como um intruso que vem atrapalhar o amor pelo objeto do mesmo sexo. Então não é o pai um intruso quando vem tentar arrancar a menina de seu amor incestuoso com a mãe ?

Esta questão é particularmente interessante para nós, pois a androginia maior das mulheres faz muitas vezes com que elas elejam como objeto de amor uma mulher, ficando o homem apenas como *um rival incômodo*. A bissexualidade torna mais complexos os jogos das eleições de objeto e das identificações. Como diz Freud, um casal numa cama corresponde a quatro pessoas que ali se estão relacionando.

---

38 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, p.262.

Continuando a investigação de como a mulher acede à feminilidade, cabe-nos agora pensar como se operam, na menina, os investimentos amorosos no pai e na mãe.

A especificidade do Édipo na mulher está na passagem de afetos pela mãe para os afetos pelo pai. Enquanto o menino continua tendo como objeto de amor a sua mãe, a menina é obrigada a efetuar uma mudança, tendo que trocar de objeto de amor.

### 1.3. A menina e sua mãe

*« Entre Sylvia e eu, da mesma forma que entre minha mãe e eu, existiu sempre um tipo de osmose psíquica que era às vezes de uma plenitude maravilhosa. Outras vezes, era uma desconfortável invasão da privacidade ».*<sup>39</sup>

Nos anos 30, Freud dá um passo decisivo na trajetória da feminilidade : descobre a importância do apego à mãe para a vida ulterior da mulher.

As relações entre as mulheres podem ser vistas como uma reedição da relação da filha com a mãe, e, à luz desta, serem compreendidas. Vamos, por isso, nos deter agora na constelação dos elementos que unem a filha a sua mãe.

No artigo « Sexualidade feminina », de 1931, Freud testemunha que levou muito tempo para fazer a descoberta mais marcante para a compreensão da sexualidade feminina; impressiona-se

---

39 Depoimento de Aurelia Plath, mãe de Sylvia Plath, escritora americana, publicado no livro *Of Woman Born*, de Adrienne Rich (Nova York, Virago, 1981).

por não ter atribuído antes a devida importância à relação mãe-filha para o desenvolvimento sexual da menina. A longa duração e a intensidade do vínculo primário com a mãe haviam sido por ele subestimados, mas a clínica analítica revelou-lhe que as mulheres que demonstravam uma forte ligação com o pai encobriam, por trás desta, uma fase precedente marcada por um laço bastante intenso com a mãe, que fora constituído de uma forma muito rica e heteróclita.

Neste artigo, Freud vai mostrar que a ligação exclusiva com a mãe é de difícil acesso na análise, aparecendo de maneira vaga, imprecisa, desbotada pelos anos :

Tudo na esfera dessa primeira ligação à mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises — tão esmaecido pelo tempo, e tão obscuro e quase impossível de revivificar — que era como se houvesse sucumbido a uma repressão inexorável.<sup>40</sup>

Com efeito, como diz o texto, a essa fase conectam-se as fixações e repressões que constituem a origem das neuroses. A importância do período pré-edípiano é tão grande que Freud é levado a relativizar a até então hegemônica presença do período edípico na etiologia das neuroses :

De uma vez que essa fase comporta todas as fixações e repressões a que podemos fazer remontar a origem das neuroses, talvez pareça que deveríamos retratar-nos da universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses.<sup>41</sup>

---

40 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, pp. p260-261.

41 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, p.260.



Assim, pelo menos nas mulheres, a origem das neuroses pode estar em outro lugar. Neste mesmo texto, mais adiante, Freud aponta um vínculo estreito entre a fase pré-edípica e a etiologia da histeria, sublinhando que tanto esta fase como a neurose são caracteristicamente femininas.<sup>42</sup>

Como se vê a seguir, a descoberta da magnitude do laço emocional com a mãe aparece para Freud como uma grande surpresa :

Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-edípica, nas meninas, nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização da Grécia.<sup>43</sup>

Justamente quando se sublinha a importância do período pré-edípico, aparece a questão do pré-histórico : se, antes, Freud preocupava-se com circunscrever o Édipo feminino, constata agora que o mais importante é pesquisar a pré-história do período edípico na mulher. É possível observar, na citação, uma busca de metáforas arqueológicas para falar daquilo que há de mais arcaico no feminino, que transparece no recurso ao paralelo com a civilização mino-micênica que Freud busca estabelecer.

No comentário que faz desse texto, Paul-Laurent Assoun (1983) indaga sobre se o que surpreende Freud não seria a existência, bem anterior ao texto edípico, de um outro texto, que traria em si uma compreensibilidade, ainda que não inteligível :

---

42 Cf. Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.261.

43 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.260.

Ora, se a língua edipiana é o grego do inconsciente — língua de algum modo civilizada — a língua pré-edipiana é como o micênico : promessa de uma civilização brilhante, mas igualmente suspeita de ininteligibilidade.<sup>44</sup>

A questão destacada por Assoun é bastante interessante. Tendo o complexo de Édipo ocupado praticamente toda a cena da constituição do sujeito psicanalítico, pouco espaço ficou disponível para se refletir sobre um para-além (ou para-aquém) do Édipo. Fica a interrogação sobre o que é do período pré-edipiano na constituição da sexualidade. Contudo, Freud não cansou de enfatizar a importância deste período, ainda que sempre se surpreendendo, como salienta Paul-Laurent Assoun, que ele trouxesse em si uma compreensibilidade. A descoberta da longa duração da ligação da menina com a mãe apresentou-se para Freud associada a um *efeito de surpresa*. Qual seria a « compreensibilidade » do período pré-edipiano ? Será que o Édipo *cegou* Freud, não o deixando ir mais além na sua investigação teórica do período pré-edipiano ?

A idéia de uma oposição entre o período edipiano e o pré-edipiano poderia estar recobrando a oposição fundamental entre a ligação com o pai (*Vaterbindung*) e a ligação com a mãe (*Mutterbindung*) : se o pai marca o texto edipiano, a mãe é a chave da linguagem pré-edipiana.

Mas se a mãe é este porto de ancoragem da filha, o que faz a menina sair dele ? Como, quando e por quê a menina desliga-se da mãe ? Sendo a mãe seu primeiro objeto de amor, o que a faz renunciar a ele e voltar-se para o pai ?

---

44 Paul-Laurent Assoun. *Freud et la femme*. Paris, Calmann-Lévy, 1983, p.115.

Em ambos os casos, a mãe é o objeto original, e não constitui causa de surpresa que os meninos retenham esse objeto no complexo de Édipo. Como ocorre, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto?<sup>45</sup>

Foi perseguindo essa questão que Freud chegou à importância da pré-história do Édipo na vida sexual das mulheres. A menina afasta-se da mãe por decepção, por ressentimento. Responsabiliza a mãe por tê-la parido mulher, acusando-a de não lhe ter dado o pênis que deu ao menino. Como Electra, que mata, junto com o irmão, a própria mãe Clitemnestra, a vinculação da filha à mãe termina em ódio. Forjam-se, então, uma série de queixas e acusações contra a mãe, com as quais a menina supõe justificar o seu ressentimento: « O que empurra a menina para o pai não é a atração pelo homem, mas o ódio pela mãe ».<sup>46</sup>

Sobre essas reclamações que a menina faz da mãe, Freud estende-se por uma boa parte do seu texto de 1931. Não prevalece um único fator como causa do afastamento da mãe, existindo séries de fatores diversos. Freud enumera cinco séries de motivos que justificam o abandono da mãe pela filha.

Um primeiro motivo é o ciúme que a menina tem de outras crianças que partilham o amor da mãe. O amor infantil é desmedido, sem limites, pede exclusividade, exigindo ter o objeto só para si. Contudo, este amor está condenado a ser desapontado, pois não é possível haver a satisfação plena que a criança demanda. Disto decorre que o amor da menina seja substituído por uma enorme hostilidade.

---

45 Freud. « Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.312.

46 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.192.

Outro motivo, mais específico, é o efeito do complexo de castração na menina, que, quando descobre que não tem pênis, passa a desvalorizar o sexo feminino e a desprezar as mulheres em geral e a mãe em particular.

Uma terceira reclamação resulta da proibição da masturbação imposta pela mãe à filha. A crítica à mãe é reforçada pelo fato de ter sido, na maioria das vezes, a mãe ou uma pessoa que a representa a responsável pelos cuidados corporais através dos quais a menina pôde descobrir o prazer da masturbação clitoridiana.

As meninas geralmente descobrem por si próprias sua atividade fálica característica, a masturbação do clitóris, e, de início, isso sem dúvida não se faz acompanhar pela fantasia. O papel desempenhado, em seu começo, pela higiene infantil reflete-se na fantasia muito comum que transforma a mãe ou a babá em sedutora.<sup>47</sup>

Desta maneira, o fato de que a « primeira sedutora » passa a ser agora aquela que proíbe o prazer é capaz de gerar um grande rancor na menina, o qual é mais tarde reativado quando a mãe impõe restrições às atividades sexuais da jovem.

Uma quarta razão para tanta hostilidade contra a mãe advém do fato de não ter a menina recebido da mãe o pênis que tanto desejava. A menina censura a mãe por tê-la equipado mal, por tê-la feito nascer mulher : não perdoa de jeito nenhum ter sido trazida ao mundo aparelhada de forma tão insuficiente.

Enfim, um último motivo mencionado por Freud é a queixa que a menina faz da mãe, dizendo que esta não a amamentou o bastante. Freud ressalta, todavia, a possibilidade de que esta

---

47 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, p.267.

queixa se manifestaria mesmo com crianças que fossem amamentadas por um período exaustivo de tempo, vez que é enorme a voracidade da libido da criança.

Essa gama de motivos, contudo, aponta Freud, mostra-se ainda inoperante para justificar o abandono da mãe : « Todos esses motivos, não obstante, parecem insuficientes para justificar a hostilidade final da menina ».<sup>48</sup>

Talvez o motivo principal seja a ambivalência entre os sentimentos de amor e de ódio que, desde o início, já estavam presentes na relação mãe-filha. É impossível sentir um amor tão simbiótico por uma pessoa que não venha acompanhado de um ódio igualmente forte. É esta ambivalência que, reforçada pelos outros motivos mencionados, no fundo afastaria a filha da mãe.

Freud conclui com a hipótese de que a ligação com a mãe está mesmo fadada a perecer, na medida em que as relações de grande paixão estão condenadas à separação, por não suportarem os inúmeros desapontamentos que inevitavelmente sobrevêm. Assim, a relação com a mãe perecerá, principalmente, pelo fato de constituir-se na primeira paixão da menina.

Em seu texto « La femme et sa mère », do livro *Freud et la femme*<sup>49</sup>, Assoun salienta que, ao enumerar não apenas um, mas uma série de motivos que justifiquem a mudança de objeto, Freud está, com isso, demonstrando que não é apenas uma simples mudança de objeto, com seu motivo já bem definido, que está em jogo, mas uma produção de « boas razões » que possam oferecer uma causa para a passagem de um objeto a outro, a qual, na menina, não é, a princípio, justificável. Não há uma razão

---

48 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, p.269.

49 Paul-Laurent Assoun. *Freud et la femme*. Paris, Calmann-Lévy, 1983.

convincente que venha prioritariamente legitimar o rompimento deste laço inexorável da filha com a mãe.

Quanto não é preciso que a mulher em *devenir* venha a inventar para proporcionar a si mesma a força e as razões de olhar para outro lugar que não a própria Mãe !.<sup>50</sup>

A menina é obrigada a inventar as razões que irão justificar o abandono da relação passional com a mãe. Haveria aí algo da ordem do ressentimento com a mãe, e, é porque o ressentimento já estava lá antes que ele agora escora-se nestes « motivos-queixas ». Mas cada queixa vem reforçar ainda mais o ressentimento, o qual se vai tornando cada vez mais causa dele mesmo e, portanto, cada vez mais justificado ao exercer a sua vingança. Tudo isso é acionado como uma forma mobilizada pela menina para conseguir desatar-se deste sufocante amor sem saída : é este, com efeito, o ponto em que se ata o trágico da relação mãe-filha.<sup>51</sup>

A menina precisa fazer acusações contra a mãe para suportar separar-se desta. Arrumando alguns bons motivos, o ato de sair da relação fica justificado e ela pode agarrar-se a essas « boas razões » como desculpas para conseguir emancipar-se da mãe :

Mas é esta justamente a *démarche* da menina, que tenta afogar seu Objeto primordial num mar de « boas razões » — por medo, aliás, de se ver ela própria imersa no mar maternal.<sup>52</sup>

Assim, a menina teme que a mãe, pela própria indiferenciação que há nessa relação, venha a devorá-la, caso não consiga sepa-

50 Paul-Laurent Assoun. *Freud et la femme, idem*, p.117.

51 Paul-Laurent Assoun. *Freud et la femme, ibid.*, p.118.

52 Paul-Laurent Assoun. *Freud et la femme, ibid.*, p.117.

rar-se da mãe. Como enfatiza Freud, « [...] nessa dependência da mãe encontramos o germe da paranóia posterior nas mulheres, pois esse germe parece ser o surpreendente, embora regular, temor de ser morta (devorada ?) pela mãe ».<sup>53</sup>

Marie Madeleine Chatel, por seu lado, no texto « Le rapport mère-fille », comenta também este artigo de Freud e sublinha que, na clínica psicanalítica, é possível perceber bastante bem como as mulheres estão amarradas à lógica da queixa ou da insaciável insatisfação. Existem dois modos de resposta à insatisfação essencial inerente à constatação da castração do Outro : a queixa, que é mais característica das mulheres, pois é a resposta específica da inveja do pênis, e o recalque ou a agressividade, modo de resposta mais característico dos homens, pois específico à angústia de castração. As mulheres, que têm a inveja do pênis como efeito da castração, ficam sujeitas à lógica da reclamação :

*A Penisneid é a vontade irada, imperativa, de receber uma compensação pelo dano essencial que as mulheres crêem haver sofrido, o que as inscreve numa lógica da demanda, da reivindicação. As mulheres « querem ».*<sup>54</sup>

Certamente, não foi por acaso que a principal pergunta que Freud fez sobre a feminilidade insistia justamente nesta tecla da reivindicação : « O que quer a mulher ? » Esta indagação evidencia que, apesar de não se saber *o que* a mulher quer, sabe-se contudo que *ela quer*. Esta pergunta parece fazer eco a uma outra questão — embora elas não tenham sido diretamente ligadas uma à outra por Freud — que é colocada no texto « Sexualidade

---

53 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, op. cit., p.261.

54 Marie Madeleine Chatel. « Le rapport mère-fille », mimeo., 1989, p.4.

feminina » (1931) : « O que é que a menina exige da mãe ? »<sup>55</sup> Estas duas questões parecem estar amarradas na medida em que é quando é constatada a castração da mãe que a mulher passa então a demandar.<sup>56</sup> A demanda é porta-voz da insatisfação decorrente da constatação de que a mãe não é toda, de que lhe falta. O que quer uma mulher ? Talvez que a mãe seja toda... Talvez que exista *A Mulher...*, este significante que venha materializar no simbólico *A Mulher*. E talvez, também, seja essa imagem ideal d'*A mulher* que as mulheres vivem buscando nas outras mulheres... Mas deixemos esta questão para mais tarde. De qualquer forma, o que reincide como questão para uma mulher é o enigma do seu desejo.

Na perspectiva de pensar o que está em jogo no querer da mulher, entende-se que, querendo o pênis que a mãe não lhe deu, a menina volta-se para aquele que o tem — o pai —, na esperança de assim o obter. No seu percurso para tornar-se mulher, é imperioso que essa passagem seja efetuada : « o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetais afetivas ».<sup>57</sup> A mulher é efeito deste *détour* que é levada a fazer no caminho da sua sexualidade.

Todavia, a partir da discussão que vem sendo aqui elaborada sobre como a separação da mãe realiza-se de uma forma inacabada, parece que essa transferência não chega a ser efetivada, pois as marcas da relação pré-edipiana, ao que tudo indica, persistem para sempre no caminho posterior da menina. Fica a

55 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, op. cit., p.270.

56 Cf. Paul-Laurent Assoun. *Freud et la femme*, op. cit., p.119.

57 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*, op. cit., p.265.



pergunta sobre se a filha efetivamente sai da relação com a mãe; ou seja, se chega a ir de todo em direção a uma relação com o pai. De fato, apesar da menina poder voltar-se para o pai, a substituição do objeto materno pelo objeto paterno não é totalmente efetivada :

Tudo se passa na realidade como se, para a menina, o pai nunca substituísse a mãe, como se fosse sempre esta última que continuasse a agir através da figura do primeiro.<sup>58</sup>

Freud constata, por exemplo, que, muitas vezes, as mulheres, apesar de escolherem os seus maridos de acordo com o modelo paterno, acabam por repetir, em sua vida conjugal, o relacionamento com suas mães :

O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe.<sup>59</sup>

Não foi à toa que Freud viu-se obrigado a dispender tantos esforços para tentar compreender o que determina essa passagem da relação pré-edípiana com a mãe para a relação edípiana com o pai. Como salienta Serge André (1987), se a passagem para o pai, que supostamente estaria representando uma substituição, deveria ser da ordem da metáfora, assemelha-se, contudo, antes a uma metonímia do que a uma metáfora :

O pai não se impõe verdadeiramente como metáfora no destino feminino, ou, mais exatamente, a filha é *não toda* assujeitada a essa

---

58 . Serge André. *O que quer uma mulher ?*, *op. cit.*, p.179.

59 . Freud. « Sexualidade feminina » (1931), *in* S. Freud, *op. cit.*, p.265.

função de metáfora. Para ela, a instância paterna não faz desaparecer, não condena ao esquecimento o primeiro Outro materno.<sup>60</sup>

Nesta transição, a menina parece muito mais « deslizar » metonimicamente da mãe para o pai, não fazendo necessariamente uma « transferência de campo semântico », <sup>61</sup> característica da metáfora, mas « designando um segundo objeto a partir de uma relação que este mantém com o primeiro objeto », <sup>62</sup> o que sugere a metonímia. A mudança de objeto parece acontecer mais como um deslocamento do que como uma substituição. O lugar do pai no Édipo feminino acaba sendo o de uma metonímia da mãe, pois « os caracteres da relação pré-edípica jamais são verdadeiramente eliminados, e estão sempre prontos a voltar à tona. O destino da menina aparece, assim, como o de uma metáfora impossível ou de uma luta permanente para se elevar do registro da metonímia para o da metáfora ». <sup>63</sup> Ao que tudo indica, a menina nunca substituiria inteiramente a mãe pelo pai, passando a relacionar-se com o pai através da referência da figura da mãe.

Isto não significa dizer, contudo, que a menina não é afetada pela instância paterna, o que equivaleria a pretender que as mulheres são psicóticas : o que se dá é que esta instância vacila, já que a menina continua amarrada ao Outro materno.

Mas o que ocorre com a menina depois que esta, ainda que vacilante, chega ao pai ? Surge no curso da sexualidade da

---

60 Serge André. *O que quer uma mulher ?*, op. cit., p.181.

61 *Verbetes metáfora. Dicionário Aurélio*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

62 *Verbetes metonímia. Dicionário Aurélio*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

63 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.187.

menina uma outra questão (não acabam nunca as indagações sobre este caminho intrincado !): o que faz a menina afastar-se do pai, ou, dito de uma outra forma, como a menina sai do Édipo? Faz falta, no caso da menina, um motivo poderoso para que ela saia do Édipo. A castração teve o efeito de fazê-la ingressar na situação edípica, lugar de repouso do qual não parece querer sair muito prontamente. O Édipo é, para ela, um pouso protetor da ambivalência dos sentimentos, tão acirrada em sua ligação com a mãe! A menina vai abandonando gradativamente o Édipo à medida em que percebe que o pai tampouco realizará o seu desejo. Este afastamento processa-se lentamente, podendo mesmo não haver a dissolução do Édipo. Há sempre a possibilidade do retorno para a mãe, embora esta relação esteja marcada por um enorme ressentimento (afinal a mãe não lhe deu o que ela queria), tendendo a mãe a ficar sendo vista como uma rival para a menina em seu amor pelo pai.

Nas meninas, o complexo de Édipo caracteriza-se assim por um desenvolvimento bastante lento. Ele não é destruído pela castração, vez que foi por ela criado: não está comprometido com as forças ameaçadoras que fizeram o homem abandoná-lo e, com muita freqüência, não chega a ser superado pela mulher.

Da relação edípica, permanece o desejo de ter um filho do pai. A renúncia ao pênis ocorre pelo deslizamento ao longo da linha da equivalência simbólica « pênis-bebê ». A menina passa do desejo de ter um pênis ao desejo de ter um filho como um presente do pai. Uma vez que este desejo não é realizado, o complexo de Édipo é aos poucos abandonado, permanecendo contudo no inconsciente da menina o desejo de ter um pênis e

o desejo de ter um filho. A *esperança* é uma das manifestações do complexo de masculinidade na menina; a outra manifestação possível é a *denegação*. Esperança de obter, um dia, o pênis; denegação com a qual recusa reconhecer a sua falta e persiste na convicção de que realmente tem um pênis, o que a faz passar a comportar-se como se fosse um homem.<sup>64</sup>



---

64 Cf. Serge André. *O que quer uma mulher ?*, *idem*, p.173.

## Capítulo 2

### O Percurso Teórico do Feminino em Lacan

#### 2.1. De Freud a Lacan

*« Porque mistério sempre  
há de pintar por aqui ».<sup>1</sup>*

Lacan parte das premissas freudianas acerca do feminino para propor um outro viés de compreensão da mesma questão : a via lógica.

Em Freud, o feminino permanece remetido à insuperabilidade da inveja do pênis e aos efeitos do complexo de castração. Feminilidade e masculinidade ficam, assim, relacionados ao ter ou não ter o falo, ou seja, a compreensão que Freud tem da mulher acaba se restringindo à dimensão fálica. Lacan deslinda o impasse freudiano da inveja do pênis, examinando a questão da feminilidade a partir da noção de gozo.

Segundo Serge André, no seu livro *O que quer uma mulher ?*, pode-se entrever na obra freudiana, no que diz respeito à questão da feminilidade, um movimento que parte da vertente do real, para, num segundo momento, apresentar-se a partir da vertente do simbólico. Para corroborar esta hipótese, o autor apresenta como exemplo alguns casos das primeiras históricas tratadas por Freud, mostrando como a mulher estava amarrada, no início da

---

<sup>1</sup> Gilberto Gil. « Esotérico », no disco *A gente precisa ver o luar*.

clínica psicanalítica, ao campo do inominável. Serge André de-  
tém-se mais particularmente no sonho da injeção de Irma, a  
propósito do qual Freud elabora uma construção relativa àquilo  
que se apresenta no *fundo da garganta* da paciente, e demonstra  
como este sonho de Freud constitui em si uma via de acesso à  
feminilidade.

Pois o que Freud descobre quando Irma abre a boca, ali mesmo  
onde Fliess só pode ver infecção, está na origem de três temas que  
vão atravessar toda a sua obra, três temas que formam outros tantos  
fios condutores para apreender a mulher : o da realidade do órgão  
genital feminino e do horror que este suscita; o das três mulheres,  
cujo auge é a mulher como figura da morte (e reciprocamente); e  
o do umbigo, do não-reconhecível, da feminilidade enquanto  
furo.<sup>2</sup>

Com efeito, o autor reforça com estes exemplos a noção de  
que a feminilidade, nos primeiros passos do percurso teórico  
freudiano, está remetida ao lugar do « fundo da boca », ou seja,  
ao furo, ao real. As primeiras pacientes, com toda a problemática  
referida aos enigmas do corpo, trazem para Freud, desse modo,  
uma apreensão do feminino como algo não-reconhecível, como  
ausência de representação, como « buraco ».

A segunda orientação percebida em Freud corresponde à  
*vertente da castração*, quando comparece, no foco da cena das  
questões relativas à mulher, o primado do falo. Se antes o  
feminino era um *inominável*, seu mistério é depois envolto em um  
*nomeado*, sendo o falo um significante que nomeia a falta derivada  
da castração. Na lógica fálico/castrado, a mulher é aquela que

---

2 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar  
Editor, 1987, p.51.

não tem o falo, é castrada. Esta última abordagem, que traz o falo como suporte da compreensão acerca da sexualidade masculina e feminina, toma cada vez mais vulto ao longo dos anos, até encobrir totalmente a circunscrição do feminino articulado com a ordem do real.

O percurso de Lacan sobre a questão do feminino apresenta uma trajetória inversa à de Freud. Como aponta Serge André, Lacan mantém-se fiel, no seu estudo sobre a sexualidade feminina, ao projeto de « fazer uma retomada pelo avesso do projeto freudiano ».<sup>3</sup> Assim, Lacan parte da dimensão da castração e da inveja do pênis, dimensão simbólica por excelência, para fazer emergir daí a ordem do real. No seu seminário 20, *Mais ainda*, conclui que a mulher, embora presa ao complexo de castração, tem parte dela conectada com uma emergência do real : ela está não-toda submetida à dimensão fálica. Acompanhando o trajeto da questão do feminino nos textos de Lacan, vemos, desta forma, delinear-se uma compreensão que enfatiza a importância do falo, mas que, tomando como ponto de partida este mesmo conceito, sugere um *mais-além* do falo.

Em « A significação do falo », conferência realizada em 9 de maio de 1958, o falo é o conceito eminente sobre o qual se apóia a questão da feminilidade.

Neste texto, Lacan mostra que o falo é um significante, cuja função é justamente evidenciar o vazio que ele vem preencher. O falo tem, na verdade, o estatuto de *véu*, ele só pode exercer o seu papel enquanto velado; o falo compreendido como véu indica que alguma coisa não pode ser desvelada. Quando eleva-se à função de significante, aponta ao mesmo tempo para uma

---

3 Cf. Serge André. *O que quer uma mulher ?*, *idem*, p.67.

ausência inerente a todo significante : « o falo é o significante dessa mesma *Aufhebung* (suspensão) que ele inaugura (inicia) pelo seu desaparecimento ».<sup>4</sup>

Como salienta Lacan, a mulher ocupa justamente este lugar de *véu*, encobrendo o mistério que aponta para o próprio *enigma da feminilidade*. Ela vai encarnar o lugar do falo, do significante que comparece para preencher a falta do Outro.

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade, principalmente todos seus atributos na mascarada.<sup>5</sup>

Veremos a noção da mulher como mascarada mais detidamente no terceiro capítulo. Contudo, faz-se importante perceber, a fim de destacarmos a referência fálica no que diz respeito ao feminino nos primeiros textos lacanianos, que a feminilidade é associada à marca fálica do desejo, encontrando sua saída na figura da *mascarada fálica*. É assumindo a posição do falo que a mulher, paradoxalmente, encontrará um caminho escondido para sua feminilidade.

Assim, pode-se notar como, neste momento do percurso da sua obra, Lacan articulava as questões do feminino à referência do falo e do complexo de castração.

Todavia, como assinala Serge André, pode-se entrever já aqui, nos primeiros tempos da releitura de Lacan, um apontamento da feminilidade como um algo que está *mais-além*, visão que nos

---

4 Lacan. « La signification du phallus », in J. Lacan. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966, p.692.

5 Lacan. « La signification du phallus », in J. Lacan. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966, p.694.



textos lacanianos posteriores é mais largamente desenvolvida. Em Lacan, a teoria da castração aponta para um « meio-dizer », na medida em que o falo apresenta uma dupla face : a do véu que *cobre* mas também *revela* que algo está escondido. O falo vem *tampunar* e *deflagrar* o mistério que a mulher encobre :

Não serão, em última instância, a teoria da castração e o primado do falo, sobre o qual ela se apóia, que situam e protegem a feminilidade como mistério ? — a teoria é ao mesmo tempo máscara e reveladora do objeto que visa.<sup>6</sup>

Sobre isso, Serge André vai ainda mais adiante, questionando se a castração não seria uma forma da mulher proteger-se contra o inominável do feminino. Ver-se como castrada é uma forma de estar remetida a uma referência, a fálica, é uma possibilidade de definição, que poderia vir a preencher as lacunas da história do sujeito. Ao passo que, ao defrontar-se com o irrepresentável da feminilidade, isto significa encarar a crueza de um *puro vazio*.

Assim, é melhor ser castrada do que não ser nada, isto é, do que não se saber o que se é, do que não definir, do que deixar a instabilidade e o desconforto da vacilação da significância serem companhias permanentes, que é o que acontece com quem tem coragem de cruzar as fronteiras para tentar explorar os territórios incógnitos do feminino.

Então, o que se vai delineando na trajetória laciana em torno da feminilidade é um movimento que parte da reta de chegada de Freud, o primado do falo e o complexo de castração, para, num segundo momento, tratar o feminino como algo que está *para mais-além do falo*, em conexão com a *ordem do real*. A supre-

---

6 Serge André. *O que quer uma mulher ?*, op. cit., p.205.

macia do simbólico é deslocada, desta forma, para uma ênfase no real.

Com efeito, esta conexão da mulher com o real radicaliza-se no *Mais, ainda*, o seminário de 1972-73, no qual a questão da mulher é desenvolvida a partir de sua transcendência à dimensão do falo, sendo desenvolvida por Lacan a partir de duas noções que acabam ganhando estatuto de aforisma : « A mulher não existe » e « A mulher é não-toda fálica ».

## 2.2. « A mulher não existe »

Assim, vimos como o percurso teórico do feminino na teoria lacaniana acompanha uma trajetória que atravessa, primeiramente, o domínio do falo, para, num segundo momento, desenvolver-se em uma dimensão teórica referida ao real.

« Não há relação sexual » é o aforisma principal de Lacan para falar da sexualidade, apresentado no seu seminário *Mais, ainda*. Partindo da afirmação de Freud de que só há uma libido, a masculina, Lacan conclui que a relação sexual não é possível, pois só existe no inconsciente a inscrição de um único sexo, o fálico. Não há a inscrição do sexo feminino como tal, mas apenas a inscrição da mulher enquanto mãe :

Se há um discurso que lhes demonstre isso, é mesmo o discurso analítico, ao por em jogo o seguinte, que a mulher não será jamais tomada senão *quoad matrem*. A mulher só entra em função na relação sexual enquanto *mãe*.<sup>7</sup>

---

7 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.49.

Sobre essa mesma questão, viu-se, no primeiro capítulo, que tornar-se mulher tem como uma de suas saídas tornar-se mãe. Contudo, ser mãe significa continuar no regime fálico, pois o filho vem como um substituto do pênis que o pai não deu (equação freudiana bebê=falo). Se ter um filho, para a mulher, é ter um falo, o desejo de ter um filho continua sendo aquele de ser uma mulher com pênis. A representação de mãe será, assim, uma representação de mulher fálica, e « mãe » não corresponderá a um signo do qual possa se dizer que seja próprio do feminino.

Assim, é porque só há um significante, o fálico, que « tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual ».<sup>8</sup> Não há relação entre dois sexos, mas o (des)entendimento de dois sujeitos a partir da circulação de um único significante : o falo. Daí Lacan dizer que :

O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação *dos* quem ? — *dois* sexos.<sup>9</sup>

Para Lacan, o fato de não existir a relação sexual constitui a essência da vida, ou, como ele mesmo diz, o « fundo da vida » :

O que, com efeito, constitui o fundo da vida é que, para tudo que diz respeito à relação entre os homens e as mulheres, o que chamamos coletividade, a coisa não vai. A coisa não vai, e todo mundo fala disto, e uma grande parte de nossa atividade se passa a dizer isso.<sup>10</sup>

---

8 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, op. cit.*, p.49.

9 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, op. cit.*, p.14.

10 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, op. cit.*, p.46.

E como entra a mulher nesse contexto ? Justamente, a relação entre os dois sexos é impossível porque, como diz Lacan, *a mulher não existe*. Se existisse este significante que viesse representar o sexo feminino, haveria a relação sexual. *É do lado da mulher que a incompletude da relação se faz marcar :*

É verdade, o que é que vocês querem ? Se a relação sexual não existe, não há damas. [...] Esse negócio da relação sexual, se há um ponto desde onde isto se poderia esclarecer, é justamente do lado das damas.<sup>11</sup>

Com efeito, a mulher aponta para a incompletude porque ela mesma é « *não-toda* ». Ela não está totalmente inserida na ordem fálica, parte dela estando remetida a um outro lugar. Por isso Lacan diz que ela é *não-toda fálica*, pois a incidência do falo e da castração não a abrangem completamente. Freud já falava da fragilidade do superego paterno nas mulheres, na medida em que desacreditava do quanto elas estivessem submetidas ao regime do Édipo (leia-se castração). A dificuldade de resolução característica do Édipo feminino faz com que a mulher fique, dessa forma, um tanto mais ou um tanto menos, sempre um pouco à margem da lei instaurada pela castração.

Em Lacan, esta mesma questão é desdobrada para a concepção da « *não-toda* », que permite pensar a mulher a partir de uma exterioridade à ordem fálica, não podendo esta última portanto ser concebida como uma ordem fechada em si mesma, completa. É justamente do lado da mulher que a questão fálica encontra o seu limite, onde a sexualidade não pode ser pensada como uma totalidade. A mulher não faz conjunto, ela é aquilo que vem fazer

---

11 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, op. cit., p.78.*

objeção a que haja um todo. Não estando completamente regida pela dimensão fálica, há algo nela que escapa ao todo. Um ser falante que se coloque do lado da mulher se fundará por ser *não-todo* ao se situar na função fálica.

Por isso mesmo, não se pode dizer *A mulher*, com um artigo que a defina em um universal. Não há como conjugá-la em uma coletividade — as mulheres existem *uma a uma*, como muito bem atesta o mito de Don Juan, que as conta de uma em uma, até chegar a *mille e tre*. Devido a essa cisão, que a faz pertencente a dois lugares, Lacan propõe que se barre ~~A~~ mulher para mostrar que não há *A mulher*.

Lacan circunscreve esta perspectiva da mulher-barrada à questão do gozo : por ser *não-toda*, a mulher teria, em relação ao gozo fálico, um gozo *suplementar*. Se o seu gozo fosse complementar, haveria a possibilidade de um *todo*. É, portanto, a partir da discussão do todo e do não-todo que Lacan delineia um lugar específico para a mulher, articulando-o com a noção de gozo.

Desta maneira, ao destino feminino é dado, na leitura lacaniana, um lugar que não fica necessariamente atrelado à insuperabilidade freudiana da inveja do pênis — o lugar de um gozo que fica para além das bordas do gozo fálico, que seria também o lugar da mulher.

A mulher teria, assim, uma dupla inserção de seu gozo : participa do gozo fálico, mas está também conectada com um outro, que poderia ser chamado de gozo feminino na medida que ultrapassa o fálico. Esse outro gozo tem relação com o gozo do Outro, ou melhor, com a impossibilidade do gozo do Outro, com a incompletude do campo do Outro. É um suplemento, um *gozo-a-mais*, a partir da aceitação da castração, ou seja, da constatação de que não há um Outro a fazer gozar.

No que diz respeito ao gozo fálico, o *significante falo* vem marcar a divisão da mulher, sendo ao mesmo tempo o que proíbe e o que propicia o gozo, pois é ele que, na verdade, delimita a fronteira entre os dois gozos. Ao barrar o gozo do Outro, coloca-o ao mesmo tempo em cena. Este é um caráter paradoxal do *significante falo* : ele não vem somente *obstaculizar* um gozo infinito que lhe era preexistente, mas vem, também, *produzi-lo* à medida que o barra. Se não houvesse o gozo fálico, provavelmente esse outro gozo não seria nem pensável, como salienta Serge André em *O que quer uma mulher ?* :

É o gozo fálico, por seu lado parcial, fora-do-corpo, que nos faz pensar num mais-além. [...] Afinal, não é uma propriedade fundamental do *significante* — na medida em que ele é corte, delimitação de um bordo — evocar outra coisa além do que ele diz, e produzir, assim, literalmente, seu mais-além ?.<sup>12</sup>

Distintamente de Freud, para quem o furo da mulher é inteiramente metaforizado pelo viés da castração, para Lacan o furo aparece como tal justamente pelo *significante* que o margeia e o produz em seu exterior. O *significante falo* não camufla o furo, mas o faz surgir como aquilo que está para além dele. O gozo fálico, portanto, aponta para um outro gozo, o feminino, assintótico ao gozo do Outro que não há. O feminino é o que se busca depois do acesso ao gozo fálico; não se pode compreendê-lo sem a referência a algo que está para além do falo.

Como estamos vendo, o excesso de gozo na mulher não vem em substituição ao seu falicismo, mas é, como dissemos, um suplemento. O « *a-mais* » feminino não é o que vem completar a

---

12 Serge André. *O que quer uma mulher ?*, *op. cit.*, p.223.

falta do simbólico, fazendo do gozo fálico uma totalidade que terminaria em si mesma. Este suplemento marca, para a mulher, um lugar de « excentricidade » para fora do eixo central que é o gozo fálico. O *não* do não-toda deixa de ser uma negação ou uma contradição, mas aponta para uma exceção, dando ao feminino uma existência indeterminada.

É importante ressaltar que a articulação dos gozos na teoria lacaniana é bastante complexa. No *Seminário 20, Mais, ainda*, texto eminente sobre a questão da mulher nesta teoria, não fica totalmente claro se podem ser delineados três gozos ou apenas dois : isto é, se haveria somente o gozo fálico, sexual, possível para o ser falante, e o gozo do Outro, impossível, ou se a esses dois se pode juntar também o gozo feminino, possível a partir de certas injunções que dizem respeito a como o ser falante se coloca em relação ao falo. Minha hipótese é de que se possa falar de um gozo feminino, já que, ao fazer menção a esse *outro gozo* no seu seminário 20, Lacan o associa sempre com a questão da mulher. Ele mesmo parece se perguntar a todo momento sobre o que é da natureza desse gozo : « A questão é, com efeito, saber no que consiste o gozo feminino, na medida em que ele não está todo ocupado com o homem, e mesmo, eu diria que, enquanto tal, não se ocupa dele de modo algum ».<sup>13</sup>

Mas a questão fica em aberto. Em certos momentos do texto, parece que o único gozo possível é o gozo fálico, como é assinalado no seguinte trecho, embora sempre restando uma margem de dúvida sobre a existência do gozo feminino :

Se houvesse outro, não deveria, não teria que ser aquele. O que é que isto designa, *aquele* ? Será que designa aquilo que, na frase, é

---

13 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, op. cit.*, p.118.

o outro, ou é aquele de que partimos para designar esse outro como outro ? O que digo com isto, se sustenta no nível da implicação material porque a primeira parte designa algo de falso — *se houvesse outro*, mas não há outro gozo que não o fálico — salvo aquele sobre o qual a mulher não solta nem uma palavra, talvez porque não o conhece, aquele que a faz não-toda. É falso que haja outro, o que não impede que o resto da frase seja verdadeiro, isto é, que não teria que ser aquele.<sup>14</sup>

A citação é ambígua. Por um lado, afirma que não existe um outro gozo que não o fálico, mas opõe, a essa assertiva, um *salvo*, abrindo ao mesmo tempo possibilidade para que haja um outro gozo. Em outro trecho, Lacan sugere mais nitidamente um gozo específico da mulher :

Há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta — isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece.<sup>15</sup>

### 2.3. Do todo ao não-todo : fórmulas da sexuação

Lacan, então, sugere que se aborde este gozo, que « chamam como podem » pela *via lógica*. E propõe uma escrita com um esclarecimento lógico da incidência da função paterna sobre as posições sexuais masculina e feminina. O que distingue os sujeitos é a posição em que se colocam em relação à função fálica; a relação entre dois seres humanos, assim, não é de um sujeito com um outro sujeito, mas de cada sujeito com o falo.

---

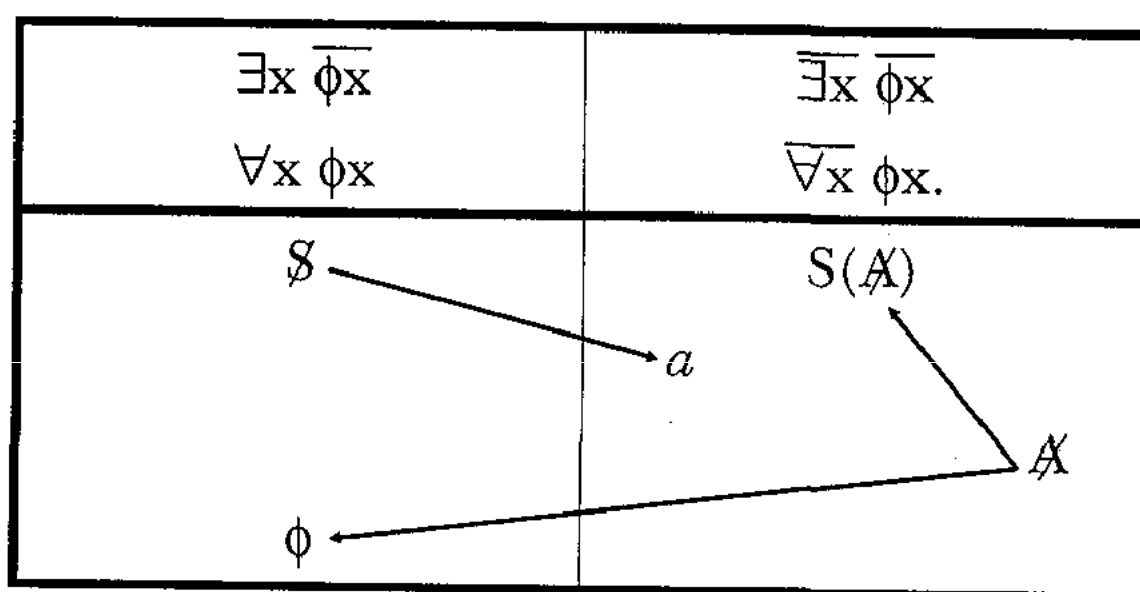
14 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.82.

15 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, idem*, p.100.



A essa escrita lógica, Lacan chamou « as fórmulas da sexuação ».<sup>16</sup>

Para apresentar tais fórmulas, Lacan faz um quadro com uma divisão vertical que repartiria a humanidade em dois lados — lado homem e lado mulher —, dispostos conforme a posição do sujeito frente à função fálica. A relação de cada sexo com a função fálica não permite a relação com o outro sexo. São descritas, então, quatro fórmulas que vão definir, duas a duas, a posição feminina e a posição masculina, da seguinte maneira :



O ponto de partida das fórmulas da sexuação é dado pela que propõe o universal do falicismo :  $\forall x \phi x$ . As outras fórmulas são derivadas de diferentes modos de negação desta primeira fórmula.

Lacan, nas fórmulas da sexuação, atém-se ao eixo, dado por Freud, do falocentrismo, mas trabalha logicamente a questão da negação da função fálica e propõe formulações que estreitam o impossível da relação sexual, de modo diferente da simplificação da oposição ter ou não ter o falo, que supostamente divide os sexos.<sup>17</sup>

16 Cf. Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, ibid.*, p.105.

17 Catherine MilLOT. *Nobodaddy*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p.72.

Assim, do lado homem, aparece, além de  $\forall x \phi x$ , também :  $\exists x \overline{\phi x}$ . Do lado mulher temos :  $\overline{\exists x \phi x}$  e  $\overline{\forall x \phi x}$ . Estas são as definições possíveis para os sujeitos — parte-homem e parte-mulher — ocuparem a linguagem. Qualquer ser humano inserido na linguagem vai se alinhar de um ou de outro lado. É uma questão de escolha : como diz Lacan, existem mulheres fálicas e homens que se alinham do lado feminino, como por exemplo os homossexuais e os místicos.

Então, na vertente masculina,  $\forall x \phi x$  é lido como : « todos os homens estão submetidos à função fálica », ou, « todos aqueles inscritos na função fálica têm valor de homem ». O prosdiorismo  $\exists x \overline{\phi x}$  traz a exceção, dizendo que « existe um que não está submetido à função fálica ». Percebe-se aí já uma contradição, logicamente necessária, pois Lacan apóia-se na formulação de Charles S. Peirce, onde o universal só pode ser fundado a partir de uma exclusão. Como dizemos comumente : « a exceção faz a regra ». Assim, para que se forme o conjunto dos fálicos, faz-se necessário haver *um* que escape ao universal do falicismo.

Para a construção destas fórmulas, Lacan utiliza-se das proposições aristotélicas, que apresentam diferentes maneiras de uma proposição ser negada ou afirmada. Partindo desta base, Lacan fará as proposições de Aristóteles sofrerem uma distorção. Sem querer dar conta de o que é distorcido das formulações aristotélicas, acredito ser interessante fazer uma breve exposição do estudo de Aristóteles, para fazer um cotejamento com as fórmulas lacanianas.

A proposição aristotélica consistia de um *prosdiorismo* (*todo, algum, nenhum*), de um substantivo e de um predicado. A base da lógica era a utilização da proposição universal *todo*, da proposição particular *algum*, e das negações das mesmas. A partir de uma

universal afirmativa, a reflexão de Aristóteles fazia-se sobre as formas de negar ou afirmar os atributos das coisas, o que o levava a constatar que a toda afirmação corresponde uma negação que se lhe opõe e vice-versa :

E como é possível afirmar o que pertence a algo como não lhe pertencendo, o que não lhe pertence como lhe pertencendo, o que não lhe pertence como não lhe pertencendo, e como é possível igualmente, segundo tempos que se encontram fora do momento presente, afirmar tudo que se negou, fica disso evidente que, à qualquer afirmação, responde uma negação que lhe é oposta, e a toda negação uma afirmação.<sup>18</sup>

As proposições podem ser contrárias ou contraditórias : são contraditórias quando a uma afirmação que exprime *um sujeito universal tomado universalmente* se contrapõe uma negação que exprime o mesmo sujeito não tomado universalmente, ou seja, ambas não podem ser falsas ou verdadeiras ao mesmo tempo, como, por exemplo, a afirmação universal « todo homem é branco » e sua contraditória, a particular negativa, « algum homem não é branco », não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. As proposições são contrárias quando à afirmação de um sujeito universal se opõe a negação de um sujeito universal. Por exemplo : « todo homem é branco », universal afirmativa, tem por contrária « nenhum homem é branco », universal negativa.<sup>19</sup>

Lacan, por sua vez, parte desta base, mas faz as devidas transformações para dar conta das especificidades do inconsciente. Em Aristóteles, vimos que a universal afirmativa (ex : todo ho-

---

18 Aristóteles. *Organon, vol.II : De l'interprétation*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1977, p.86.

19 Cf. Aristóteles. *Organon, vol.II : De l'interprétation*; C. Millot. *Nobodaddy, op. cit.*

mem é branco) marca a *lógica do todo*. A lei aristotélica é dada, é natural, o que faz com que não haja necessidade de existir uma exceção ao universal.

Todavia, por sua vez, a lei na psicanálise não é dada, tendo que ser construída, fundada. Por isso Lacan, apoiado, como foi visto, na formulação de Charles S. Peirce, inclui o *ao-menos um* que faz exceção ao todo do conjunto dos fálicos, mostrando, desta forma, como a lei é fundada. Lacan demarca, no *lado-homem*, como ele mesmo chama, do quadro das « fórmulas da sexuação », a particular negativa  $\exists x \overline{\phi x}$ , o *um* que, por estar fora, funda a lei : é a *exceção fundadora* do todo fálico. Façamos uma análise através das formulações : para que  $\forall x \phi x$ , é necessário  $\exists x \overline{\phi x}$ , isto é, a fim de que para todo  $x$  valha a função  $\phi$ , tem que existir um que escape a esta mesma função.

Lacan parte, para delinear esta construção, do mito da horda primitiva descrito por Freud em *Totem e tabu* (1913) : existe ao-menos um, o Pai, ao qual é permitido gozar de todas as mulheres. A existência deste *um* asseguraria que a propriedade  $\phi$  seja aplicada a  $x$ . O fato de que a este *um* seja permitido serem atendidas suas exigências sexuais sem limites gera inveja e ódio entre os outros membros da horda. Assim, buscando apropriar-se dos atributos do pai, a fim de que também eles pudessem desfrutar de todas as mulheres, os filhos o matam e o devoram em uma refeição canibalística.

Contudo, o arrependimento e a culpa instauram o morto em um lugar único : o lugar do Pai. O homem que possuía todas as mulheres só é elevado à função de Pai após ter sido assassinado. Daí Lacan afirmar, no seminário *A ética da psicanálise*, que o mito do assassinato do pai só adquire o seu verdadeiro sentido, o de instaurador da lei, na medida em que o pai está morto. Para que

a lei possa ser veiculada, é necessária essa figura « temível, temida assim como incerta, a do personagem onipotente, semi-animal da horda primordial, morto por seus filhos ». <sup>20</sup>

A exceção, então, funda a lei que impõe a castração, apresentada no segundo algoritmo :  $\forall x \phi x$ , todos os homens são castrados.

Este é um dos paradoxos do gozo apontado por Lacan : se o assassinato do pai liberaria os filhos para que pudessem também gozar de todas as mulheres, isto no entanto não se sucedeu. Ao invés de abrir a via de acesso para o gozo, o assassinato reforça a sua interdição, instaurando a lei.

Nas fórmulas, o prosdiorismo será substituído por quantificadores : « todo » será trocado pelo quantificador universal  $\forall$ , cuja negativa é dada por uma barra colocada à esquerda ou em cima da letra :  $\bar{\forall}$ ; no lugar de « algum », entrará o quantificador « existencial »  $\exists$ , cuja negativa será  $\bar{\exists}$ . O atributo ou predicado será a própria função que, nas fórmulas de Lacan, é especificada como a função fálica e escrita como  $\phi$ . O  $x$  será o sujeito inscrito no simbólico, e, portanto, um sujeito que se faz representar por um significante. <sup>21</sup>

Como mostra Lacan, o lugar do Pai é também o *d'A mulher*, que não existe. Por ser *não-toda fálica*, a mulher parece implicar a existência do *Um* que faz a exceção ao conjunto dos fálicos. É o que mostra o prefácio de Lacan para a peça de Wedekind, *O despertar da primavera* :

Como saber, segundo formula Robert Graves, se o próprio Pai, o nosso pai eterno, não é um Nome entre outros da Deusa branca a que, no seu dizer, se perde na noite dos tempos a ser a Diferente,

20 Jacques Lacan. *O Seminário. A ética da psicanálise, livro 7*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 216

21 Cf. Catherine Millot. *Nobodaddy, op. cit.*, p.73.

a Outra, para sempre no seu gozo — como as formas do infinito das quais apenas podemos começar a enumeração sabendo que é ela que nós suspenderá.<sup>22</sup>

A respeito dessa mesma questão, pode-se destacar igualmente a articulação proposta por Catherine Millot em *Extrasexo* :

É neste lugar que se pode situar a função lógica tanto do Pai primitivo quanto da Mulher que valeria por todas as mulheres. É, com efeito, o lugar do gozo como lugar do impossível, o lugar do gozo de todas as mulheres, gozo suposto ser o do pai freudiano da horda primitiva. Lugar do gozo da Mulher, genitivo objetivo (o gozo que se tem dela), é também o lugar do gozo da Mulher, genitivo subjetivo (o gozo que ela deveria experimentar em sua radical alteridade).<sup>23</sup>

Mas voltemos às fórmulas. Do lado mulher, vimos também duas fórmulas :  $\exists x \overline{\phi x}$ , qual seja, « não existe alguma que não esteja submetida à função fálica », isto é, « nenhuma escapa à função fálica »; e  $\forall x \phi x$ , a qual se pode ler « as mulheres são não-todas submetidas à função fálica ». A pertinência da mulher ao domínio do falo mantém, assim, uma indecidibilidade : se ela não é toda, parte dela tem sua pertinência a um outro lugar, o lugar de um gozo que não o fálico, de um gozo feminino. As mulheres não estão, por princípio lógico, excluídas de um *outro gozo* para além do fálico, participando, como já se disse anteriormente, de dois gozos.

Abaixo das quatro proposições, estão dispostos cinco termos. Do lado masculino, aparecem o  $\$$  e o  $\phi$ . O  $\$$  é o sujeito dividido

22 Préfácio de Jacques Lacan (setembro de 1974), in Frank Wedekind. *L'éveil du printemps*. Paris, Gallimard, 1974.

23 Catherine Millot. *Extrasexo*. São Paulo, Escuta, 1992, p.37.

pelo significante, o sujeito do inconsciente, que se ligará, enquanto parceiro sexual, ao *objeto a*, situado na vertente da mulher, sendo esta « parceria » que constitui a fantasia, como indica a fórmula do fantasma :  $\$ \diamond a$ . Desta maneira, o quadro indica que é somente através da mulher enquanto objeto *a* que o homem encontra o seu gozo, marcadamente um gozo fálico, pois que não tem qualquer aproximação possível com o gozo do Outro. Por isto Lacan diz que a mulher ocupa o lugar da *fantasia* do homem.

O que se viu, mas apenas do lado do homem, foi que aquilo com o que ele tem a ver é com o objeto *a*, e que toda a sua realização quanto à relação sexual termina em fantasia.<sup>24</sup>

Tentar apreender o que é do lugar da mulher frente ao homem, no pensamento lacaniano, causa-me uma certa apreensão : haveria um lugar para a mulher junto ao homem como parceiro sexual que não o de objeto *a* ? No livro *Feminine Sexuality : Jacques Lacan and the « École Freudienne »*, Jacqueline Rose salienta que, quando Lacan aponta que « A mulher não existe », está, justamente, tirando a mulher deste lugar fantasmático. Este aforisma não quer dizer que a mulher-de-carne-e-osso não exista, mas que a determinação de que lhe caiba garantir a fantasia (exatamente A mulher) é falsa ( $\bar{A}$ ).<sup>25</sup> Contudo, apesar de ser marcado um lugar para a mulher que não seja estrito ao lugar da fantasia masculina, no que diz respeito ao seu lugar junto ao homem, não parece ser oferecida uma outra posição que não a de preencher a estrutura fetichista do desejo masculino. Paradoxalmente, não é à feminilidade da mulher que se dirige o desejo

24 Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20, op. cit.*, p.116.

25 Cf. Juliet Mitchel & Jacqueline Rose. *Feminine Sexuality : Jacques Lacan and the « École Freudienne »*. Londres, The MacMillan Press, 1982, p.48.

do homem, consistindo a condição pela qual esta volta-se para o homem numa certa perda do indiscernível da sua feminilidade, ao aceitar tomar para si a função do objeto *a*.

Entretanto, na vertente feminina, a mulher não-toda está dividida em seu desejo, que se dirige ao falo como atributo do seu parceiro ao mesmo tempo que ao  $S(A)$ , ao lugar da incompletude, do gozo impossível do Outro. A mulher tem ligação com o Outro barrado, com o significante que falta no Outro, pois o que falta no Outro é um significante do sexo feminino. É aí que ela se depara com este outro gozo que não é fálico e que constitui o gozo suplementar que lhe é compatível.

Da proximidade deste gozo suplementar com o gozo impossível do Outro, deduz-se uma equivalência entre o gozo feminino e o gozo místico. Lacan se pergunta se não é uma certa face de Deus que a mulher contemplaria ao visar o encontro com este lugar vago do gozo barrado do Outro. O lugar oferecido na vertente masculina ao *Um* que faz exceção à função fálica tem pertinência com o Pai, com a Mulher, mas também com Deus. O que o homem busca na religião não é, afinal, *religar-se*, ou seja, ligar-se novamente a esse gozo absoluto, sem limites, do qual outrora, miticamente, porventura teria participado? Ou mesmo, já que a castração impede e marca de forma absoluta a impossibilidade desse gozo, isto justamente implica que o sujeito possa insistir em buscar esse inatingível — e porque não sob a forma de contatos com Deus? Daí a *encontrá-Lo*, é uma outra história...

As jaculatórias abrasadas de Santa Teresa de Jesus ilustram essa tentativa de um encontro absoluto com o Outro, num gozo que causa dor pela sua « excessiva suavidade », como mostra a passagem em que conta seu encontro com um anjo que com uma seta feria seu coração :



Era tan grande el dolor que me hacía dar aquellos quejidos y tan excesiva la suavidad que me pone este grandísimo dolor, que no hay desear que se quite, ni se contenta el alma con menos que Dios. No es dolor corporal, sino espiritual, aunque no deja de participar el cuerpo algo, y aun harto.<sup>26</sup>

Concluindo, portanto, vemos que traçar o percurso teórico do feminino em Lacan implica adentrarmos por paragens um tanto ou quanto surpreendentes, como a lógica formal e as questões da mística. Isto reafirma, a meu ver, a obscuridade que envolve o tema do feminino, denunciada por Freud quando chamou-o do *continente negro* da pesquisa psicanalítica. Munidos destes « instrumentos », vamos ingressar agora, no terceiro capítulo, numa questão mais específica do estudo da sexualidade feminina, que concerne à figura da Outra mulher na constituição da vida sexual da mulher, no seu trajeto para « tornar-se mulher ». Quem é essa figura ? Uma rival ? Uma substituta da mãe ? Um pólo de identificação ? Uma cúmplice ? É na trilha destas indagações que iniciaremos o próximo capítulo.



---

26 Santa Teresa de Jesus. *Obras completas*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1977, p.131.

## Capítulo 3

### As Relações entre as Mulheres

#### 3.1. A mãe, a mulher e as outras mulheres

*« Amiga... noiva... irmã... o que quiseres !  
Por ti, todos os céus terão estrelas,  
Por teu amor, mendiga, hei de merecê-las  
Ao beijar a esmola que me deres.[...]  
E depois... Ah ! Depois de dores tamanhas  
Nascerás outra vez de outras entranhas,  
Nascerás outra vez de uma outra Mãe ! »<sup>1</sup>*

Vimos no primeiro capítulo a importância da relação da menina com sua mãe para a compreensão da sexualidade feminina. Na perspectiva de circunscrever um campo de estudo do universo de relações entre as mulheres, vamos de encontro a essa região do investimento erótico fundamental da mulher com o seu primeiro objeto de amor. As relações entre as mulheres podem ser compreendidas à luz dessa primeira relação. Por ser tão intensa e duradoura, esta ligação deixa marcas indeléveis no desenvolvimento sexual da menina e continua a ecoar em sua vida posterior, tendo como um de seus desdobramentos a relação com outras mulheres. Seja com uma amiga ou com qualquer outra mulher que possa eventualmente incorporar os signos desta infância longínqua, os vestígios do período pré-edipiano insistem em retornar.

---

1 Florbela Espanca. « Crucificada ». *Sonetos*. São Paulo, Difel, 1982.

A ligação com a mãe é muito pregnante na menina, como é evidenciado no artigo « Sexualidade feminina » (1931) :

Vemos, portanto, que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de *pré-edípiana*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual da menina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase.<sup>2</sup>

Nesse artigo, como já se viu no primeiro capítulo dessa dissertação, Freud revela que levou um tempo muito longo para descobrir a relevância da fase pré-edípiana para a compreensão da sexualidade feminina :

Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-edípiana, nas meninas, nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização da Grécia.<sup>3</sup>

Foi investigando o modo pelo qual a menina abandona a mãe para substituí-la pelo pai que Freud foi levado a afirmar a pregnância do laço com a mãe na vida das mulheres, tendo verificado que a menina não se afasta da mãe de uma maneira imediata, ficando mesmo a questão sobre se chega a deixar de todo a mãe para ir em direção ao pai.

A relação com o pai não faz desaparecer, para a menina, a relação primária com a mãe. Ela só constitui um « adiamento », uma

---

2 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.265.

3 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, p.260.

« prorrogação » desta [...]. Por conseguinte, a questão da homossexualidade feminina se torna uma questão de estrutura; há alguma coisa de quase « naturalmente homossexual » nas mulheres.<sup>4</sup>

Assim, a substituição da mãe pelo pai não parece efetivar-se completamente.<sup>5</sup> Essa primeira fase, marcante na mulher, reverbera na relação edípica, onde vemos a ligação com o pai ser revestida das mesmas tintas que antes coloriam o primeiro objeto, pois :

[...] onde a ligação com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. Com exceção da mudança de seu objeto amoroso, a segunda fase mal acrescentara algum aspecto novo à sua vida erótica. A sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multifacetada.<sup>6</sup>

Assim, a relação com a mãe guarda, para a menina, uma predominância que encontrará reverberações em todo o seu percurso sexual posterior. Por não ter um motivo contundente que venha separá-la de sua mãe, a menina fica enredada nesta relação, mesmo que sobressaltada pela iminência do perigo de ser devorada pela mãe.

É uma ligação viscosa e ambivalente : feita de amor e ódio. Um amor intenso se transforma em ódio projetado sobre a mãe, o que leva à formação de um fantasma de assassinato :

---

4 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.171.

5 A dificuldade da menina separar-se da mãe e encaminhar-se para o pai foi bastante trabalhada no primeiro capítulo.

6 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras Completas*, *op. cit.*, p.259.

[...] nessa dependência da mãe encontramos o germe da paranóia posterior nas mulheres, pois esse germe parece ser o surpreendente, embora regular, temor de ser morta (devorada ?) pela mãe.<sup>7</sup>

O fantasma da mãe devoradora vem como projeção do ódio a esta dirigido, mas vem também como o medo de fundir-se e perder-se com a mãe em uma união indissolúvel, um gozo total que seria equivalente à própria morte. Sobre essa possibilidade de se perder no corpo da mãe, Michèle Montrelay mostra como o amor que a mulher dirige a seu próprio corpo está mesclado com o que nutriu pelo corpo do seu primeiro objeto de amor :

Pois a mulher goza de seu corpo como o faria do corpo de uma outra. Cada acontecimento de ordem sexual (puberdade, experiências eróticas, maternidade, etc.) *lhe chega* como se viesse de uma outra : ele é a atualização fascinante *da* feminilidade de toda mulher, mas também, sobretudo, da mãe. Tudo se passa como se « tornar-se mulher », « ser mulher », abrisse o acesso a um gozo do corpo enquanto feminino *e/ou* materno. No « amor-próprio » que comporta, a mulher não pode fazer a diferença entre seu próprio corpo e aquele que foi o primeiro objeto.<sup>8</sup>

Marie Madeleine Chatel também comenta, em seu texto « Le rapport mère-fille », a indiferenciação que há entre o corpo da mãe e o da filha. Por terem o mesmo corpo, não aparece de imediato o emblema do traço da diferença no nível corporal, que seria o traço delimitador da separação da filha e da mãe :

---

7 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), *in* S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, p.261.

8 Michèle Montrelay. *L'ombre et le nom*. Paris, Minuit, 1977, p.69.

A menina pode permanecer no imaginário da mãe em uma espécie de *flou*, como um bloco que não permite a mãe separar-se de sua criança.<sup>9</sup>

O ódio é a matéria prima dessa força avassaladora entre a menina e sua mãe, essa força de dois fazerem um, esse abismo onde o sujeito é dragado pela impossibilidade de se ver como um, separado de um outro, ódio que vinga na relação da filha com a mãe, ódio entre mulheres...

O ódio é, assim, um elemento que se destaca na relação mãe-filha, fruto da complexidade humana, que envolve, muitas vezes, precisar destruir aquilo que mais se ama. Em nome do amor, muita destruição acontece.

Quando a constatação da castração feminina inaugura o movimento em direção ao Édipo, a menina passa a odiar a mãe também por esta não lhe poder dar tudo, por ser castrada. Mas igualmente a odeia quando esta tem a pretensão de « lhe dar tudo », ou seja, quando a mãe busca engolfá-la para que sejam uma só.

Em relação ao início da fase edipiana, algumas mulheres se mostram, com efeito, amarradas à lógica da queixa : reclamam da mãe, repetem mais tarde esta mesma reclamação com o homem que pretendem amar, face ao qual as queixas se reduplicam, ficando estas mulheres compelidas a sempre fazer um discurso reivindicatório. Desta forma, podem ficar rendidas por uma espécie de insatisfação eternamente insaciável, que as pode levar a um sentimento de serem reduzidas a nada, de se sentirem abandonadas, anuladas, apagadas.

---

9 Marie Madeleine Chatel. « Le rapport mère-fille », mimeo, 1989, p.4.

No livro *Figurações do feminino*, Danièle Brun sugere que há um « matricídio » inerente à vida psíquica da mulher :

Ainda que pareça provocante a idéia de um processo matricida, acredito que seja apropriada para exprimir o trabalho que toda menina, toda mulher em busca de sua identidade sexual deve cumprir, sob pena de permanecer habitada ou parasitada pela imagem de sua mãe real, em todos os períodos de sua vida.<sup>10</sup>

Mas uma característica decisiva da hostilidade da filha para com sua mãe é o fato deste ódio parecer ser o elemento motor para o surgimento da feminilidade. O afastamento da mãe é o que permite a transição para o pai, e, com isso, a menina se aproxima da sua feminilidade : « O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe ».<sup>11</sup> Como bem ilustra Danièle Brun, « a feminilidade é uma conquista contra a mãe ».<sup>12</sup>

No campo psicanalítico, é imensa a bibliografia que aborda esta relação tão intensa da filha com a mãe, que está igualmente presente na literatura. No artigo « Motherhood and Daughterhood » de seu livro *Of Woman Born*, Adrienne Rich faz um estudo de como a relação mãe-filha é um *leitmotiv* nos textos de várias escritoras, relacionando um grande número das que testemunharam, nas suas obras e depoimentos, terem tido uma relação turbulenta com suas mães.<sup>13</sup>

Tomando como exemplo escritoras como Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Emily Dickinson, Doris Lessing, Sylvia Plath,

---

10 Danièle Brun. *Figurações do feminino*. São Paulo, Escuta, 1989, p.20.

11 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras Completas*, op. cit., p.275.

12 Danièle Brun. *Figurações do feminino*. São Paulo, Escuta, 1989, p.113.

13 Adrienne Rich. « Motherhood and Daughterhood », in A. Rich. *Of Woman Born*. Nova York, Virago, 1981.

entre outras, Adrienne Rich compartilha com elas um sentimento de totalidade na ligação com a mãe. A marca desta relação é uma enorme ambivalência : a mais profunda cumplicidade, aliada ao mais doloroso estranhamento. Fazendo um percurso similar ao que vimos em Freud, Adrienne Rich mostra como o caminho de amar um homem é ambíguo para a mulher, vez que a sua primeira sensualidade esteve toda voltada para uma mulher. Muitas vezes a mulher busca encontrar a mãe no seu marido, como testemunha Simone de Beauvoir :

Eu não costumava pensar em minha mãe com qualquer sentimento particular — contudo, no meu sono, ela freqüentemente tinha um papel importante : ela se misturava com Sartre, e nós ficávamos felizes juntas. Mas depois o sonho se tornava um pesadelo : por que estava morando com ela de novo ? Como fui parar sob o seu poder novamente ? Nossa relação existia dentro de mim com um duplo aspecto — uma sujeição que eu amava e odiava.<sup>14</sup>

Em seu artigo « Sexualidade feminina », Freud também constata, como já se disse anteriormente, que se no início as mulheres vêem no marido a figura do pai, logo depois passam a repetir com ele a relação que tiveram com suas mães. Numa primeira aproximação, o marido é escolhido conforme o modelo do pai, passando, depois, a ser herdeiro da ligação primária com a mãe.<sup>15</sup>

A força da figura materna impõe-se na vida adulta da mulher. Não é fácil desgarrar-se deste primeiro terreno de satisfação sensual e calor humano. Como aponta Rich, a dificuldade de escrever sobre a mãe escorrega na sensação de que falar da mãe é falar de si

---

14 Simone de Beauvoir. *A Very Easy Death*. Nova York, Warner Paperback, 1973, p.119.

15 Cf. Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras Completas, op. cit.*



própria, de que é a própria história que está sendo contada. Ainda segundo Adrienne Rich, « este investimento entre mãe e filha — essencial, distorcido, tormentoso — é a grande história ainda não escrita. »<sup>16</sup> Talvez não exista, prossegue a autora, qualquer experiência na existência humana que seja comparável ao fluxo de energia que corre entre esses dois corpos : além de serem biologicamente semelhantes, um deles teve um trabalho orgânico de dar a vida ao outro, um dos quais repousou em um « êxtase amniótico » dentro do outro. Nas palavras de Aurelia Plath, mãe da escritora Sylvia Plath, vemos um exemplo, do ponto de vista da mãe, da dificuldade de separar-se e de diferenciar-se da filha mulher : « Entre Sylvia e eu, da mesma forma que entre minha mãe e eu, existiu sempre um tipo de osmose psíquica que era às vezes de uma plenitude maravilhosa; outras vezes, era uma desconfortável invasão da privacidade. »<sup>17</sup> Em suas *Letters home*, Sylvia Plath dá testemunho igualmente desta « osmose psíquica » com a mãe.

Também na mitologia, o mito de Deméter e Perséfone ilustra a profundidade da díade mãe-filha. Deméter, deusa da terra cultivada, foi possuída por seu irmão Zeus, e dessa união nasceu uma filha : Perséfone. Deméter e Zeus tinham um irmão, Hades, que se enamorou da sobrinha e levou-a cativa para o mundo subterrâneo, o mundo dos Infernos. Mas a mãe ouviu o grito da filha e passou a percorrer o mundo, incansavelmente, com o fito de encontrá-la. No décimo dia, o Sol lhe revelou o paradeiro de Perséfone. Enfurecida, Deméter abdicou da sua função de « deusa cultivadora », e seu exílio voluntário deixou a terra estéril.

---

16 Adrienne Rich. « Motherhood and Daughterhood », in A. Rich. *Of Woman Born*, op. cit., p.225.

17 Aurelia Schober Plath (ed.). *Letters home*. Nova York, Harper Perennial, 1992, p.32.

Como a ordem do mundo estivesse ameaçada, Zeus ordenou a Hades que libertasse Perséfone, mas esse só acatou o desígnio de Zeus mediante a combinação de que Perséfone passaria quatro meses do ano no mundo dos Infernos, ficando o restante do ano com a mãe. E assim, quando Perséfone voltava do mundo das trevas, era a primavera. A terra cobria-se de verde, era a época do cultivo e da fertilidade do solo. Perséfone (ou Core) é, assim, a semente que vive no solo para germinar uma vez por ano.<sup>18</sup>

Assim, a separação da filha de sua mãe é causa de um transtorno. Se a separação do filho homem é justificada e efetivada pela lei da castração, a da filha mulher é tida como *anômala*. Não há, na lei simbólica, um operador que legitime esta separação. A filha separa-se da mãe por motivos que são antes de uma ordem interior à sua vida psíquica : inveja, queixas, melindres, hostilidades, ressentimentos... Quanto à sua fertilidade, é muito freqüente que uma mulher possa ter um filho com a finalidade de doá-lo à mãe, tentando, ao entregá-lo como oferenda, aplacar o ódio que presume que a mãe lhe vote :

Por um longo período, a filha não se sente autorizada a fazer isso (ter um marido ou um filho). Ela fica aterrorizada pela idéia de suplantar sua mãe, temendo as represálias, ou mesmo a perda definitiva da mãe. Com freqüência, então, ela deixará o filho aos cuidados da mãe, para acalmar a hostilidade desta.<sup>19</sup>

Concluindo, vimos que, para Freud, a descoberta da importância do período antes-do-Édipo é fundamental para se compreender a sexualidade feminina. Muitos outros momentos da vida da

---

18 Cf. Junito de Souza Brandão. *Mitologia Grega*, vol.I. Petropólis, Vozes, 1986, pp.289-294.

19 Marie Madeleine Chatel. « Le rapport mère-fille ». Mimeo, 1989, p.6.

mulher serão ressignificados para ela a partir das impressões deixadas pela ligação com seu primeiro objeto de amor. A relação mãe-filha tem muitas reverberações na vida adulta da mulher, e provoca conseqüências no que diz respeito à forma dela ligar-se às outras mulheres.

### **3.2. O que ela tem que eu não tenho ?**

Tem, assim, a outra mulher uma presença marcante na vida da mulher. Em primeiro lugar, a libido da menina é dirigida à mãe, o que muitas vezes faz com que lhe seja quase impossível encaminhar-se em direção ao pai, isto só acontecendo às custas de uma grande decepção com a mãe. Mais tarde, passa a existir entre as mulheres um vínculo que também cria obstáculos na via que queiram percorrer no seu amor dirigido a um homem. A mulher vê-se, freqüentemente, em sua vida erótica, atrelada à figura da Outra mulher, a quem atribui o saber sobre o que é ser mulher, encontrando na outra, desta forma, aquela mulher completa que outrora teria sido a mãe antes de decepcioná-la, antes de mostrar-se uma mãe castrada.

A partir da falta de um significante que seja próprio do feminino, é a uma outra mulher que será dirigida a pergunta « o que é ser mulher ? ».

« Porque sua feminilidade lhe é estranha, ela venera, através de seu próprio corpo, o mistério da Outra mulher que detém o segredo daquilo que ela é ».<sup>20</sup>

---

20 Gérard Pommier. *A exceção feminina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.35.

Nessa perspectiva, a outra seria a própria encarnação da feminilidade, aquela que possuiria o saber do que é ser mulher e, mais especificamente, do que é ser mulher para um homem.

Há, assim, uma dupla aparição da Outra mulher no desejo feminino. Um primeiro movimento vai da mãe para o pai, e um segundo, do homem para a mulher, ou seja, a mulher pode continuar amando a mãe através do pai,<sup>21</sup> e, quando chega ao amor por um homem pode ficar buscando nele rastros que levem à outra mulher :

Eis porque quando uma mulher ama um homem, ela se encontra em posição masculina; encena, para além dele, a Outra mulher. Se não se contenta em ser amada, mas ama também, aquilo que ela ama se dirige à mãe impessoal que o ato de amor busca reconquistar. Quando um homem é amado por uma mulher, ele lhe abre um acesso enviesado à sua mãe.<sup>22</sup>

A ligação à outra mulher comumente se apresenta, na relação com o homem, sob a forma de um ciúme doentio, isto é, ela passa a ter um interesse exacerbado por alguma mulher, que ela elege, por projeção, como aquela por quem o seu homem se sente atraído.

A Outra mulher vem com o homem, e a simples idéia dela pode preceder, pretextar o abandono, embora nada que possa dar margem ao ciúme tenha efetivamente acontecido.<sup>23</sup>

---

21 Como vimos anteriormente, a substituição da mãe pelo pai não se faz integralmente. A menina continua ainda presa à mãe quando se relaciona com o pai, o que faz com que a relação com o pai, na mulher, pareça ser muito mais da ordem de uma *metonímia* da mãe do que de uma *metáfora*.

22 Gérard Pommier. *A exceção feminina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.53.

23 Gérard Pommier. *A ordem sexual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p.128.

O amor implícito pela mulher comparece no momento em que o homem é desejado; o amor pelo homem faz brotar, paradoxalmente, um amor pela mulher, que terá como consequência uma aparente homossexualidade.<sup>24</sup>

Sobre esse aspecto homossexual do ciúme, Freud tece alguns comentários importantes no artigo « Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo » (1922), mostrando como o ciúme pode ser no fundo fruto de um sentimento homossexual. Sendo experimentado bissexualmente, o ciúme, tanto na mulher quanto no homem, apresenta não só a ferida narcísica decorrente da perda do ser amado, mas, inconscientemente, por envolver também um desejo pela rival da qual se tem ciúmes.<sup>25</sup>

O ciúme entre as mulheres é distinto da rivalidade que existe entre os homens : inclui uma forma de reconhecimento e de amor, ou seja, a outra é rival mas é também alguém a quem é dirigido o amor. Freud alude a isso quando assinala, como foi visto no primeiro capítulo, que a bissexualidade é mais presente nas mulheres do que nos homens :

[...] a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens.<sup>26</sup>

A mulher ama a outra por reconhecer nela uma marca da sua própria feminilidade. Afinal, foi primeiramente de uma mulher

---

24 Cf. Gérard Pommier. *A ordem sexual, op. cit.*, p.128.

25 Cf. Freud. « Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo » (1922), *in* S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.271.

26 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), *in* S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, 1974, p.262.

que, para ela, partiu a indicação do desejo pelo homem. A mulher é uma rival, mas é também, e é isso que torna a questão complexa, uma cúmplice. É pelo desejo de uma mulher que o pênis adquire o valor de falo, é porque a mãe aponta para o pai que a menina se volta para ele :

[...] não é da Outra mulher que provém originalmente o amor pelo falo, assim como pelo homem ? E, se esse homem é fonte de tormentos, se não é digno de confiança, a despeito de tudo o que possa dizer e o que possa fazer, a Outra mulher, ao contrário, o é. Confiável, sua presença é certa. Ela oferece uma base paradoxal e secreta do masculino, com a qual é possível contar.<sup>27</sup>

No que diz respeito à rivalidade entre as mulheres, esta encontrará a sua motivação no desejo que a mulher tem de ser a única no coração de um homem. O que uma mulher não suporta não é tanto que o seu homem se interesse por outras mulheres, mas que ele coloque uma outra mulher num lugar especial do seu desejo. Uma mulher não pode admitir que o seu amado se apaixone por uma outra mulher, que ela não seja o único objeto da sua paixão.

Ela tem ciúmes pelo fato da outra possuir, ou parecer possuir, esse traço de eleição do amor que ela inveja. O que torna uma mulher ciumenta é menos que seu amante deseje outras mulheres além dela, do que ele pense, a respeito de outra mulher, que ela tem « um quê » que a torna irresistível. Esse « quê », esse índice de um signo que captaria « magicamente » o desejo do outro, as mulheres não cessam de rastreá-lo nas outras.<sup>28</sup>

---

27 Gérard Pommier. *A ordem sexual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992. p.128.

28 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.177.

Fala-se muito, no senso-comum, da rivalidade feminina, do quanto as mulheres são extremamente irascíveis entre elas. O duelo entre mulheres pode ser compreendido como efeito de um antigo temor de ser devorada, morta pela mãe.

Esta parte dela que constitui a raiz imaginária dilacerante de uma relação dual com a mãe é vivida através de amizades femininas passionais, que com frequência se rompem de maneira quase dramática.<sup>29</sup>

As rupturas são efeitos inevitáveis de quando há um descolamento feito pelo simbólico sobre o imaginário do gozo com a mãe, um corte sobre este envelope imaginário do corpo tão próximo da mãe. É difícil para uma mulher suportar o vazio de representação, o que a leva a colar-se imaginariamente ao corpo da mãe, constituindo a renúncia dessa proximidade incestuosa um luto doloroso, pois há uma parte da relação com a mãe que não é metaforizável pela castração e que deve ser perdida para restar apenas como *puro vazio*. Como vimos no gráfico do segundo capítulo desta dissertação, a mulher tem relação com o S ( $\bar{A}$ ), o significante da falta no Outro, que marca um « para-além » da castração efetuada pelo significante fálico.

A parte da mulher que escapa à função fálica e, portanto, fica irrepresentável, constitui para ela um perigo. Por ser dúctil, este irrepresentável corre o risco de colar-se à figura de uma outra mulher, na tentativa de encontrar algum signo possível que a tire do abismo do seu vazio. O que é insuportável para uma mulher é ter que confrontar-se com a vacilação de uma identidade

---

29 Marie Madeleine Chatel. « Le rapport mère-fille », mimeo, 1989, p.9.

não-toda, com um nada ao qual, em tantos momentos de sua vida, ela se vê relançada.

E isso a arrasta a dedicar-se cada vez mais ao Outro, até sacrificar toda sua existência, e a invejar cada vez mais a outra mulher onde ela acredita ver a imagem feminina perfeita da qual se sente ela mesma despossuída.<sup>30</sup>

Ou, então, surge o ódio, como forma também de tentar dar conta do irrepresentável. Como vimos, o fantasma da devoração é figura presente no *entre-mulheres* :

Violência da irrepresentação : [...] o ódio tenta representar o irrepresentável que é para uma mulher a sua própria mãe. O que nos conduz — monotonia desesperante — à Mulher-Deus-Mãe-de-toda-a-vida, e à rivalidade de toda mulher com a mulher-toda.<sup>31</sup>

Segundo Daniel Siboni, no texto « De l'entre deux-femmes » (1978), o ódio é elemento de ligação de uma mulher à outra. Podemos pensar, a partir desta constatação, que há uma tensão decorrente da pequena distância que existe entre uma mulher e a mãe, não havendo, nesta relação, a diferença que existe entre a mãe e o seu filho. A proximidade de corpos, de imagens, de desejos as faz cúmplices de uma mesma dor, cúmplices de uma mesma falta. Não existe contato tão íntimo em que não compareça o ódio como uma força simultaneamente de ligação e de repulsão. « *Je t'aime, je veux te tuer, je t'aime, je veux te tuer...* », repetem tragicamente os amantes de *Hiroshima mon Amour*, livro

---

30 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.119.

31 Daniel Siboni. « De l'entre deux femmes », in D. Siboni. *La haine du désir*. Paris, Christian Bourgois Editeur, 1978, p.94.



de Marguerite Duras. Em Lacan, também vemos a compreensão do *amódio*, a *hainamoration*, uma enamoração feita ao mesmo tempo de amor e ódio (*haine*), pois que não se entrevê um sem encontrar o outro; há uma impossibilidade do desacoplamento do amor e do ódio.<sup>32</sup>

Há, assim, uma coexistência de sentimentos ambivalentes que aparecem na rivalidade feminina : « Entre mulheres esgota-se o ódio captado, engolido interiormente, lá onde jaz aprisionada a rival arcaica ». <sup>33</sup>

Uma certa forma do ódio atravessa, então, as relações entre as mulheres, na medida em que uma mulher crê que a outra tem o falo. A noção da castração é fundamental nesta rede de relações, pois, sendo a mãe a porta-voz da castração, é precisamente a ela que fica referenciada a questão de ter ou não ter o falo, questão importante neste imbricamento dos afetos que atravessa o *entremulheres*. O que está em jogo, para uma mulher, é que a Outra mulher tenha ou não o falo. Uma mulher sempre crê que a Outra (enquanto remetida à mãe fálica) o tem. Estamos aqui tocando nesse ponto sensível que é a castração para a mulher e como ela opera na relação com a outra mulher. A mulher quer fazer ares, para a outra mulher, de que ela tem o falo, e, antes mesmo que o engodo possa vir a ser desfeito, a outra já a elegeu como a *mulher-toda*, aquela que *sabe o que é ser mulher*. Diante da castração, uma mulher *se* pergunta, ao perguntar à outra mulher, à Mulher, o que é *ser mulher*. Mais precisamente, essa pergunta se faz nem tanto sobre o registro da castração, mas justamente com a parte

---

32 Cf., a esse respeito, Lacan. *O seminário. Mais, ainda, livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.122.

33 Julia Kristeva. *Sol negro : depressão e melancolia*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p.227.

que escapa à castração, aquela parte que, na mulher, diz não à função fálica e permanece inominável.

Nessa perspectiva, a inveja não é só almejar o pênis, mas querer estar no lugar da mãe, estar no lugar de uma mulher-toda.

A inveja do pênis comporta, desse modo, um ciúme, não tanto da mulher que o tem, mas da outra mulher sobre a qual uma mulher pensa que ela o tem : e esta crença, o que é que a pode desmentir ? [...] Como pode uma mulher provar à outra que não o tem ? Em compensação, ela pode conhecer, nas preliminares do coito, o terror ou a angústia da outra descobrir que ela não tem : nesse caso, o ódio é a perspectiva de uma mulher arrancar à outra o falo que ela não tem.<sup>34</sup>

*O que ela tem que eu não tenho ?* A inveja, em Freud, é um elemento *princeps* no psiquismo da mulher : como já foi visto, tem o estatuto de ser estruturante da constituição feminina. A inveja é uma resposta específica provinda da insatisfação inerente à constatação da castração do Outro.

Gostaríamos de destacar a inveja, então, como um componente importante na relação entre as mulheres. Não é somente a inveja do pênis que está aí em jogo, mas a *inveja da feminilidade*, daquilo que a Outra mulher possuiria e que a faria completa e, portanto, desejada. Mesmo se restrita ao registro da inveja do pênis, a questão com a outra mulher está também presente, pois o que se deseja não é qualquer pênis, mas o pênis que a mãe não deu à menina e que, das mãos desta, ela desejaria receber. O que a menina inveja não é simplesmente o pênis do menino, mas *o pênis que a mãe deu ao menino e não lhe deu.*

---

34 Daniel Siboni. « De l'entre-deux-femmes », in D. Siboni. *La haine du désir, op. cit.*, p.101.

Mas, como dizíamos, a inveja não se restringe somente ao desejo de possuir um pênis. Segundo diz Piera Aulagnier-Spairini, em seu texto « Remarques sur la fémininité et ses avatars » (1967), o que uma mulher inveja é, com efeito, a feminilidade, que partilha com o pênis o privilégio de ser objeto de inveja. A mulher inveja a feminilidade que é atributo da rival que a outra mulher sempre é :

Por outro lado, esta mesma feminilidade será, por excelência, aquilo que ela inveja (no sentido pleno que Freud dá a este termo, quando o indica como típico da estrutura feminina) na sua rival. E toda mulher sempre está, um pouco mais ou um pouco menos, numa relação de rivalidade diante de suas semelhantes.<sup>35</sup>

Uma questão que cabe colocar a essa altura : trata-se de se a inveja da feminilidade da qual fala Piera Aulagnier teria, como é indicado pela autora, o mesmo estatuto da inveja do pênis, ou se estaria circunscrita a algum outro registro, possivelmente anterior ao advento da castração. No comentário que faz, ao final deste texto, Guy Rosolato salienta que o termo *inveja* tem sua origem psicanalítica num campo bem definido : a conceituação que Freud fez da inveja do pênis. Mas que a feminilidade possa vir provocar a inveja, primeiramente da filha por sua mãe, e depois das mulheres entre elas, oferece a essa noção um valor bem mais amplo.

A questão é bastante complexa, mas, ainda que pagando o preço da imprecisão, gostaria de levantá-la : seria pensável alguma coisa da ordem do ódio já presente no período anterior ao

---

35 Piera Aulagnier-Spairini. « Remarques sur la fémininité et ses avatars », in P. Aulagnier-Spairini. *Le désir et la perversion*, Paris, Éditions du Seuil, 1967, p.69.

Édipo ? Sabemos que, ao falar de inveja e rivalidade, é ao Édipo que estamos dando passagem. Mas a inveja da feminilidade estaria no mesmo diapásão do desejo de possuir o pênis, isto é, no registro da castração, ou poderia estar remetida ao período pré-edípiano ? No artigo « Sexualidade feminina », de 1931, Freud se aproxima desta questão, apesar de não chegar a desenvolvê-la, quando diz que a hostilidade da menina para com sua mãe « não é conseqüência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas se origina da fase precedente, tendo sido reforçada e explorada na situação edípiana ».<sup>36</sup> Não pretendo chegar a uma conclusão definida, mas apenas lançar a possibilidade de se pensar a inveja entre as mulheres não só no eixo da rivalidade concernente a todo o aparato edípico, mas também como passível de ser articulada no contexto da situação pré-edípiana, uma vez que as decepções já estão presentes antes do Édipo, sendo significadas, no pós-Édipo, a partir do viés da castração.

De qualquer forma, o que estamos podendo perceber é que existe um campo de relações entre as mulheres, onde o que está em jogo é a aquisição de um *saber* : um saber sobre a feminilidade. Aparecem aí as figuras da rival e da cúmplice, que coincidem na mesma pergunta : « O que ela tem que eu não tenho ? ». A *rivalidade-cumplicidade* feminina circunscreve-se à falta na mulher. Ou seja : diante da falta, a outra será sempre um possível referencial, seja ele bélico ou amistoso. Aparece, nesta rede de representações, a figura da « melhor amiga », aquela a quem se confidenciam os segredos, com quem se pode passar horas ao telefone, ou com quem se troca opiniões sobre várias questões, muitas vezes as mais banais como, por exemplo,

---

36 Freud. « Sexualidade feminina » (1931), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.265.

com que roupa ir a uma festa. Estas situações são recorrentes na história da vida de uma mulher. Colorido com as tintas da inveja, o elo entre as mulheres é bastante intenso, na medida que é marcado por querer *ser* a outra, ou *ter* o que a outra possui.

Algumas frases do senso-comum apontam para esta ligação intensa entre as mulheres. Um bom exemplo é a frase : *A mulher se veste para a outra mulher*. Poderíamos arriscar dizer desta afirmação que a mulher se veste daquilo que ela crê que a outra mulher está revestida : *a feminilidade*. A roupa, as jóias, os acessórios podem revestir, para a mulher, o valor do significante que lhe falta. Diante desta falta, tais revestimentos lhe dariam uma insígnia possível da feminilidade. Sobre isso, basta remetermos às revistas de moda. Ao procurar uma roupa para si, a mulher talvez esteja perscrutando numa outra mulher sinais que lhe indiquem a trilha, a « roupagem » do que é ser mulher. Ao vestir a mesma roupa, ela se coloca como tão desejável aos olhos do homem quanto ela crê que a outra é.

Uma outra frase do senso-comum que aponta para essa temática, indicando a rivalidade feminina, é *Mulher não é amiga de mulher*. Dizer que mulher não é amiga de mulher pode ser uma denegação, pois o que se odeia não passa daquilo que está mais na ordem do dia, aquilo que é mais próximo, mais familiar... Mulher (não) é amiga de mulher principalmente frente ao homem. É na gincana do amor que aparece com mais força a « rivalidade-cumplicidade » feminina.

Se uma imagem mítica do feminino é utilizada no desejo que um homem experimenta por uma mulher, esta última está separada da sua imagem, que qualquer de suas irmãs, uma dentre elas tomada ao acaso na sua multidão, pode pretender investir. Sem

dúvida esta última é então uma rival, mas apenas na medida de um narcisismo enfraquecido. Uma rival assim é um objeto de amor no sentido homossexual do termo, sob a condição de perceber que a semelhante que é amada dessa forma vem povoar o vazio da identidade.<sup>37</sup>

Bem a propósito, em um artigo escrito para a revista *Cláudia* e intitulado « Mulheres, Amigas ? », a escritora Lya Luft traz à baila o dito do cotidiano sob a forma de uma indagação, uma vez que a sua intenção é, no decorrer do artigo, de afirmar um intenso elo que existe nas relações femininas. Pois existe um universo recôndito e sutil que transparece por trás da aparente « falastro-nice » das mulheres. É uma espécie de maçonaria feminina, um mundo de certa forma à parte do mundo dos homens, onde se escutam as confidências, trocam-se os segredos, compartilham-se as mesmas dores e dúvidas diante da vida — dos relacionamentos, da gravidez, das crianças, da relação com o homem, dos projetos ou das dificuldades que emperram os projetos : troca envolvente sobre « assuntos do espírito ».

Existe entre nós algo mais recôndito, mais secreto, mais vital : a solidão diante do próprio mistério e da própria condição nos ensinou uma amizade mais silenciosa, mais discreta, mais dolorosa mas mais triunfante, aprendida na necessidade dos que mais fundo tocam a glória e a loucura da vida (Lya Luft).

Sobre o que estamos aqui chamando de « maçonaria feminina », Daniel Siboni faz algumas aproximações no texto « *De l'entre deux femmes* », dizendo que, à configuração do universo feminino, subjaz a noção de que o homem representaria um papel acessó-

---

37 Gérard Pommier. *A exceção feminina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.35.

rio, no sentido de acionar a função do Nome-do-Pai (a ficção simbólica do Outro) na mulher.

Compreende-se, em todo o caso, que o homem aí desempenha muitas vezes apenas o papel, acessório, de acionar uma ficção. É pois para o entre-duas-mulheres que se orienta a reflexão.<sup>38</sup>

A propósito da gravidez, o autor salienta ser um momento privilegiado da tensão do corpo entre duas mulheres, que está para além da inveja edipiana. O homem entra lateralmente, faz uma mediação distanciada.<sup>39</sup> Muito freqüentemente, como já se disse, a gravidez da mulher pode vir como uma espécie de oferenda doada à mãe de modo a aplacar o ódio desta; e também pode ser uma forma de uma mulher fazer crer a uma outra que *ela tem o falo*.

Em seu texto « A doença da dor : Duras » (1989), a psicanalista e escritora Julia Kristeva indaga se o reencontro com a outra mulher, desde que esta possa ser imaginada como a parceira privilegiada de um homem, viria no sentido de saciar o vazio da mulher, concluindo que este reencontro, no limite, a relançaria no vazio, na medida em que é impossível satisfazer esta outra mulher : « Quando a depressão se exprime, ela se erotiza em destruição : violência desencadeada com a mãe, demolição graciosa com a amiga ».<sup>40</sup>

Apesar de vacilante, a busca de uma identidade na amiga vem como uma tentativa de saída diante da falta de um saber sobre o

---

38 Daniel Siboni. « De l'entre-deux-femmes », in D. Siboni. *La haine du désir*, Paris, Christian Bourgois Editeur, 1978, p.83.

39 Cf. Daniel Siboni. *La haine du désir*, op. cit., p.103.

40 Julia Kristeva. « A doença da dor : Duras », in J. Kristeva. *Sol negro : depressão e melancolia*, Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p.227.

que é ser mulher. A relação com a semelhante tenta dar conta do irrepresentável da mulher. Contudo, esta busca está fadada ao caminho do engodo, pois o trágico da mulher é que não há um significante que diga o feminino; a tragicidade do feminino é estar continuamente sendo lançado e relançado à vertigem do *puro vazio*.

### 3.3. A identificação (entre as mulheres)

A identificação é a mais remota expressão do laço emocional com outra pessoa. É com esta afirmação que Freud inicia o capítulo dedicado à identificação em « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921), mostrando como o fenômeno da identificação tem um vínculo estreito e primário com o investimento de objeto. Circunscrita ao estudo que se procura fazer nessa dissertação, veremos como a identificação é um dos operadores das ligações entre as mulheres.

Observou-se na seção anterior como a relação com a mãe opera estas ligações, deixando uma marca inexorável no caminho erótico posterior da mulher. *O engolfamento pela mãe, característico do período pré-edípiano, permanece nos encontros pós-edípianos sob os vestígios de uma ameaça de morte.* O fantasma do devoramento, a dificuldade de marcar uma separação, devido à imprecisão na demarcação das fronteiras entre si mesma e a outra, podendo desembocar numa enorme anulação de si, são elementos que persistem nas relações entre as mulheres, como desdobramento do antigo horror e fascínio provocados pelo gozo materno.

Além das marcas remanescentes da ligação com a mãe, analisaremos como o *conceito de identificação* opera nas relações entre



as mulheres. Uma hipótese que parece frutífera para a compreensão de nosso objeto de estudo é que a identificação comparece também como um elemento importante neste campo de representações por falar diretamente daquilo que uma mulher busca na outra. É fato que estes dois pontos-de-vista não são assim tão nitidamente distinguíveis; isto é, a questão com a mãe envolve também a questão da identificação e vice-versa. Contudo, gostaríamos de marcar uma fronteira e situar a ligação com a *mãe devoradora* estritamente no *período pré-edípiano*, ao passo que a *identificação* — e veremos mais adiante porquê — estaria antes relacionada com os *acontecimentos posteriores ao Édipo*, ou seja, relativos à castração e ao advento do falo.

Justamente, por não estar inteiramente submetida à ordem fálica e à castração (como se viu no segundo capítulo, a mulher é *não-toda fálica*), a mulher encontra-se numa posição problemática no que diz respeito à identificação. Inicialmente, para ingressar no universo da fala, ela tem que se identificar, assim como o homem, ao significante fálico, significante que permite ao ser falante inscrever-se na linguagem. Para portar um nome, o sujeito deve identificar-se com o lugar de onde vem este nome, ou seja, o lugar paterno. A presença do nome exige que a mulher faça valer para si a efetividade do Nome-do-pai. É aí que a questão da identificação começa a causar transtornos. *A identificação com o pai vai-lhe oferecer o acesso à fala, mas não lhe vai fornecer um traço que a diferencie como mulher.* Estando disponíveis somente os atributos fálicos oferecidos pelo lugar paterno com que se identificar, a dificuldade da mulher está em reconhecer insígnias da feminilidade.

Sendo assim, por não ter um atributo que lhe seja distintivo, a identidade feminina fica de certa forma associada à condição da

maternidade, que passa a ter muitas vezes a função de trazer uma solução para as incertezas no que diz respeito à feminilidade — *ser mulher* fica sendo, nessa perspectiva, igual a *ser mãe*. Contudo, este desfecho acaba por se mostrar falho. Por um lado, a sensação de preenchimento correspondente ao período da gravidez e ao aparecimento da criança não será assim tão duradoura, o que pode fazer com que uma nova gravidez tenha que ser acionada. Por outro lado, *ser mãe* não responde ainda à questão da identidade feminina, embora atendendo momentaneamente à sua indefinição, pois a maternidade tem a sua representação pertencente ao registro fálico. A criança vem, de acordo com a equação freudiana « *bebê=pênis* », suprir a ausência do pênis na mulher : num primeiro momento, a criança *é o falo da mãe*. O traço de identificação oferecido pela maternidade não marca, assim, o que seria próprio do ser feminino, pois está preso a uma dimensão fálica.<sup>41</sup>

Desta maneira, possuir uma identidade é, para a mulher, um pólo crucial de conflito. Por não possuir um termo adequado, a sua identificação fica indeterminada. Se, por um lado, ela pode, justamente por isso, ultrapassar o domínio fálico e ter acesso ao gozo feminino, por outro, a ausência de um emblema distintivo traz enorme angústia. Para aproximar-se do « *ser mulher* », ela entreverá um gozo que escapa à lógica fálica e enfraquece a sua identidade. Mas como ser falante, está distante da feminilidade, o que impõe que escolha entre sua identidade e seu gozo. A opção pela primeira irá lançá-la irremissivelmente à região do falo. Na falta de um traço especificamente feminino, a mulher identificará o seu corpo ao significante viril — se ela *não tem o*

---

41 Cf. Gérard Pommier. *A exceção feminina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.31.

falo, ela passa a *ser o falo*, mesmo que ao preço de ser obrigada a rechaçar uma parte essencial do « ser mulher ».

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade, principalmente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela quer ser desejada ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu desejo no corpo daquele a quem se destina sua demanda de amor.<sup>42</sup>

A feminilidade, nesse contexto, só pode aparecer como *mascarada*. Joan Riviere, em seu texto « Womanliness as a Masquerade » (1929), apresenta o caso de uma mulher intelectual, filha de um intelectual de renome, que tinha boa relação com o marido, era dona-de-casa exemplar e profissional bem-sucedida. Seu problema era uma enorme ansiedade que sentia toda vez que apresentava trabalhos em público, o que fazia com frequência. Ficava insegura quanto à sua performance e buscava reafirmação paquerando homens logo após a conferência. Esperava deles elogios à sua apresentação e a seus atrativos sexuais. A incongruência desse comportamento com sua atitude impessoal e objetiva, durante as suas apresentações, incomodava-a.

A análise mostrou que fazia isso pelo fato de sentir-se, durante a apresentação em público, superior ao pai e possuidora de seu pênis, o que significava tê-lo castrado. Temendo suas represálias, insinuava-se para os homens como uma forma de entregar-se ao pai para este não a punir.<sup>43</sup> Seduzir os homens é uma forma de

---

42 Lacan. « La signification du phallus », in J. Lacan. *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1966, p.694.

43 Cf. Joan Riviere. « Womanliness as a Masquerade », in *International Journal of Psycho-Analysis*. London, 1929, vol.10, p.303313.

dizer que não tem o pênis, que é mulher, e não ser, assim, punida por estar *usurpando territórios alheios*.

A feminilidade, desta forma, é uma *máscara* que a mulher coloca para disfarçar a sua identificação com o significante falo. Como diz Joan Riviere, a *verdadeira* feminilidade é, de fato, a *feminilidade mascarada* :

O leitor deve estar se perguntando como eu defino feminilidade ou como eu marco a diferença entre uma feminilidade genuína e a « mascarada ». Minha sugestão, no entanto, é que não há essa diferença; radicalmente ou superficialmente, as duas são a mesma coisa.<sup>44</sup>

Só podendo contar com uma *máscara* da feminilidade, a mulher busca um *atributo verdadeiro* do seu ser. Em contrapartida, a questão do reconhecimento é tão importante para uma mulher que ela pode preferi-lo ao gozo, ficando desta forma colada à figura da outra mulher, na busca de um traço, de um nome.

Nesta perspectiva, a identificação com a outra seria um pólo de partida para a aquisição de uma possível identidade feminina. Apesar de vacilante, a proposta de identificar-se com a amiga pode ser uma possível saída para a mulher diante da falta de um saber sobre o que é ser mulher. Entre o seu gozo e a sua identidade, é esta que o reencontro com uma mulher vai buscar acionar. Mais do que um prazer, a relação com a amiga comporta o trunfo de tirá-la da vertigem do seu vazio. Ao insistir em fazer circular entre suas semelhantes algum saber sobre o que é ser mulher, ela estaria apontando justamente para aquilo que lhe falta : um significante do sexo feminino.

---

44 Joan Riviere. « Womanliness as a Masquerade », *op. cit.*, p.306.

Poderia a outra indicar-lhe alguma insígnia que desse suporte a essa falta ? A mulher procura desesperadamente um ideal da feminilidade, e, justamente pelo fato de estar muito distante deste ideal, vive, assim, como assinala Charles Melman no livro *Nouvelles études sur l'hystérie*, « [...] permanentemente em falta para com A mulher que ela crê dever ser ».<sup>45</sup>

A construção social constante de *mitos sexuais femininos* pode dar uma ilustração disso. Vênus de Milo, Greta Garbo, Marilyn Monroe, Madonna são mitos simbólicos que vêm testemunhar a necessidade da encarnação de um ideal da feminilidade. Na falta de um reconhecimento simbólico, o corpo da outra fica sendo um possível suporte de sua identificação imaginária :

A atenção, a curiosidade, ou mesmo o fascínio que as mulheres exercem entre si testemunham o fato de que cada uma busca na sua semelhante o traço da feminilidade que lhe falta. Daí porque as mulheres são tão atentas quanto ao vestuário, ao corte de cabelo, ao « ar » das outras mulheres.<sup>46</sup>

Deste modo, *é a uma outra mulher que será endereçado o vácuo da identidade, a pergunta renitente sobre o ser da mulher diante do vazio de um significante que possa dizer o seu sexo.*

Como se vê, o problema da identificação é crucial para a mulher, e, coextensivamente, pela própria natureza deste fenômeno, é um problema conseqüente que circula entre duas mulheres.

---

45 Charles Melman, *Nouvelles études sur l'hystérie*. Paris, Denoël, 1984, p.215.

46 Marcus do Rio Teixeira. *A feminilidade na psicanálise*. Salvador, Ágalma, 1991, p.20.

À guisa de fundamentação teórica, vamos nos deter um pouco, até o final desta seção, na articulação do conceito de identificação segundo as perspectivas teóricas de Freud e Lacan.

No texto « Psicologia de grupo e a análise do ego » (1921), Freud distingue três tipos de identificação : a identificação primária, a identificação regressiva e a identificação histérica, — esta última está ligada ao mecanismo dos sintomas, enquanto as outras duas têm um caráter mais estruturante na formação dos ideais. Diz Freud :

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual.<sup>47</sup>

*Sobre a primeira identificação*, vimos na frase com que Freud inicia o capítulo VII de « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921) que « [...] é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa ».<sup>48</sup> A identificação, neste caso, é anterior à relação com o objeto, ocorre de uma forma direta e imediata, antes que qualquer escolha sexual tenha sido feita. Na identificação primária, o investimento de objeto e a identificação são indistinguíveis. É também chamada identificação com o pai da pré-história pessoal, sendo característica da fase oral primitiva. É correlativa da relação

---

47 Freud. « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921), *in* S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.136.

48 Freud. « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921), *in* S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*, p.133.

por incorporação oral, tendo uma forma canibalística e devoradora, onde o sujeito identifica-se ao « Outro ao qual se demanda alguma coisa no apelo de amor. Consiste ainda, em identificar-se ao Outro da « necessidade » ». <sup>49</sup>

Uma questão que sobressai é o fato de esse primeiro tipo ser por Freud associado ao pai, pois, sendo uma identificação primária, e ainda por cima de cunho canibalístico, poder-se-ia pensar que ela ocorreria com o primeiro objeto, a mãe. Segundo Gérôme Tallandier, na abertura que faz ao livro *Les identifications* (1987), o melhor seria referi-la à mãe enquanto portadora da metáfora paterna. Freud, por seu lado, apesar de sempre remeter-lá ao pai ou ao *pai da pré-história pessoal*, faz, em « O ego e o id » (1923), uma retificação a essa idéia, sugerindo que talvez seja mais seguro dizer « com os pais », na medida em que, no período anterior à constatação da diferença sexual, a criança não faria qualquer distinção de valor entre o pai e a mãe. <sup>50</sup>

Esta primeira identificação é a mais intrigante e de mais difícil apreensão na obra freudiana. Com quem se dá? Se não há um objeto separado de um sujeito, como pode este identificar-se? Quando se dá? Existe uma obscuridade em torno desta identificação, e talvez seja por isso que Lacan lhe dê um tratamento marginal no seu Seminário IX, *Identification*, dedicado a este tema. Haveria um caráter mítico na identificação primária, que viria dar o estatuto de um traço inaugural do sujeito, fazendo com que ela seja acessível somente através da segunda identificação. Somente por uma regressão é permitida a via de aproximação a

49 Gérôme Tallandier. « Présentation brève du Séminaire de J. Lacan sur l'identification », in David-Ménard, Monique; Florence, Jean et alli. *Les identifications*. Paris, Denoël, 1987, p.12.

50 Cf. Freud. « O ego e o id » (1923), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.45.

esse traço inaugural. Contudo, apesar da obscuridade com que é tratada, fica claro que o efeito da primeira identificação que ocorre na mais primitiva infância é contundente e duradouro :

Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal.<sup>51</sup>

Desta maneira, a importância marcante da identificação na psicanálise resulta do fato de que, nesta teoria, ela assume o estatuto de ser constitutiva do sujeito. Não consiste em simples imitação, simpatia ou contágio mental, mas, como especifica Laplanche no *Vocabulário de psicanálise*, « o conceito de identificação assumiu progressivamente na obra de Freud o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pela qual o indivíduo humano se constitui ». <sup>52</sup> A circunscrição do conceito como uma operação constitutiva do ser humano produz-se basicamente a partir de dois pólos :

—Pela introdução da segunda tópica na teoria, através da compreensão de que as instâncias que se diferenciam do id (o eu e o supereu) são formadas pelas identificações das quais derivam. As instâncias do aparelho psíquico originam-se das relações de objetos, que são, assim, incorporados pelo ego. Neste sentido, falar de um aparelho psíquico é falar de um « aparelho de identificações ».

---

51 Freud. « O ego e o id » (1923), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.45.

52 Laplanche/Pontalis. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1983, p.296.



—Pela colocação em primeiro plano do complexo de Édipo em termos estruturais, ou seja, pela compreensão de que os efeitos do Édipo na estruturação do sujeito se dão quando os respectivos investimentos no pai e na mãe são abandonados e substituídos por identificações. O mapeamento das identificações derivadas das relações parentais é bem pouco nítido e bastante complexo, devido a bissexualidade constitucional de todo ser humano e ao caráter triangular da situação edipiana.

A *segunda identificação* será delineada justamente a partir desta perspectiva. Derivada da fase oral, consiste num mecanismo no qual o objeto abandonado é introjetado no ego, que passa, então, a assumir as características do objeto. É uma *identificação regressiva*, ou seja, uma escolha sexual regride para a identificação, que vem assim como um substituto para a perda do objeto : o ego introjeta o objeto abandonado e assume as suas características :

Nesse caso, só podemos descrever o estado de coisas dizendo *que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação.*<sup>53</sup>

Desta forma, o ego adotará as características provenientes da história de suas eleições eróticas. Freud cita o exemplo de mulheres que apresentam, na sua personalidade, vestígios que podem ser detectados como traços emprestados de relações amorosas passadas. Essa observação, na verdade, havia sido feita por Hans Sachs, num texto de 1927, onde ele chama a atenção

---

53 Freud. « Psicologia de grupo e análise de ego » (1921), *in* S. Freud. *Obras completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.135.

para um certo tipo de mulher que é capaz de discorrer sobre os mais diversos assuntos, mas cujas falas acabam por se mostrar um mosaico de opiniões heteróclitas roubadas dos homens com quem tiveram relacionamentos amorosos. Estas opiniões nem sempre são metabolizadas, podendo ser conservadas sem qualquer síntese, apresentadas de uma forma estanque e, muitas vezes, contraditória.<sup>54</sup>

Faz-se interessante chamar a atenção para esta *característica devoradora* da identificação. Por remeter-se aos primórdios da constituição do sujeito, a identificação está ligada ao que há de mais arcaico na formação deste. Por outro lado, a presença da figura da devoração no ato inaugural do sujeito tem um paralelo com o *arcaico* da humanidade, com o rito canibalístico dos povos primitivos, que acreditavam poder adquirir os atributos dos animais que comiam. A operação da identificação não deixa de ser uma espécie de « refeição totêmica », na medida em que o sujeito *engole* o outro com a finalidade de *ser* o outro.

Por outro lado, apreender o objeto dentro de si é uma boa forma de estar sempre com ele, de não perdê-lo jamais. Em « O ego e o id » (1923), Freud diz que esta introjeção é uma espécie de barganha que o eu faz com o id. O eu coloca-se no lugar do objeto perdido, para que o id não sofra tanto o dano desta perda. Desta forma, o eu tenta dominar os ímpetos passionais do id, mesmo ao preço de ter que, para isso, assumir uma grande docilidade e se deixar ser moldado pelos contornos do objeto.

É importante observar, a partir da leitura de Freud feita por Lacan, que a identificação secundária é parcial e limitada, restrita

---

54 Cf. Freud. « O ego e o id » (1923), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976; Marcus do Rio Teixeira. *A feminilidade na psicanálise*. Salvador, Ágalma, 1991, p.22.

apenas a um traço isolado, emprestado do Outro tomado como modelo. Um bom exemplo é a tosse de Dora, que toma para si a tosse de seu pai.

A conjuntura do problema da identificação será aparente no Seminário IX de Jacques Lacan a partir da segunda identificação, e, portanto, da função do traço unário, ao que Lacan chama o *Einzigster Zug*. Esta noção liga-se à compreensão da estrutura do significante e a seus efeitos no inconsciente. Só há identificação com um significante, ou seja, a identificação é o modo de ligação do sujeito com um significante.

É do sujeito que se trata que nós devemos nos interrogar sobre a relação desta identificação do sujeito com algo que é de uma dimensão diferente; a saber, o estatuto do significante.<sup>55</sup>

Neste seminário, é nitidamente marcada a estreita relação da identificação com a constituição do sujeito, que se dá a partir da identificação do sujeito com o significante que recebe do Outro. Os termos *sujeito*, *identificação* e *significante* estão todo o tempo correlacionados. O sujeito é efeito do significante e surge entre dois pontos da cadeia de significantes : « nada mais há que sustente a idéia filosófica tradicional de um sujeito que a existência do significante e de seus efeitos ».<sup>56</sup>

O significante não pode ser idêntico a ele mesmo : ele é sempre o que os outros não são. Não há o « mesmo » na ordem do significante, pois o que o caracteriza é ser *pura diferença*. É enquanto diferença que a unidade, na sua função significante, se constitui. O argumento de Lacan será em torno da « função do

---

55 Lacan. *Séminaire 1961.62* — *L'Identification*, inédito, tome I, cap. IV, p.5.

56 Lacan. *Séminaire 1961.62* — *L'Identification*, inédito, cap. I, p.9

um », e o surgimento do sujeito desenvolvido a partir da idéia saussureana de que é a diferença que faz a unidade. A noção de que « a = a » pertence à era teológica. A introdução da lingüística e da lógica matemática no uso do significante vão marcar a conceituação de que « a é diferente de a », isto é, o um não é o um, o um é o outro. « *L'un comme tel est l'Autre* », diz Lacan.<sup>57</sup> A identificação não é « unificação », mas a marca de um traço unário que o sujeito recebe do Outro, que é marca de uma diferença.

Vejam agora o *terceiro tipo de identificação : a histérica ou imaginária*.<sup>58</sup> Esta deixa totalmente fora de consideração qualquer relação com a pessoa com a qual se identifica. Está em questão, neste caso, a identificação ao outro por intermédio do *desejo*, isto é, alguém pode identificar-se a um outro que tenha um mesmo desejo. Não havendo qualquer investimento sexual do objeto, o sujeito identifica-se com ele « na base das mesmas condições etiológicas », na medida em que ambos têm um *elemento em comum*. É um mecanismo importante na formação dos sintomas, engajado na possibilidade de colocar-se numa mesma situação desejada :

---

57 Lacan. *Séminaire 1961.62 — L'Identification*, idem, cap. III, p.19.

58 Estudar o conceito de identificação é uma tarefa bem espinhosa, devido ao extenso número de identificações, e as diferentes atribuições que recebem em diferentes textos. Tomei como guia, então : os já aqui citados textos freudianos « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921) e a parte III de « O ego e o id » (1923); o texto de Gérôme Tallandier, « Présentation brève du Séminaire de J. Lacan sur l'identification », in Monique David-Ménard, Jean Florence *et alli. Les identifications*. Paris, Denoël, 1987; o Seminário IX de Lacan, *L'Identification*. A associação da identificação histérica à imaginária é de Gérôme Tallandier.

Um determinado ego percebeu uma analogia significativa com outro ego sobre certo ponto. [...] Uma identificação é logo após construída sobre esse ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido.<sup>59</sup>

Freud dá como exemplo deste tipo de identificação o caso de uma *carta contagiosa* que uma aluna de um colégio interno recebe de seu namorado. Esta carta gera ciúmes na moça e faz irromper nela uma crise histérica. Por uma espécie de « infecção psíquica », outras meninas do colégio terão a mesma crise, pelo fato de desejarem ter também um namorado secreto.<sup>60</sup> Trata-se de uma identificação do desejo ao desejo do outro, ao qual se identifica somente enquanto revela uma insatisfação; a histérica identifica-se com a falta do outro.

Roland Barthes, no livro *Fragmentos de um discurso amoroso*, ao falar da figura da *identificação*, dá, através de Werther, um bonito exemplo de identificação histérica :

Werther se identifica a todo enamorado perdido; ele é o louco que amou Charlotte e vai colher flores em pleno inverno; ele é o jovem empregado de uma viúva, que acaba de matar seu rival, pelo qual ele quer interceder, mas que ele não pode salvar da prisão : « Nada pode te salvar, infeliz ! Vejo bem que nada pode nos salvar ». A identificação não tem significado psicológico; é uma pura operação estrutural : sou aquele que tem o mesmo lugar que eu.<sup>61</sup>

---

59 Freud. « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921), *in* S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.136.

60 Cf. Freud. « Psicologia de grupo e análise do ego » (1921), *in* S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.135

61 Roland Barthes. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985, p.121.

Para terminar, gostaria de deixar um poema que fiz, embebida que estava do tema da identificação :

*Eu é o outro*

*Me vejo sob seu olhar  
Me escuto sob sua voz  
Me falo sob seus ouvidos.  
Na fugacidade da imagem,  
Na miragem dos contornos,  
Na vacilação dos traços,  
Eu sou eu. Eu sou um outro  
que habita dentro de mim. Fora de mim.*

### **3.4. As relações entre as mulheres em alguns casos clínicos e textos literários**

#### **O caso da bela açougueira**

Um exemplo de identificação histórica — bastante ilustrativo das relações entre as mulheres — é o caso de Freud chamado de « A bela açougueira ».<sup>62</sup>

Uma paciente de Freud quer desafiar a teoria de que todo sonho é a realização de um desejo. Conta-lhe, então, um sonho onde um de seus desejos não foi realizado. Neste sonho, ela quer oferecer uma ceia, mas só tem em casa um pedaço de salmão defumado. Pensa em sair para comprar alguma coisa, mas é domingo e as lojas estão fechadas. Telefona para alguns fornece-

---

62 Este caso é desenvolvido no livro de Freud *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1972, pp.156-159 e comentado em : Lacan. « La direction de la cure et les principes de son pouvoir », in J. Lacan. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966, pp. 624-627.

dores, mas o telefone está com defeito. É, então, obrigada a abandonar o desejo de dar um jantar.

Nas associações que se seguem ao sonho, a açougueira diz a Freud que seu marido lhe dissera no dia anterior estar muito gordo e, por isso, querer fazer um regime, não mais aceitando convites para jantar. A paciente diz que está muito apaixonada pelo marido. Diz que adora caviar, mas pedira ao marido que não lhe desse mais essa iguaria de que tanto gostava.

É a esta altura que aparece a personagem da outra mulher : no dia anterior visitara uma amiga magra, que lhe dissera querer engordar, perguntando à paciente quando esta daria um de seus deliciosos jantares. O marido da paciente, apesar de ter preferência por mulheres gordas, estava sempre a elogiar aquela amiga magra.

Um dado importante é que salmão defumado é o prato predileto da amiga. A paciente identifica-se com a amiga a partir de um desejo não realizado — não lhe permitindo, no seu sonho, comer o salmão almejado que, além de ser seu prato predileto, a deixaria mais gorda, e, portanto, mais atraente. Paralelamente a isso, a paciente pede ao marido para não lhe dar o caviar que deseja.

Por isso, à questão « O que a espiritual açougueira deseja ? », pode-se responder : caviar. Essa resposta, no entanto, é sem esperança, porque o caviar é ela também que não o quer.<sup>63</sup>

Um dos desejos da bela açougueira é que a outra não realize o desejo de engordar. Passa, então, a almejar não ter um de seus

---

63 Lacan. « La direction de la cure et les principes de son pouvoir », in J. Lacan. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966, p.625.

próprios desejos satisfeito. Desta forma, mostra o desejo de que a amiga não se faça interessante aos olhos do marido e identifique-se com ela por querer ter o mesmo lugar privilegiado na apreciação do marido.

Este caso parece ser especialmente ilustrativo da questão de que estamos aqui tratando, na medida em que fala do lugar de uma identidade que a mulher busca ocupar, qual seja, ser desejável aos olhos do homem, assim como da suposição que uma mulher tem — vimos anteriormente que uma mulher sempre crê que a outra tem o falo — de que uma outra mulher estaria sempre mais pronta a ocupar esse lugar do que ela.

### O caso Dora

*« Isso não é nada mais do que a exigência de uma metáfora única, ou seja, A Mulher, se ela existisse ».*<sup>64</sup>

Dora foi uma jovem que Freud atendeu, durante três meses, em 1900. No texto « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), Freud apresenta extensamente a história da paciente, fazendo uma reflexão sobre o tratamento.<sup>65</sup> O « caso Dora » é clássico para aqueles que se debruçam sobre a obra freudiana, pois traz à cena a questão que Freud tinha levantado no mesmo ano em « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade »<sup>66</sup> : a borbulhante questão da sexualidade. Mais especificamente, marca a presença do sexual na problemática da

64 Octavio de Souza. « O nome do pai no tratamento da histeria », *in* Revirão 3, 1987.

65 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), *in* S. Freud. *Obras completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1972.

66 Freud. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), *in* S. Freud. *Obras completas*, *op. cit.*



histeria. Além disso, o caso suscita o estudo de um outro eixo teórico de suma importância : a questão da transferência, sobre a qual Freud faz uma auto-crítica, mostrando que a razão da paciente ter interrompido o tratamento foi o fato dele não ter percebido a tempo as constelações eróticas que estavam em jogo na transferência.

A trama de Dora tem lugar no quarteto que esta fazia com o pai, o Sr. K. e a Sra. K., casal amigo da família. O pai, figura muito dominante na história de Dora, teve muitas doenças : tuberculose, problemas de visão, crise confusional com apresentação de sintomas de paralisia e ligeira perturbação mental, levando-o a consultar-se com Freud. Mais tarde, ele conduziu a filha a Freud, pois ela estava sofrendo de crises de depressão, perda de consciência e amnésia. Além desses sintomas, sofria regularmente de enxaqueca, *tussis nervosa*, perda da voz e não conseguia manter relacionamentos sociais, sendo seu maior entretenimento « ouvir conferências para mulheres e empreender estudos mais ou menos sérios ». <sup>67</sup> A mãe é uma pessoa de quem a paciente falava com depreciação e num tom de superioridade.

A presença do casal de amigos é o estopim para o desenrolar de toda a história. As duas famílias ficaram bastante próximas, pois os K. moravam na mesma cidade para a qual o pai de Dora se transferiu para convalescer de uma de suas doenças. A Sra. K. cuidara do pai de Dora durante a longa enfermidade deste e, por sua vez, o Sr. K. sempre fora extremamente atencioso com Dora, dando-lhe sempre presentes e fazendo-lhe inúmeros galanteios.

O pai conta a Freud que Dora queria que ele cortasse relações com os K., alegando que o Sr. K. tivera a audácia de lhe fazer

---

67 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.21.

propostas amorosas durante um passeio ao lago, tendo ela lhe desferido uma bofetada. o Sr. K. negara o fato, lançando suspeitas sobre a jovem, ao dizer que a Sra. K. lhe havia contado que a menina « só tinha interesse em assuntos sexuais e costumava ler a *Fisiologia do amor*, de Mantegazza, e livros desta espécie », <sup>68</sup> leituras que provavelmente, segundo ele, a excitaram e fizeram com que ela fantasiasse a cena descrita. O pai admite ser esta história uma fantasia de Dora e a provável causa de sua depressão e de suas idéias suicidas. Diz não entender o porquê da insistência da filha no rompimento com os K., principalmente com a Sra. K, « a quem ela positivamente adorava antes ». <sup>69</sup>

Dora conta que o pai e a Sra. K. são amantes, e narra um episódio anterior no qual o Sr. K. já havia tentado agarrá-la e beijá-la, mas sobre o qual ela guardara segredo. Censurava o pai por não protegê-la dos assédios do Sr. K., acusando-o de estar fazendo uma espécie de « acordo de cavalheiros » com o Sr. K., com o intuito de não ser perturbado por seu caso amoroso com a Sra. K. Sobre isso, Lacan comenta que a dificuldade de Dora, como a de toda mulher, é aceitar-se como objeto de desejo do homem, questão que tem como fundamento as trocas sociais mais elementares. <sup>70</sup> Lacan faz alusão aqui, embora sem o nomear, à compreensão da antropologia estrutural de que, na sociedade humana, a mulher seria um objeto de troca entre os homens. No seu livro *Les structures élémentaires de la parenté*, Lévi-Strauss salienta que « são os homens que trocam as mulheres e não o contrá-

---

68 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria », in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.24.

69 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria », in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*

70 Cf. Lacan. « Intervention sur le transfert », in J. Lacan. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966, p.222.

rio ». <sup>71</sup> Dora estaria, deste modo, no *lugar de um objeto de troca entre seu pai e o Sr. K.*; o que a revoltava profundamente.

Gostaria de abrir um parêntese e fazer uma reflexão sobre essa compreensão da mulher como mercadoria que circula entre os homens. No argumento que está sendo desenvolvido nesta tese, parece ocorrer o inverso : ou seja, é o homem que mais aparece como sendo uma espécie de *mercadoria entre as mulheres*. No lugar que ocupa na atração de uma mulher por outra, ele se sobressai como objeto de desejo de uma mulher na medida em que ele é de uma outra mulher, isto é, *o encanto do homem é um envoltório revestido pela presença de uma outra mulher na mesma cena*. Daniel Siboni, como vimos anteriormente, adota essa mesma hipótese no seu artigo « *De l'entre-deux-femmes* », quando diz que o homem teria apenas um papel acessório no sentido de acionar a ficção tecida entre as mulheres. <sup>72</sup>

Sobre essa mesma questão, o filme chinês recentemente lançado no Brasil, *Lanternas vermelhas* (1991), de Zhang Yimou, faz uma belíssima reflexão. O argumento do filme é o seguinte : na China, em 1920, quatro esposas de um importante senhor rivalizam e disputam a oportunidade para passar a noite com o esposo. A escolhida da noite terá o privilégio das lanternas vermelhas de seu quarto serem acesas, e o direito a algumas regalias, como uma massagem nos pés e a escolha do prato da refeição do dia seguinte. O filme envolve o espectador em diversas tramas que vão ocorrendo a partir do desejo de cada uma de ter suas lanternas acesas. O que vai ficando claro, contudo, é que o mais

---

71 Cf. Lévi-Strauss. *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris, Mouton, 1967, p.134.

72 Cf. Daniël Siboni. « *De l'entre deux-femmes* », in D. Siboni. *La haine du désir*, op. cit.

importante ali não é o homem em si, mas *as lanternas vermelhas*, ou seja, o jogo e a competição que passa a se travar entre elas a cada dia para ver qual será a estrela da noite. É interessante notar que o rosto do esposo não aparece nunca em evidência na tela, deixando entrever que as verdadeiras protagonistas dessa história são as mulheres : são elas que ficam todo o tempo no foco da cena. O homem é essencial nas suas conspirações, na medida que ele é *o troféu da vencedora*. Parecendo determinar com qual delas passará a noite, *ele é na verdade determinado pelo conluio que se estabelece entre as suas esposas*.

Mas voltemos a Dora. Indignada por estar sendo objeto de troca entre esses dois homens, ela volta a sua cumplicidade para a Sra. K., dividindo com ela os segredos de suas curiosidades sexuais, votando-lhe uma enorme devoção, fazendo inúmeros elogios a seu « adorado corpo alvo », numa tônica « mais apropriada a uma amante do que a uma rival derrotada ».<sup>73</sup> Elas compartilhavam grande intimidade, a ponto de dormirem no mesmo quarto quando a moça hospedava-se na casa dos K. Dora não só apreciava imensamente a Sra. K., como facilitava as relações desta com seu pai, guardando silêncio sobre seus encontros e cuidando dos filhos da Sra. K. enquanto esta ficava com seu pai.

Freud constata ter cometido um erro sobre o verdadeiro objeto de desejo de Dora. Neste « balé a quatro », a pessoa que realmente interessava a Dora é a Sra. K. Durante a análise, as interpretações de Freud tinham o sentido de evidenciar o amor reprimido de Dora pelo Sr. K., sem dar-se conta que este amor estava na verdade dirigido para a Sra. K. :

---

<sup>73</sup> Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.59.

Quanto maior o intervalo de tempo que me separa do fim desta análise, mais provável me parece que a falha em minha técnica esteja nesta omissão : não consegui descobrir a tempo nem informar à paciente que seu amor homossexual (ginecofílico) pela Sra. K. era a corrente inconsciente mais poderosa de sua vida mental. Eu devia ter imaginado que a fonte principal de seus conhecimentos sobre sexo só poderia ter sido a Sra. K.<sup>74</sup>

Assim, Freud impressionara-se com os conhecimentos da jovem sobre sexo, sem perceber que sua « iniciadora » havia sido a Sra. K., que depois a traíra quando contou para o marido sobre as leituras e as conversas que mantinha com Dora. A *traição* da Sra. K. foi a sua maior dor, a decepção que acabou por fazê-la adoecer.

[...] e não perdoara a mulher que amava pela desilusão que lhe causara com sua traição. As emoções de ciúme de uma mulher estavam ligadas no inconsciente a um ciúme igual ao que poderia ter sido sentido por um homem. Estas correntes masculinas ou, mais propriamente falando, *ginecofílicas* de sentimento devem ser consideradas típicas da vida erótica inconsciente das moças histéricas.<sup>75</sup>

Na cena do lago, na qual o Sr. K. lhe havia feito propostas indecorosas, Dora, na verdade, só lhe deu a bofetada depois dele dizer a seguinte frase : « Você sabe que nada recebo de minha mulher ».<sup>76</sup> É como se ele estivesse dizendo « Minha mulher não significa nada para mim », e por isto Dora o esbofeteou. Se a Sra.

---

74 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.116.

75 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.60.

76 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.96.

K. não é nada para o marido, ela *cai* do lugar privilegiado que Dora a colocou : *o lugar d'Aquela que detém o mistério da feminilidade, da Mulher-toda*. Não a ter mais como a encarnação da verdade sobre o feminino seria insuportável para Dora, pois a remeteria inevitavelmente de volta à angústia das incertezas sobre seu sexo. A Sra. K. ocupa o lugar d'A *mulher* que Dora quer a todo custo fazer existir, a ela são dirigidas as indagações sobre « o que é ser uma mulher ». Com efeito, o interesse de Dora por esta senhora tem o valor de evocar o enigma que é para ela sua própria feminilidade. O valor real do « objeto-Sra. K. » para Dora não é o da pessoa da Sra. K., mas do *mistério* que sua figura comporta. « Isto é, não um indivíduo, mas um mistério, o mistério de sua própria feminilidade, queremos dizer, de sua feminilidade corporal ».<sup>77</sup>

Assim, a ligação de uma mulher com outra diz respeito à *coisa obscura* que constitui para ela sua própria feminilidade. « A mulher é o objeto impossível de destacar de um primitivo desejo oral e onde é preciso, contudo, que ela aprenda a reconhecer sua própria natureza genital ».<sup>78</sup> Quando Freud interpreta as afonias de Dora durante as ausências do Sr. K. como uma forma desta dizer que não precisava mais falar, já que podia escrever ao homem amado, não se dá conta do violento apelo da pulsão erótica oral que se apresentava para Dora quando se encontrava sozinha com a Sra. K. : a afonia sobrevém justamente por ser ela deixada diretamente em sua presença. Freud não detectou que não era o amor o elo de união entre Dora e o Sr. K., e sim, a *identificação*. Como sublinha Lacan, o Sr. K. é o « eu » de Dora :

---

77 Lacan. « Interventions sur le transfert », in J. Lacan. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966, p.220.

78 Lacan. « Intervention sur le transfert », in J. Lacan *Écrits*, *op. cit.*, p.221.

A questão de saber onde está o eu de Dora fica assim resolvida — o eu de Dora é o Sr. K. A função preenchida no esquema do estágio do espelho pela imagem especular, em que o sujeito situa seu sentido para se reconhecer, onde pela primeira vez ele situa esse eu, esse ponto extremo de identificação imaginária, é no Sr. K. que Dora o coloca. É na medida em que ela é o Sr. K. que todos os seus sintomas adquirem o seu sentido definido.<sup>79</sup>

Para a Sra. K., Dora voltava o amor e a encarnação do enigma de sua feminilidade. Freud enfatiza que é muito comum, na adolescência, rapazes e moças mostrarem uma grande afeição por pessoas do mesmo sexo e, entre mulheres, muitas vezes ocorre que :

Uma amizade romântica e sentimental por uma de suas colegas de escola, acompanhada de votos, beijos, promessas de correspondência eterna e toda a sensibilidade do ciúme, é o precursor comum da primeira paixão séria de uma moça por um homem. Daí por diante, em circunstâncias favoráveis, a corrente homossexual de sentimento muitas vezes seca completamente. Mas se uma jovem não é feliz em seu amor por um homem, a corrente com frequência ressurge por atração da libido em anos posteriores e é aumentada até um grau maior ou menor de intensidade.<sup>80</sup>

Freud chama a atenção neste parágrafo para um ponto interessante. A intensa ligação entre uma mulher com outra pode existir na mesma proporção de sua insatisfação com os homens. Ou talvez, poderíamos pensar que essas amizades amorosas teriam a função de aplacar a angústia causada pelo *tête-à-tête* com o homem, atenuando, desta forma, a dificuldade de lidar com a

---

79 Lacan. *O seminário. As psicoses, livro 3*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.200.

80 Freud. « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), in S. Freud. *Obras completas, op. cit.*, p.58.

diferença sexual. Por outro lado, estes relacionamentos femininos viriam compensar a mulher da perda do gozo materno, que a relação com o homem pode vir obrigá-la a reviver. Uma vez que não se sabe muito bem, como já foi visto, o que faz uma mulher abandonar o objeto materno, quando chega o momento de dirigir-se ao homem ela pode estar ainda bastante *presa à mulher*, a ponto disso constituir para ela um *empecilho* para tornar-se objeto-causa de desejo de um homem.<sup>81</sup>

### Lol V. Stein e Tatiana Karl

« *Esse arrancar bastante lento do vestido de Anne-Marie Stretter, esse aniquilamento de veludo de sua própria pessoa, Lol nunca conseguiu concluí-lo* ».<sup>82</sup>

Gostaríamos de trazer à cena agora duas personagens de um romance bastante ilustrativo da questão que estamos trabalhando : *O deslumbramento* (1986), de Marguerite Duras. Para uma maior apreciação do tema das relações entre as mulheres, faremos um passeio pelo texto durassiano, deixando-nos afetar pelas associações às quais somos convidados a partir da leitura do encontro de Lol V. Stein e Tatiana Karl.

---

81 Como vimos no capítulo 2, um dos lugares que o ser falante situado do *lado-mulher* pode ocupar é o de ser objeto da fantasia do homem, o objeto que causa o seu desejo. Do *lado-homem*, a seta que sai de  $\$$  dirige-se unicamente para *a*, o que diz que o homem só atinge o Outro enquanto parceiro sexual por intermédio do objeto *a*. Vimos anteriormente também que este não é o único lugar a ser ocupado pela mulher, já que de seu lado saem, no quadro das fórmulas da sexuação, setas para o lugar do gozo do Outro e para o falo.

82 Marguerite Duras. *O deslumbramento*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.



Para melhor acompanhar o desenvolvimento da discussão sobre as personagens, impõe-se primeiramente uma retomada geral do romance de Marguerite Duras.

Lol V. Stein nascera na cidade de S. Tahla, sobre a qual se pode depreender da leitura do livro que é uma cidade fictícia. Aos dezenove anos, durante suas férias escolares em T. Beach, Lol encontra Michael Richardson. Começam a namorar nestas férias e, pouco tempo depois de iniciado o namoro, já marcam o noivado para seis meses depois. A essa altura realiza-se o grande baile no Cassino Municipal de T. Beach.

Tatiana Karl, melhor amiga de Lol, não acredita que esse famoso baile de T. Beach tenha tido papel preponderante na doença de Lol. No colégio, diz ela, já faltava algo a Lol para estar presente : ela parecia estar sempre alheia às coisas mundanas. Glória de doçura, mas também de indiferença, nunca parecera sofrer ou estar magoada, nunca se lhe vira uma lágrima de moça. Uma parte dela estava sempre desligada, longe do interlocutor e do momento. Era o coração que estava ausente ? Tatiana tenderia a acreditar que, na verdade, era talvez o coração de Lol que não estava presente.

No grande baile, inicia-se a desventura de Lol V. Stein, com a entrada triunfal de Anne-Marie Stretter, mulher do cônsul da França em Calcutá, que estava também de férias em T. Beach : sua elegância, no repouso e no movimento, inquietava.

Os olhos de Michael Richardson iluminam-se. Ele convida a mulher para dançar e não mais a deixa. Lol permanece o tempo todo onde o evento a vem encontrar : estarecida atrás das plantas verdes do bar. Ao final da noite, os dois passam diante dela. Lol segue-os com os olhos pelo jardim. Quando não mais os vê, cai no chão, desmaiada.

Lol volta a S. Tahla e não sai do seu quarto durante algumas semanas. Um dia resolve sair e segue à deriva um homem na rua, que a pede em casamento poucos dias depois. Sem nenhum entusiasmo, ela aceita. Deixa S. Tahla e vai morar em U. Bridge, onde leva uma vida tranqüila, metódica e monótona. Em sua casa reina uma ordem rigorosa. Os horários são respeitados, a localização de todas as coisas, igualmente.

Passados dez anos, o casal vem morar novamente em S. Tahla, a cidade natal de Lol. Certa tarde de um dia cinzento, passa uma mulher na frente da casa de Lol, e ela a nota. Está acompanhada de um homem que vira a cabeça para olhar a casa, em consequência de algum comentário que é feito pela mulher.

É pouco tempo depois que Lol inventa — ela, que parecia não inventar nada — sair às ruas para passear. Em um desses passeios, reconhece o homem que havia passado alguns dias antes na frente da sua casa em companhia daquela mulher. Resolve segui-lo e constata que ele vai a um encontro com uma mulher. Lol não tem dúvidas : é Tatiana Karl, sua amiga de infância. O casal vai para um hotel. Lol vai atrás deles e fica espiando a janela do quarto em que se encontram os amantes, deitada em um campo de centeio próximo ao hotel.

Nos dias seguintes, procura o endereço de Tatiana Karl e vai visitá-la. Lá encontra o marido da amiga e o amante que estava com ela no hotel. Tatiana estranha a ida de Lol a sua casa. Ao final da visita, Lol convida a todos para um jantar em sua casa. Nesse jantar, Lol seduz Jacques Hold, o amante de Tatiana Karl, e passa a encontrá-lo também no mesmo hotel. Ele se apaixona por Lol e quer deixar Tatiana, mas Lol suplica-lhe que não o faça. Pelo contrário, insiste em que ele dê cada vez mais atenção a Tatiana Karl.

Certo dia, Lol retorna, junto com o amante, a T. Beach, cidade onde tivera lugar aquele baile, e visita o salão do Cassino Municipal. Examina tudo com uma imprevista alegria, irresistível mesmo. Passa, nessa viagem, pela última vez, uma noite com Jacques Hold. Ao voltar a S. Tahla, vai novamente ficar olhando Jacques Hold e Tatiana Karl no quarto do hotel, sempre deitada no campo de centeio.

De saída, chama a atenção nesta história o fato de que é do lugar do feminino que Lol parece falar. Mistura de loucura e êxtase, de arrebatamento, de *ravissement*, ela vagueia, cambaleante, perdida pelas pessoas e coisas do mundo. Encarnação de uma dor, encarna também o feminino : Lol se dissolve, escapa de qualquer definição, como diz, num certo momento, Jacques Hold : « Foi essa minha primeira descoberta a seu respeito : nada saber de Lol já era conhecê-la. Podia-se, pareceu-me, saber menos ainda dela, cada vez menos, sobre Lol V. Stein ». <sup>83</sup>

Lol é estranha, enigmática : « No colégio, conta Tatiana, faltava alguma coisa a Lol, ela já era estranhamente incompleta, tinha vivido sua juventude como que em uma solicitação do que ela seria, mas que não conseguia tornar-se ». <sup>84</sup>

O que desponta como questão, ao apreciarmos as personagens femininas de Marguerite Duras, não só neste como em alguns outros de seus romances, é uma espécie de plasticidade da mulher, que pode levá-la a tomar a sua imagem pela de uma outra mulher. Lol V. Stein quer capturar para si a figura de Tatiana Karl. Detectamos, nos romances de Marguerite Duras,

---

83 Marguerite Duras. *O deslumbramento*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p.60.

84 Cf. Marguerite Duras. *O deslumbramento*, *op. cit.*

uma permeabilidade das personagens femininas umas às outras. Em *Détruire-dit-elle* (1969), Alissa e Elisa vêem-se como uma só na frente do espelho. Em *O vice-cônsul* (1982), Anne-Marie Stretter é a única que reconhece o idioma da mendiga de Savannakhet. Em *Nathalie Granger* (1973), a protagonista mora numa casa habitada só por mulheres : ela, a mãe e a amiga. O encontro de Lol e Tatiana traduz também esta permeabilidade. Defrontada com a falta de um significante que designe a mulher, Lol vai em direção a Tatiana, busca o passaporte que lhe daria um possível acesso à feminilidade. O percurso que Lol faz para chegar a Tatiana é através do amante desta : *é a amiga que ela segue quando vai atrás de Jacques Hold*. « Ela ama, ama aquele que deve amar Tatiana ». <sup>85</sup>

Como vimos anteriormente, o vazio da mulher busca ser saciado, dessa forma, pelo reencontro com a outra mulher. « Esse índice de um signo que captaria « magicamente » o desejo do outro, as mulheres não cessam de rastreá-lo nas outras ». <sup>86</sup> Lol rastreia as pegadas de Tatiana, espia os arrebatamentos amorosos do casal. Quer tomar o lugar de Tatiana nos braços e no leito do mesmo homem. Sobre isso, Julia Kristeva faz um comentário no seu texto « A doença da dor : Duras » :

[...] ela espia os folguedos amorosos de sua amiga Tatiana Karl e de Jacques Hold. Está apaixonada pelo casal, sobretudo por Tatiana : quer tomar o seu lugar nos mesmos braços, no mesmo leito. Essa absorção da paixão da outra mulher — Tatiana sendo aqui o substituto da primeira rival, Anne-Marie Stretter, e, em última análise, da mãe — também é feita em sentido inverso : Tatiana, até então leviana e lúcida, põe-se a sofrer. Doravante, as duas mulheres

85 Marguerite Duras. *O deslumbramento*, op. cit., p.99.

86 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.177.

são decalques, réplicas no cenário da dor que, aos olhos extasiados de Lol V. Stein, regula o picadeiro do mundo.<sup>87</sup>

No momento do romance em que decide sair às ruas para seguir Jacques Hold, Lol ilumina-se, ganha vida, embebida de um brilho erótico que emerge daquela sua constante apatia. Lol busca uma identidade. Trêmula e vacilante é a identidade da qual se aproxima, e, contudo, a única que é para ela aproximável : ocupar o lugar da amiga junto ao homem desta última, tentando assim desvendar o enigma do que é ser mulher. Através do homem, venera a mulher.

Depois, aos gritos, ela insultou, suplicou, implorou que a pegasse e largasse ao mesmo tempo, acossada, procurando fugir do quarto, da cama, voltando-se para fazer-se capturar, sabida, e não houve mais diferença entre ela e Tatiana Karl, exceto em seus olhos isentos de remorso e na designação que fazia de si mesma — Tatiana, quanto a ela, não se designa pelo nome —, e nos dois nomes que ela se dava : Tatiana Karl e Lol V. Stein.<sup>88</sup>

Como dissemos anteriormente ao apresentar a problemática das identificações, a questão do nome e da identificação é de suma importância para a mulher, pois, assim como o menino, ela identifica-se inicialmente com o pai, e não possui neste lugar um traço distintivo que a diferencie como mulher. O problema da mulher está em como fazer reconhecer *uma insígnia da feminilidade*, uma vez que só há identificação ao significante falo. O falo lhe dá a possibilidade de um nome, mas não lhe fala daquilo que é específico do *ser* da mulher.

---

87 Julia Kristeva. « A doença da dor : Duras », in J. Kristeva. *Sol negro — depressão e melancolia*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p.224.

88 Marguerite Duras. *O deslumbramento*, *op. cit.*, p.143.

Desta forma, a identificação da mulher fica indeterminada. Justamente por não estar toda inserida na dimensão fálica, ela pode aceder a um outro gozo, feminino, além das margens do gozo fálico. Mas isso não lhe oferece uma insígnia do que é ser mulher. Vê-se, assim, diante de um dilema : optar entre seu gozo, feminino, e sua identidade, masculina. A identidade pela qual pode se deixar ocupar não lhe oferece um lugar de mulher, pois é regida pelo domínio do falo. Acedendo ao gozo feminino, perde a identidade e o nome. A figura da outra mulher pode estar vindo como a redentora que lhe dará uma resposta para o enigma do ser da mulher. Por um outro lado, não podemos esquecer que o encontro com uma outra mulher é também da ordem de um gozo, na medida em que a lança diretamente aos vestígios deixados pelo gozo materno.

É Jacques Hold quem diz :

Ela não se queixa mais. Não se mexe mais, lembra-se provavelmente que está com o amante de Tatiana Karl. Mas de repente ela duvida enfim desta identidade, a única que ela reconhece, a única que sempre alegou.<sup>89</sup>

### Alissa e Elisa

« *Élisabeth se tourne. Elles se trouvent toutes les deux prises dans un miroir* ». <sup>90</sup>

*Détruire-dit-elle* (1969) é um outro romance de Marguerite Duras que apresenta de forma vertiginosa um encontro intenso entre duas mulheres. Alissa e Elisa, como seus nomes já de saída denunciavam, vivem uma relação em espelho.

---

89 Marguerite Duras. *O deslumbramento*, op. cit., p.143.

90 Marguerite Duras. *Détruire-dit-elle*. Paris, Les Editions de Minuit, 1969.

Em um hotel circundado por uma floresta, três hóspedes solitários e silenciosos observam-se mutuamente : Elizabeth Alione, Max Thor, e Stein. Em um certo momento, aparece uma quarta personagem, Alissa, que tira os outros personagens do mutismo. O livro todo é um diálogo que se passa entre esses quatro personagens, formando-se diferentes duplas a cada momento. Alissa vem e olha aquela que é olhada por Max Thor, Elizabeth, diante de quem há sempre um livro e um ar sombrio de solidão. Max Thor fica fascinado pelo *ar velado* de Elisabeth, também chamada de Elisa, que está ali para convalescer da morte de um filho recém-nascido.

Alissa vem e fala. Apresenta-se a Elizabeth Alione e começa a fazer perguntas sobre a vida desta, descobrindo que a outra está lá não só para recuperar-se da morte do bebê, mas também da perda de um amante. « Alissa é meio andrógina, a matéria da qual ela é feita é dúctil, ao mesmo tempo que se modela, é ela que rege o balé do desejo ».<sup>91</sup>

O terreno no qual brota a doença de Elisa é a história da filha morta. Alissa caminha sorrateiramente neste terreno, identificando-se com Elisa, fazendo-a falar constantemente sobre o que causou sua doença. Alissa e Elisa buscam encontrar-se através de uma especularidade que vivem uma com a outra. Alissa parece ser mais forte; Elisa, adoecida, convalescente, parece apoiar-se mais na outra. No entanto, é Alissa que diz ter um medo enorme do desconhecido. Ela mira-se em Elisa para revelar a sua fragilidade e a sua loucura por detrás da aparência vigorosa.

---

91 Marguerite Duras & Xavière Gauthier. *Boas falas*. Rio de Janeiro, Record, p.19.

Alissa diz ter medo do futuro, medo de amar, medo de ser abandonada, medo da violência, medo da verdade. « Qual ? a sua ou a de Elisa ? [...] Alissa é porta-voz de Elisa. Ela repete seus propósitos, testemunha seu passado e profetiza seu futuro, no qual, aliás, só vê repetição ».<sup>92</sup>

O livro todo é feito de diálogos entre os quatro personagens, a partir do qual se vão descortinando as *paixões estranhas* de cada um, em um movimento contínuo onde eles se fundem e se diferenciam. A conversa entre as duas mulheres é *um diálogo em eco* — uma termina a frase da outra, que, por sua vez, denega o que a primeira disse, como que sabendo que uma mesma palavra as une numa verdade mútua : a loucura de serem uma e mesma mulher, ao mesmo tempo que são uma e outra mulher.

*Destruir, diz ela* : o título do livro já indica a destruição que marca essa relação. A fusão promove o desatino de uma ter que se destruir para ser a outra, para fundir-se na outra.

Alissa/Elisa encontram-se ambas capturadas em espelho. Vivem uma espécie de *paixão hipnótica*, uma *fascinação letal* por si mesma.

— Je trouve que nous nous ressemblons, murmure Alissa... Vous ne trouvez pas ? Nous sommes de la même taille.

Elles sourient.

— C'est vrai, oui.

Alissa fait glisser la manche d'Élisabeth Alione. Son épaule est nue.

— ... la même peau, continue Alissa, la même couleur de peau...

— Peut-être...<sup>93</sup>

92 Julia Kristeva. « A doença da dor : Duras », in J. Kristeva. *Sol negro : depressão e melancolia*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p.225.

93 Marguerite Duras. *Détruire-dit-elle*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1969, p.100.



Neste momento do romance, as duas mulheres olham-se ao mesmo tempo no espelho do quarto e vêem-se uma só. Uma mesma mulher, uma mesma estranheza, uma mesma dor, uma mesma identidade instável.

— Comme vous êtes belle, dit Élisabeth.

— Nous sommes des femmes, dit Alissa.

Regardez.

Elles se regardent encore. Puis Élisabeth met sa tête contre celle d'Alissa. La main d'Alissa est sur la peau d'Élisabeth Alione, à l'épaule.<sup>94</sup>

As duas mulheres vivem desta forma um amor, uma fixação, uma inundação de corpos e desejos. « — Je vous aime et je vous désire, dit Alissa ». <sup>95</sup>

Quais são os ingredientes dessa mistura de hipnose e de paixão? Ciúmes, ódio, fascinação, desejo sexual pela rival e pelo seu homem: toda a gama se insinua nos comportamentos e nas palavras dessas criaturas lunáticas que vivem um enorme pesar e que se queixam sem dizê-lo.<sup>96</sup>

Elisa, mãe, Alissa, jovem, Elisa, doente, Alissa, destruidora, Elisa, muda, Alissa, porta-voz, Elisa, louca, Alissa, estranha, Elisa, bela, Alissa, forte. As duas mulheres transmitem uma para a outra, durante todo o diálogo, uma multiplicidade de identidades. Fazem circular entre elas um caleidoscópio de imagens subjetivas, numa plasticidade de traços identificatórios. O feminino, ao não se fazer nomeado, aciona um movimento de busca de

---

94 Marguerite Duras. *Détruire-dit-elle*, op. cit.

95 Marguerite Duras. *Détruire-dit-elle*, op. cit., p.101.

96 Julia Kristeva. « A doença da dor: Duras », in J. Kristeva. *Sol negro: depressão e melancolia*, op. cit., p.227.

insígnias, permitindo que um elenco de possibilidades de significação lhe seja conferido. A dor dessas duas mulheres, implacável, é a loucura feminina de buscar na outra mulher a própria existência.



## Conclusão

### *Claro enigma*

*Chega tese*

*Chega.*

*É hora de chegar*

*É hora de partir*

*Angustiante demais trocar*

*onze vezes de roupa*

*para ir à festa.*

*A cama amontoa-se de papéis e vestidos.*

*Escrevo ou danço ?*

## I

Das diversas lições a mim prodigalizadas pelo grande Charcot, duas deixaram profunda impressão em mim : que jamais devemos nos fatigar de considerar os mesmos fenômenos repetidas vezes, e que não devemos nos importar com depararmos com contradição de todos os lados, de vez que tenhamos trabalhado com sinceridade.<sup>1</sup>

Instante de ver...

Tempo de compreender...

Chegamos ao *momento de concluir*. Antes de entrar nas conclusões propriamente ditas, queria deixar algumas impressões sobre

---

1 Freud. « Carta a Le disque vert », (1924), in S. Freud. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.363.

o ato de escrever uma tese. Em primeiro, há o horror da folha em branco : aquele *nada* que clama para fazer-se palavra, cabendo a você concretizá-lo. Dá medo a total incerteza sobre o que virá, pois só sabemos o que escrever na medida que se vai escrevendo : é a própria palavra que indica qual será a próxima palavra, o próprio pensamento que traz em si o pensamento seguinte, como ensina Roland Barthes na sua *Aula* :

O Texto contém nele a força de fugir infinitamente da palavra gregária (aquela que se agrega), mesmo quando nele ela procura reconstituir-se; ele empurra sempre para mais longe.<sup>2</sup>

Assim, esteve presente em mim o desafio de fazer avançar sempre mais o pensamento, extenuá-lo, fatigá-lo até o *meu-dele* limite, no exercício constante de um certo prazer : o prazer do exercício de pensar. As idéias parecem ter uma materialidade à nossa revelia. Independente do que se planeja escrever, a coisa toda tem um rumo às vezes autônomo, com o que freqüentemente o máximo que se pode fazer é oferecer-se como veículo, deixando, humildemente, o texto ter a sua vida própria, interagindo com ele, não sendo seu *dono*, mas seu *cúmplice*. Tendo, assim, como única bússola, a confiança na consistência com que a questão foi pesquisada e, como na lição de Freud, em que « tenhamos trabalhado com sinceridade ». Poder, desta forma, deixar o texto propor, deixá-lo indicar o caminho que você ainda não sabe qual será, o que pode trazer muitas vezes uma temível sensação de um túnel negro, alguma coisa que em certos momentos da tese foi apontado como sendo da ordem do feminino.

---

2 Roland Barthes. *A aula*. São Paulo, Cultrix, 1989, p.35.

Escrever uma tese é uma travessia. A questão vai sendo causa de outras questões, num fluxo que muitas vezes parece ser inesgotável. Mas não é. Há o momento de fechar, de concluir. Ao longo do texto, houve alguns momentos de conclusão. Espero que tenham ocorrido também alguns momentos, mesmo que poucos, daquilo que Barthes chama de *escritura*: « as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores : a escritura faz do saber uma festa. »<sup>3</sup>

## II

O feminino aparece na obra freudiana sob o signo da falta. Não há um lugar nessa teoria para o feminino como diferença : a sexualidade da menina e do menino são analisadas a partir de um mesmo viés : *o da castração*. A sexualidade feminina desenvolve-se, no percurso da menina até « tornar-se mulher », sob a égide da inveja do pênis.

Vejamos novamente os três destinos delineados por Freud em « Sexualidade feminina » (1931), percebendo como a menina ficará, de qualquer maneira, amarrada à lógica da inveja do pênis. Diante da inveja do pênis e do complexo de masculinidade, a menina pode :

a) Renunciar à masculinidade e abandonar a atividade fálica, ficando com a sexualidade inibida em geral; b) agarrar-se ferozmente à masculinidade e viver na esperança de obter um pênis, desenvolvendo desta forma um « complexo de masculinidade »;

---

3 Roland Barthes. *A aula*. São Paulo, Cultrix, 1989, p.21.

c) renunciar à masculinidade e encaminhar-se para a feminilidade, postergando a obtenção do pênis para quando tiver um filho, a partir de uma equivalência simbólica « pênis=bebê ».

Observa-se que, mesmo na escolha mais especificamente feminina, a mulher está ainda atrelada à inveja do pênis, pois o desejo de um filho equivale ao desejo de possuir um pênis.

A esse respeito, uma articulação particularmente importante é a noção, enfatizada mais tarde por Lacan, de que, para os dois sexos, o complexo de castração é importante na medida em que compromete a mãe : ele torna-se efetivo a partir da descoberta da castração da mãe. Para a menina, a castração vem com a decepção pelo fato de a mãe não lhe ter dado o pênis que deu ao menino; o que ela inveja não é, de fato, o pênis do homem, mas o pênis que a mãe deu ao menino e não lhe deu. Esta compreensão é importante para a análise da influência do período pré-edipiano na sexualidade feminina e de suas decorrências para as relações entre as mulheres. Deve-se salientar a supremacia deste período na sexualidade da mulher, ressaltando novamente a questão sobre a presença ou não da *inveja* já neste período, pontuação relevante feita no terceiro capítulo.

Com efeito, quando iniciei os estudos que resultaram nessa dissertação, a ênfase, no que diz respeito à análise das relações entre as mulheres, recaía, para mim, na questão da identificação, isto é, a relação com a outra mulher sendo vista a partir de uma dimensão fálica. O próprio título que escolhi para a dissertação — « O que ela tem que eu não tenho ? » — remete a uma idéia de queixa, que já corresponde ao período edipiano. A presença da outra mulher parecia ser, assim, somente uma questão de *identificação*, inserida no registro da diferenciação sexual, sendo a outra mulher uma espécie de passaporte para a inexistente

identidade feminina. A partir da falta de um significante próprio do feminino, é a uma outra mulher que será dirigida a interrogação sobre o que é ser mulher.

Todavia, a leitura das personagens femininas de Marguerite Duras,<sup>4</sup> junto com a dos textos freudianos que enfatizam a importância do período pré-edipiano para a vida da mulher, aproximaram-nos de um outro eixo de compreensão que, apesar de parecer óbvio, não havia ganho, no contexto do projeto da dissertação, seu devido lugar de destaque : a relação com as mulheres sofre das vicissitudes da antiga relação primária da menina com a mãe. A bibliografia psicanalítica pesquisada apontava para a questão entre as mulheres mais enquanto remetida à identificação, à rivalidade, ao terreno do « o que ela tem que eu não tenho ? ». Todavia, pelas vias do conhecimento que é próprio da arte, os textos de Duras foram encaminhando o estudo mais para o caminho de *uma espécie de dissolvência de si na outra* presente entre as mulheres, levando-me a pensar isto, na teoria psicanalítica, a partir da importância do período pré-edipiano para a sexualidade feminina.

Desta maneira, o *horror e o fascínio do gozo materno* marcam o sujeito, acompanhando-o por um longo tempo, e, no caso das mulheres, podem levar a que tenham entre si um certo tipo de

---

4 As personagens de Marguerite Duras, na sua obra em geral, e mais especificamente nos dois livros aqui trabalhados, apresentam uma forma de ser que é bem próxima do « fantasma de devoração » pertencente ao gozo materno : elas *se dissolvem*, são inapreensíveis, indefiníveis, meio loucas, meio melancólicas, desesperançadas, parecendo viver constantemente numa certa deriva : excluídas do mundo, em exílio permanente. Na teoria psicanalítica, estas características ficam circunscritas ao período pré-edipiano, ao aspecto fusional dos territórios mal definidos da relação materna. Há, entre as mulheres, um sentimento oceânico que as une.

encontro, muitas vezes próximo da forma viscosa e simbiótica da ligação materna. O estudo da relação entre as mulheres fica, portanto, circunscrito a partir destes dois campos : as questões relativas à problemática da identificação feminina e à relação com a mãe, sendo estes campos analisados separadamente, apesar de poderem ainda vir a ser articulados. Na verdade, a dissertação está concluída, mas não a reflexão sobre a temática estudada. Cumprida esta etapa, alguns caminhos se abriram a partir da escritura da tese : o problema foi organizado de uma forma diferente, surgindo novas perguntas, outras formas de se colocar a questão. É um outro momento da reflexão que se inaugura com o término da tese, oferecendo abertura para uma investigação mais aprofundada, a partir das questões aqui já formuladas.

Assim, esta articulação entre os dois recortes efetuados nesta dissertação poderá ser mais pensada e elaborada. Por necessidades didáticas, terminou-se, neste trabalho, por separar esses dois campos em que se organiza a problemática, colocando-os como marcadamente distintos. A coisa não é tão clara assim, mas, quando nos aproximamos de um objeto de estudo, é necessário fazer recortes, circunscrever a questão, limitar o campo de pesquisa, mesmo sabendo que, assim o fazendo, muitas reflexões devem ser simplesmente deixadas de lado, pois emperrariam o avanço do pensamento...

Entretanto, não deixa de ser importante perceber que, para a mulher, a identificação confunde-se com o vínculo materno. Afinal, o seu objeto de amor é também objeto de identificação. No momento do Édipo, o menino ama a mãe e se identifica com o pai. E a menina ? Como vimos, continua ligada ao seu primeiro objeto de amor e com muita dificuldade consegue abandoná-lo. Contudo, como mostra Freud, a questão da bissexualidade am-



plia o campo do Édipo e estende a ligação de amor e a de identificação para os dois progenitores, tornando complexo o jogo das identificações. A identificação na mulher fica sendo um pólo de conflito : como o menino, ela também se identifica primeiramente com o pai, mas isso não lhe fala sobre o *ser-mulher*. Poderia identificar-se com a mãe, mas esta também não lhe indica uma especificidade que seja própria do feminino.

A dissertação deixa em aberto a problemática da identificação feminina, uma vez que, como fica indicado ao longo do texto, nem a mãe nem o pai ofereceriam à menina uma insígnia da sua feminilidade. Segundo o primeiro recorte do nosso objeto de estudo, a mulher busca na outra o suporte de uma identidade feminina, estabelecendo uma relação que tem como ingredientes : o amor, o ódio, o « fantasma da devoração », a identificação e o fascínio — elementos mapeados no campo das relações entre as mulheres.

*Fascínio* : esta é uma palavra a destacar no *entre-mulheres*. Em muitos textos encontrei a palavra fascínio associada ao mistério da feminilidade. De fato, parece ser da ordem da busca de um ideal (o que remete a um fascínio), o ideal da feminilidade, de que aqui se trata. Como aponta Freud, Dora ficava *fascinada* pelo « adorado corpo alvo » da Sra. K., seu verdadeiro objeto de amor. Mas Dora também *identificava-se* com a Sra. K., a fim de saber o que é ser amada e desejada por um homem.

Mas não podemos perder de vista que há algo de paralisante, de mortificante, no fascínio... Há uma *ligação oceânica* entre as mulheres, onde o eu se dissolve, não se sabendo mais *quem é uma e quem é outra*.

E o gozo feminino ? O gozo a-mais é realmente uma complicação a-mais. A articulação da teoria dos gozos em Lacan é de uma enorme complexidade. As considerações acerca da trajetó-

ria teórica do feminino em Lacan são elaboradas a partir do seminário 20, *Mais ainda*, onde são abordadas a questão do gozo e sua conexão com a mulher. A interrogação fundamental aqui é sobre se há um gozo que seja próprio ao feminino, ou, em outras palavras, se existe um gozo a mais para além do gozo fálico. Nesta articulação, faz-se importante cogitar sobre a existência de um lugar de gozo para um mais-além do falo e do objeto de fantasia do homem. As « fórmulas da sexuação » são bastante esclarecedoras neste sentido, ao oferecerem uma possibilidade lógica para um lugar específico do feminino. Com efeito, ao *lado mulher* do quadro demarcado por Lacan, no qual se pode alinhar qualquer sujeito, é associado um *locus* que tem relação direta com o significante da falta no Outro, o significante faltoso do sexo feminino.

O que diz Lacan neste Seminário é que o destino feminino não é esgotado por essa referência fálica, mas que é preciso que se lhe acrescente a dimensão de um « suplemento » — dimensão pela qual as mulheres têm uma relação com o real que os homens só podem estabelecer pela intermediação da fantasia.<sup>5</sup>

Em relação à metodologia, há uma tensão, intrínseca ao próprio trabalho, com a qual me defrontei em vários momentos : como conciliar uma pesquisa no registro do imaginário social com um trabalho de ordem estrutural, ou seja, que tem o inconsciente como *o conceito por excelência*? Acredito que esta não é uma dificuldade apenas desta dissertação, mas de qualquer pesquisa que verse sobre uma questão do imaginário que tenha como suporte metodológico uma teoria do sujeito do inconscien-

---

5 Serge André. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.150.

te. Ao tratar das relações entre as mulheres, falando de inveja e rivalidade, é no campo do imaginário que estamos circulando. E, ao entrar por estas paragens (que devem e precisam de ser estudadas!), como faz o pesquisador para *ele mesmo não imaginar*? Como estudar o imaginário sem ser decorrente dele mesmo, mas a partir do simbólico e do real? Um exemplo: relendo a dissertação, fico em algumas passagens com a impressão, e talvez o leitor também a tenha, de que há uma *entificação* da Mulher-Toda, como se se acreditasse poder ver A mulher passeando por aí... Contudo, sempre é difícil escrever sobre qualquer coisa, « dar carne » a uma questão, sem deixar de, em certa medida, entificá-la.

Busco novamente precisar: A mulher é não-toda, é regida pela lógica do não-todo que barra o Outro e o faz ser sempre Outro, na medida em que lhe falta *um* significante, o significante faltoso do Outro Sexo. É justamente este lugar vago no Outro que faz infinitas as possibilidades significantes do simbólico. Então, *A mulher-toda não existe*. Contudo, isto não impede que a *ficção da sua existência* esteja presente no *entre-mulheres*: *A Mulher* não existe, mas homens e mulheres não querem saber muito disso (leia-se: não querem saber muito que a relação sexual é impossível), pois, se Ela existisse, a relação sexual seria possível. Assim, na ordem do engodo, do equívoco, da ilusão (ou seja, do imaginário), pode-se tentar *construir ficcionalmente A Mulher*. Como decorrência disso, há, entre as mulheres, a rivalidade, a idealização, a cumplicidade, a inveja, as alianças, as identificações, elementos mapeados no argumento da tese neste campo.

Uma indagação que cabe ser feita a esta altura é sobre a diferença entre a relação entre mulheres de que tratamos e a

homossexualidade feminina. De fato, tudo indica que não é de homossexualidade de que se trata aqui : nesta rede de relações, a mulher parece menos desejar a outra mulher como um objeto de amor do que incorrer numa supervalorização desta como portadora de uma resposta ao enigma da feminilidade. Parece adequado, para pensar a questão em pauta, um termo proposto por Serge André : ao analisar o *caso Dora*, este autor assinala que não se observa, na relação de Dora com a Sra. K., uma homossexualidade, mas uma *homossexuação*, termo que se liga aos desvios das identificações pelas quais uma mulher deve passar, a fim de interrogar sua própria feminilidade.

No artigo « Repensando Eva : dos componentes homossexuais da sexualidade feminina », Joyce McDougall destaca a homossexualidade como uma dificuldade específica da sexualidade feminina, decorrente do profundo vínculo homo-erótico com a mãe. A autora desdobra a questão freudiana de como a menina consegue desprender-se da mãe na seguinte indagação : « onde esse vital componente homossexual é investido ao chegar à idade adulta ? ». McDougall apresenta cinco conclusões a esse respeito, sendo uma delas que « o investimento homossexual, usualmente despojado de seu objetivo sexual consciente, proporciona calor e riqueza às amizades essenciais que mantemos com outras mulheres ». <sup>6</sup> Ao propor o termo *homossexuação*, Serge André salienta que o fato de a mulher não tirar todo o seu gozo de seu parceiro sexual, retirando parte dele de seu próprio sexo enquanto não-todo fálico, dá um caráter homossexual à sexualidade feminina, de tal forma que o gozo mais propriamente feminino

---

6 Joyce McDougall. « Repensando Eva : dos componentes homossexuais da sexualidade feminina », in J. McDougall. *Conferências Brasileiras*. Rio de Janeiro, Xenon, 1987, p.116.

aponta que « uma mulher goza dela mesma enquanto Outra a ela mesma ». <sup>7</sup>

Trata-se de uma discussão bastante complicada. Por um lado, a *homossexualização* fala muito mais da busca da feminilidade na outra mulher, ou seja, de uma questão de identificação, do que do desejo de possuir essa outra como objeto sexual. De fato, posso entrever, intuitivamente falando, uma diferença entre essas ligações entre mulheres e a homossexualidade propriamente dita. Entretanto, se o campo do sexual em psicanálise é extensivo ao social e aos infinitos objetos da pulsão, como dizer que não está em jogo neste *entre-mulheres* uma questão sexual e, no caso, homo-sexual? Por outro lado, também, a vertente que analisamos da relação entre as mulheres como um *dissolver-se* no « corpo materno » não aponta para uma questão homossexual por excelência? Deixamos, portanto, esta questão em aberto, compreendendo-a como um aspecto problemático do trabalho, ficando na esperança de que ela possa vir a ser mais tarde resolvida.

Uma outra consideração que cumpre destacar é sobre a introdução da literatura nas reflexões desenvolvidas nessa dissertação. Sinto não ter podido realizar um desejo : o de pensar a relação da literatura com a psicanálise, tematizando neste trabalho os pressupostos da narrativa na psicanálise e na teoria da literatura. Alguns estudiosos da literatura como, por exemplo, Starobinsk, Barthes, Derrida, Luís Costa Lima, Bento Prado Júnior, Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Hélène Cixous e outros só agora serão tirados da estante...

De fato, os usos e recursos à literatura não se fazem, neste trabalho, de maneira sistematizada, tendo os romances de Mar-

---

7 Cf. Serge André. *O que quer uma mulher?*, *op. cit.*, pp. 224-225.

guerite Duras sido absorvidos como parte integrante do mesmo texto, e não como um *objeto* excêntrico à dissertação que nela se inserisse para metodologicamente articulá-la : os textos literários não aparecem como um *instrumento empírico* que viesse *ilustrar* ou *comprovar* a questão. Assim como os casos clínicos de Freud, os « casos » de Duras foram um *texto a mais*, e vieram enriquecer, como mais um elemento detonador de questões, a reflexão sobre as relações entre as mulheres. Cabem, decerto, muitas perguntas sobre este *tangenciamento* da psicanálise com a literatura : qual a diferença da utilização do texto dos casos clínicos e do texto literário ? O texto escrito é da mesma cepa do texto do divã ? Podemos dar ao texto literário o estatuto de dizer algo sobre o inconsciente, ou seja, o de ser um lugar onde o *isso* fala ? Há o Grande Outro para quem o escritor endereçaria a sua escrita ? Estas e outras são indagações deixadas para pesquisas futuras.

A propósito da literatura, foi também pena não ter sido possível trabalhar a elegância e a exuberância da *forma* da escritura, em alguns aspectos feminina, de Marguerite Duras. Por força da própria necessidade, intrínseca ao ato da pesquisa, de fazer recortes, fui levada a ater-me apenas ao *conteúdo* das histórias, para analisar as relações de suas personagens femininas. Uma outra restrição resultante dos limites dessa dissertação foi quanto ao que trabalhar em Marguerite Duras. Apesar de ter lido muitos de seus livros, acabei trazendo para esta análise apenas dois deles. Outros três romances de Duras, que tratam também de relações de mulheres entre si, foram importantes como pano de fundo, mas não chegaram a ser trazidos à cena : *Nathalie Granger*, *O vice-cônsul* e *Savannah Bay*. Mas, finalmente, *O deslumbramento* e *Détruire-dit-elle* pareceram os mais ricos e reflexivos no que diz respeito à questão própria da dissertação. Lol V. Stein e

Tatiana Karl, Alissa e Elisa abriram um horizonte profícuo de possibilidades de refletir e compreender o objeto de estudo e, muito mais do que funcionarem como ilustração, trouxeram pontos importantes que, como foi mencionado mais acima, busquei reintroduzir na teoria psicanalítica utilizada. Como não ser afetado pela densidade destas linhas ?

O vazio é Tatiana nua sob os cabelos negros, o fato. Ele se transforma, se prodigaliza, o fato não contém mais o fato, Tatiana sai de si mesma, espalha-se pelas janelas abertas, pela cidade, pelas estradas, lama, líquido, maré de nudez. Aí está Tatiana Karl nua sob os cabelos, de repente, entre Lol e eu. A frase acaba de morrer, não ouço mais nada, é o silêncio, ela está morta aos pés de Lol, Tatiana está em seu lugar.<sup>8</sup>



---

8 Marguerite Duras. *O destumbramento*, *op. cit.*, p.87.

## Anexo

*O que que ela tem que eu não tenho ?*

*Você sempre disse que eu era demais  
Que te fazia bem e que te dava muita paz  
Dizia que eu era muito especial  
Que eu tinha um beijo quente e uma boca sensual  
Mas um belo dia tudo mudou  
Você arranjou outra e me deixou  
E agora eu não consigo me conformar  
Eu passo o tempo todo a me perguntar*

*O que que ela tem que eu não tenho*

*Preciso saber, você vai ter que me dizer, o que*

*Você me trocou por uma loura  
E agora você quer mais é que eu morra  
Não fala mais comigo e nem quer me ver  
Como é que você pode me esquecer  
Olha só como é que eu fiquei  
Até hoje eu não me recuperei  
Será que algum dia eu vou me conformar ?  
Eu passo o tempo todo a perguntar...  
O que que ela tem...*



## Bibliografia

### I. Sigmund Freud

(Todas as obras de Freud são da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud)

Freud, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900), vol.IV. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

Freud, Sigmund. « Três ensaios sobre a teoria da sexualidade » (1905), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

Freud, Sigmund. « Fragmento da análise de um caso de histeria » (1905 [1901]), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

Freud, Sigmund. *Totem e tabu* (1913), vol.XIII. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

Freud, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-17), vol.XVI. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

Freud, Sigmund. « Psicologia de grupo e a análise de ego » (1921), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

Freud, Sigmund. « Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo » (1922), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

Freud, Sigmund. « A organização genital infantil : uma interposição na teoria da sexualidade » (1923), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

- Freud, Sigmund. « O ego e o id » (1923), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, Sigmund. « A dissolução do complexo de Édipo » (1924), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, Sigmund. « Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos » (1925), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, Sigmund. « A questão da análise leiga » (1926), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, Sigmund. « Sexualidade feminina » (1931), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- Freud, Sigmund. « Feminilidade » (1933 [1932]), *in* Freud, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, vol.XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, Sigmund. « Análise terminável e interminável » (1937), *in* Freud, S. *Obras completas*, vol.XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- Freud, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, Rio de Janeiro, Imago, 1986.
- Jones, Ernest. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago, 1989.

## II. Jacques Lacan

- Lacan, Jacques. « Intervention sur le transfert », *in* Lacan, J. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.

- Lacan, Jacques. « La direction de la cure et les principes de son pouvoir » (1958), in Lacan, J. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- Lacan, Jacques. « La signification du phallus », in Lacan, J. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- Lacan, Jacques. « Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine », in Lacan, J. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- Lacan, Jacques. *O seminário. Mais, ainda, livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- Lacan, Jacques. *O seminário. A ética da psicanálise, livro 7*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- Lacan, Jacques. *O seminário. As psicoses, livro 3*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- Lacan, Jacques. *Séminaire 1961.62. L'Identification*. Inédito.

### III. Marguerite Duras

- Duras, Marguerite. *O deslumbramento*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- Duras, Marguerite. *Détruire-dit-elle*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1969.
- Duras, Marguerite. *O vice-cônsul*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- Duras, Marguerite. *Savannah Bay*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1983.
- Duras, Marguerite. *Nathalie Granger*. Paris, Gallimard, 1973.
- Duras, Marguerite & Gauthier, Xavière. *Boas falas*. Rio de Janeiro, Record, s.d.

- Duras, Marguerite & Porte, Michelle. *Les lieux de Marguerite Duras*. Paris, Éditions de Minuit, 1977.
- Duras, Marguerite. *A vida material*. Rio de Janeiro, Globo, 1989.
- Armel, Aïette. *Marguerite Duras et l'autobiographie*. s.l., Le Castor Astral, 1990.
- Calle-Gruber, Mireille. « Pourquoi n'a-t-on plus peur de Marguerite Duras ? ». *Littérature-Communiquer/Représenter*, número 63, Ed. Larousse, outubro de 1986.
- Kristeva, Julia. « A doença da dor : Duras », in Kristeva, J. *Sol negro : depressão e melancolia*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- Lacan, Jacques. « Homenagem à Marguerite Duras », in Lacan, J. *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1989.
- Montrelay, Michèle. « Sur 'Le ravissement de Lol V. Stein' », in Montrelay, M. *L'ombre et le nom*. Paris, Minuit, 1977.

#### IV. Outros autores

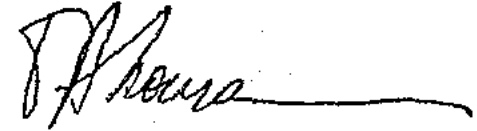
- André, Serge. *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- Aristóteles. *Organon, vol.II : De l'interprétation*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1977.
- Assoun, Paul-Laurent. *Freud et la femme*. Paris, Calmann-Lévy, 1983.
- Aulagnier-Spairini, Piera. « Remarques sur la féminité et ses avatars », in Aulagnier-Spairini, P. *Le désir et la perversion*. Paris, Éditions du Seuil, 1967.
- Barthes, Roland. *A aula*. São Paulo, Cultrix, 1989.

- Barthes, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.
- Bleichmar, Emilce Dio. *O feminismo espontâneo da histeria*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- Brun, Danièle. *Figurações do feminino*. São Paulo, Escuta, 1989.
- Castello Branco, Lúcia & Silvano Brandão, Ruth. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro, Casa-Maria Editorial, 1989.
- Chatel, Marie Madeleine. « Le rapport mère-fille ». *Revue Dialogue*, Paris, 1988.
- Darcy de Oliveira, Rosiska. *Elogio da diferença : o feminino emergente*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.
- Espanca, Florbela. « Crucificada ». *Sonetos*. São Paulo, Difel, 1982.
- Gondar, Josaida. *O fundo do tártaro — o feminino em Freud*. Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC, Rio de Janeiro, 1986.
- Laplanche/Pontalis. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- Lemoine-Luccioni, Eugénie. *Partage des femmes*. Paris, Éditions du Seuil, 1976.
- Lévi-Strauss, Claude. *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris, Mouton, 1967.
- McDougall, Joyce. « Repensando Eva : dos componentes homossexuais da sexualidade feminina », in McDougall, J. *Conferências Brasileiras*. Rio de Janeiro, Xenon, 1987.
- Melman, Charles. *Nouvelles études sur l'hystérie*. Paris, Denoël, 1984.
- Mezan, Renato. *Freud : pensador da cultura*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
- Millot, Catherine. *Extrasexo*. São Paulo, Escuta, 1992.
- Millot, Catherine. *Nobodaddy*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

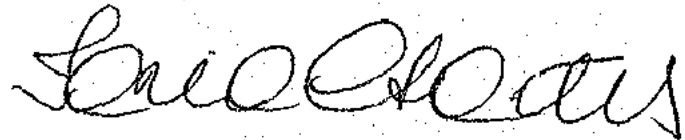
- Mitchel, Juliet & Rose, Jacqueline. *Feminine sexuality : Jacques Lacan and the « école freudienne »*. Londres, The MacMillan Press, 1982.
- Mitgutsch, Anna Waltraud. *Entre mujeres*. Barcelona, Narradores de Hoy, 1989.
- Nicéas, Carlos Augusto. « Primado do falo e castração feminina », in Birman, Joel & Nicéas, C. A. *O feminino : aproximações*. Rio de Janeiro, Campus, 1986.
- Plath, Aurelia Schober (editor). *Letters Home*. Nova York, Harper Perennial, 1992.
- Pommier, Gérard. *A exceção feminina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- Pommier, Gérard. *A ordem sexual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.
- Pommier, Gérard. *O nome próprio e o gozo feminino*. Seminário proferido na Escola de Psicanálise de Niterói. Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1987, conferência número I.
- Prado Jr., Bento. « A narrativa na psicanálise, entre a história e a ficção », in Riedel, Dirce Côrtes. *Narrativa : ficção e história*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- Rich, Adrienne. « Motherhood and Daughterhood », in Rich, A. *Of Woman Born*. Nova York, Virago, 1981.
- Riviere, Joan. « Womanliness as a Masquerade ». *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.10, 1929, págs. 303-313.
- Safouan, Moustapha. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- Santa Teresa de Jesus. *Obras completas*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1977.
- Siboni, Daniel. « De l'entre deux femmes », in Siboni, D. *La haine du désir*. Paris, Christian Bourgois Editeur, 1978.

- Simone de Beauvoir. *A Very Easy Death*. Nova York, Warner Paperback, 1973.
- Souza Brandão, Junito. *Mitologia Grega*, vol.I. Petrópolis, Vozes, 1986.
- Souza, Octavio. « O nome do pai no tratamento da histeria ». *Revirão 3*. Rio de Janeiro, 1987.
- Tallandier, Gérôme. « Présentation br ve du Séminaire de J. Lacan sur l'identification », in David-Ménard, Monique; Florence, Jean *et alli*. *Les identifications*. Paris, Deno l, 1987.
- Tannen, Deborah. *You Just Don't Understand : Women and Men in Conversation*. Nova York, William Morrow and Company, 1990.
- Teixeira, Marcus do Rio. *A feminilidade na psicanálise*. Salvador,  galma, 1991.
- Wedekind, Frank. *L' veil du printemps*. Paris, Gallimard, 1974.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, pela  
aluna Maria Isabel de Andrade Fortes, intitulada "O que ela tem que eu  
não tenho?: Uma questão no estudo da sexualidade feminina em Freud e  
Lacan".



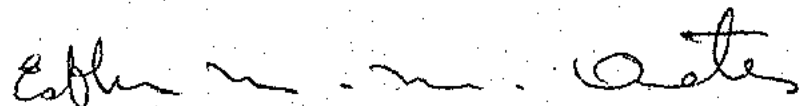
Octávio Almeida e Souza  
prof. Co-Orientador  
PUC/Rio



Tania Coelho dos Santos  
UFRJ



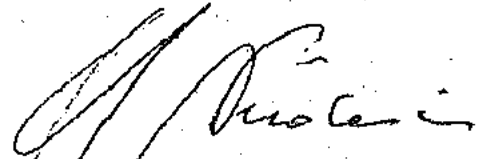
Regina Herzog de Oliveira



Esther Maria de M. Arantes  
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1993.



Ana Maria Nicolaci-da-Costa  
Coordenadora dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de Teo-  
logia e Ciências Humanas.